



UNIVERSIDADE LUSÓFONA
de Humanidades e Tecnologias
Humani nihil alienum

ISABEL MARIA DE MATOS ABREU DOS SANTOS

SERVIÇO SOCIAL E EMPREENDORISMO

*Um estudo de iniciativas empresariais de assistentes sociais na
área das pessoas idosas em Portugal*

Orientador: Professor Doutor Francisco Branco

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia

Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa

2009



ISABEL MARIA DE MATOS ABREU DOS SANTOS

SERVIÇO SOCIAL E EMPREENDORISMO

*Um estudo de iniciativas empresariais de assistentes sociais na
área das pessoas idosas em Portugal*

*Dissertação apresentada para obtenção do grau de
mestre no curso de Mestrado em Serviço Social e política
social, conferido pela Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologia*

Orientador Científico: Prof. Doutor Francisco Branco

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia

Departamento de Ciências Sociais e Humanas

Lisboa

2009

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos aqueles que ao longo destes dois anos estiveram presentes, incentivando-me dando-me estímulo, motivação, conselhos e sugestões nomeadamente amigos, colegas, professores e alunos cuja lista de nomes seria demasiada extensa para enumerar aqui.

A todos um muito obrigada!

Não obstante gostaria de agradecer de forma especial ao Professor Doutor Francisco Branco meu orientador, pelas sugestões, críticas e elevado rigor e dedicação que dedicou a este trabalho

À professora Doutora Maria José Queiroz pela amizade e confiança depositadas.

À minha querida colega e amiga Carla Ribeirinho pela força e incentivo que me deu para iniciar esta caminhada.

Às colegas assistentes sociais que se disponibilizaram a participar neste estudo sem as quais não poderia ter sido efectuado com um nível de reflexão tão profundo e enriquecedor.

Um agradecimento muito especial à minha família, pela presença consubstanciada em companheirismo genuíno, pela paciência, por nunca terem deixado de acreditar na concretização deste trabalho e por todos os dias que ao longo destes dois anos nunca deixaram de me apoiar .

SIGLAS UTILIZADAS

SAD – Serviço de Apoio Domiciliário

SS – Serviço Social

AS – Assistente Social

ISS – Instituto de Segurança Social

IPSS – Instituições particulares de solidariedade social

ISSSL – Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa

ISSSP – Instituto Superior de Serviço Social do Porto

ISSSC – Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra

RESUMO

Esta dissertação tem como temática a actividade empresarial dos assistentes sociais, nomeadamente na área das respostas sociais para pessoas idosas (SAD, Lares e Centros Geriátricos).

Do ponto de vista analítico o trabalho desenvolve-se em dois eixos principais. Num primeiro plano exploram-se diferentes perspectivas sobre o empreendedorismo (o empreendedorismo do ponto de vista económico, de gestão e da psicologia do comportamento) e uma breve análise do empreendedorismo em Portugal. Num segundo plano analisam-se as transformações na clientela do Serviço Social mormente em face da emergência de novas necessidades sociais e perfis na área das pessoas idosas.

Do ponto de vista empírico o trabalho consistiu no levantamento das iniciativas empresariais de assistentes sociais em Portugal continental na área das respostas a pessoas idosas e na realização de entrevistas aos empreendedores incidindo sobre o percurso académico e profissional dos assistentes sociais, o seu perfil como empreendedores e as dinâmicas empreendedoras presentes.

Não existindo um grau de certeza absoluta considera-se que o universo das iniciativas empresariais de assistentes sociais na área dos idosos estará muito próximo do apurado.

Este estudo (que pretendeu ser apenas uma porta para muitas reflexões acerca destas novas dinâmicas) de intervenção dos Assistentes Sociais, associando o económico e o social, sem necessidade de serem antagónicos e sem pôr em causa o bem-estar do individuo ou grupo ou comunidade no qual intervimos.

Será com certeza uma opção ao crescente desemprego que tem vindo a aumentar e que não se percebe que venha a diminuir, e permite igualmente aos AS sentirem que têm a possibilidade de construir respostas sociais com as quais se identifiquem, vendo aumentada a sua satisfação profissional.

ABSTRACT

This work has as main theme the work of social workers from a business point of view, especially in the area of social responses for older people.

In theoretical terms, this work develops two different subjects: In one hand, it explores several views of Entrepreneurship and in the other hand it analyses the transformations that have occurred concerning the type of clients facing the rise of new and better social needs as well as profiles in older people's area.

In a pragmatic point of view, the work consisted in taking acknowledge of some initiatives of social workers, related with business in Portugal, in the area of responses to older people and in interviewing this same entrepreneurs in order to take a close look about their academic and work based experience, their profile as entrepreneurs and their entrepreneurship dynamics.

Having no exact certainty, it is considered that the actual organizational initiatives from social workers are close to the universe studied.

INTRODUÇÃO	8
Capítulo I – Empreendedorismo: Diferentes perspectivas	18
1.1 Empreendedorismo na visão económica.....	22
1.2 Empreendedorismo na visão da psicologia comportamentalista	23
1.3 Empreendedorismo na visão de Gestão.....	28
1.4 Empreendedorismo em Portugal	30
Capítulo II – «Welfare-Mix» e Respostas sociais a pessoas idosas	35
Capítulo III – iniciativas empresariais de assistentes sociais na área das pessoas idosas	41
1 Actividade empresarial dos assistentes sociais	42
1.1 Percurso académico e profissional	42
1.2 Idade e Formação Académica	43
1.3 Percurso Profissional até à criação da iniciativa empresarial.....	44
1.4 Satisfação Profissional.....	46
1.5 Circunstâncias ligadas à iniciativa empresarial.....	49
2 Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais	51
2.1 Motivação e auto conceito como empreendedor	51
2.2 Iniciativas Empresariais dos A.S./Opiniões/Satisfação com a actividade Profissional Actua.....	57
2.3 Capital cultural e técnico e necessidades de outras formações.....	60
3 Dinâmicas Empreendedoras dos Assistentes Sociais	63
3.1 Potencialidades e limitações na implementação da empresa	66
3.2 Posicionamento face À dupla condição de Assistente Social e Empresária.....	68
3.3 Factores desencadeadores da iniciativa empreendedora	69
CONCLUSÃO	71
Bibliografia	77
Apêndices	81

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como temática a actividade empresarial dos assistentes sociais, nomeadamente na área das respostas sociais para idosos (SAD, Lares e Centros Geriátricos).

A justificação desta investigação prende-se quer com a ausência de estudos relativos ao estudo do empreendedorismo dos assistentes sociais, quer a motivações pessoais e profissionais na actual conjuntura social e económica existente no nosso país.

As grandes mudanças ocorridas nos últimos 30 anos conduziram a profundas alterações nas estruturas familiares. Por outro lado, o crescente envelhecimento da população, o declínio do tradicional apoio familiar aos idosos consequência das alterações nas estruturas familiares, estão a afectar todo o campo social e a gerar uma profunda crise no Estado Providência. Face à magnitude dos problemas e à redução do papel do Estado abriram-se espaços para novas formas de intervenção designadamente de empreendedorismo e empreendedorismo social.

Neste contexto surgem novas organizações de apoio social, nomeadamente na área de intervenção social junto de pessoas idosas que apresentam um novo perfil social e económico (estrutura familiar mais reduzida mas com mais recursos económicos, com maior informação relativamente aos seus direitos, reclamando novas formas de atendimento e qualidade de vida no envelhecimento).

Segundo McDonald e Jones (1999), os assistentes sociais não sendo passivos e, dadas as mutações sociais actuais, têm procurado desenvolver e promover novas práticas, que representam também possíveis formas de intervenção, podendo vir a desenvolver carreiras de empresários e líderes políticos.

Para além das justificações de ordem social, a temática deste estudo resulta igualmente da experiência pessoal, de trabalho e formação na área do apoio a idosos numa instituição pública e numa empresa privada.

Do cruzamento destas experiências diferentes é perceptível a necessidade das duas respostas sociais, a pública e a privada, existindo clientes posicionados nas duas áreas:

– idosos carenciados com fracos recursos económicos para os quais a resposta social do Estado é a única possível,

– idosos mais diferenciados, com um poder económico ao nível da classe média, que estão fora dos critérios de admissão das instituições públicas, mas que também, obviamente, têm necessidade urgente de apoio social.

Este novo público-alvo apresenta uma maior diferenciação nomeadamente ao nível cultural, económico e social. Muitos têm seguros de saúde e de protecção social e são mais exigentes na qualidade das respostas. Assim, começam a questionar-se as respostas existentes muitas delas desadequadas à nova geração de idosos, surgindo a oportunidade para os assistentes sociais se tornarem empreendedores e desenvolverem projectos de qualidade, sendo disso exemplo a implementação de empresas privadas como alternativas às respostas tradicionais existentes.

Este trabalho de investigação tem assim um duplo objectivo. Por um lado, pretende-se compreender as dinâmicas do empreendedorismo na área do Serviço Social. Apurando se já existem empresas privadas de Assistentes Sociais, onde estão sedeadas, em que áreas actuam, que serviços prestam, qual a avaliação feita pelas profissionais envolvidas nestas iniciativas, etc. . Por outro lado, intenta-se contextualizar a emergência destas iniciativas empresariais na trajectória profissional dos assistentes sociais, tentando compreender, se estamos face decisões associadas a crises identitárias em termos profissionais, a necessidade ou desejo de reorganização da carreira, a mudanças no padrão tradicional do serviço social (tradicionalmente vocacionado para o serviço público e agora tendencialmente a exercer-se mais em IPSS, ONG e Privados) ou a insatisfação profissional e /ou relativa ao estatuto profissional.

Questões e objecto de investigação.

O presente trabalho constitui como objecto de investigação o empreendedorismo dos assistentes sociais com empresas privadas na área dos idosos, SAD e Lares. Este trabalho inscreve-se em termos teóricos na articulação entre conhecimentos do empreendedorismo,

questões de políticas sociais no âmbito da gerontologia e a intervenção social com pessoas idosas em contexto de empresas privadas.

As **questões de investigação** que orientam este estudo são designadamente: :

- Quem são os Assistentes sociais empreendedores?
- Que factores tornaram os Assistentes Sociais empreendedores?
- O empreendedorismo nos Assistentes Sociais corresponde a uma insatisfação com as respostas sociais existentes?
- Como é que estas iniciativas se inscrevem na trajetória pessoal e profissional dos assistentes sociais?
- O empreendedorismo corresponde a uma nova forma de emprego ou auto emprego?

O que se pretende fundamentalmente é compreender se o empreendedorismo dos AS, a existir, corresponde a uma insatisfação com as respostas sociais existentes, ou uma nova forma de emprego/ auto emprego, proporcionando um maior nível de satisfação para estes profissionais.

Como **objectivos gerais** foram estabelecidas propósitos de ordem descritiva e de ordem compreensiva:

- a) Proceder ao mapeamento das empresas de assistentes sociais existentes em Portugal na área dos idosos.
- b) Traçar o perfil dos assistentes sociais que são empreendedores
- c) Compreender a dinâmica do empreendedorismo dos assistentes sociais

Como **objectivos específicos**:

- a) Conhecer a forma como estão organizadas as empresas privadas de assistentes sociais.
- b) Averiguar quais os sucessos e as dificuldades na prática profissional dos assistentes sociais neste âmbito

- c) Definir o perfil do empreendedor social.
- d) Definir o perfil do assistente social empreendedor

Metodologia de investigação: apresentação e fundamentação

A ambição desta investigação era a de abranger a totalidade das empresas de assistentes sociais na área dos idosos existentes em Portugal. Tendo um levantamento preliminar permitido apurar a existência de 12 iniciativas distribuídas pelo país embora com uma maior concentração na área da grande Lisboa e do grande Porto.

Este levantamento foi efectuado com base na Carta Social, na qual a maioria das empresas está inscrita, complementada por contactos com os serviços da Segurança Social dos diversos distritos do Continente, nos quais são obrigatoriamente registados os alvarás de funcionamento ou os pedidos dos mesmos e ainda por contactos informais.

Não existindo um grau de certeza absoluta considera-se que o universo das iniciativas empresariais de assistentes sociais na área dos idosos estará muito próximo do apurado.

Este estudo embora pretendesse abranger todas as empresas, limitar-se-á a uma amostra de 10 (sendo duas de resposta social de Lar e 8 de SAD) uma vez que existem duas que não se mostraram disponíveis para a prestar colaboração.

Este trabalho adoptou numa abordagem qualitativa dos fenómenos sociais, privilegiando a importância da construção do conhecimento através de uma abordagem compreensiva e interpretativa dos fenómenos.

A pesquisa qualitativa procura significados (processos comportamentos, actos), interpretações, sujeitos e as suas histórias. O seu objectivo específico é precisamente a captação e reconstrução de significado sendo o seu modo de captar informação não estruturada mas sim flexível.

Este método fundamenta a investigação em dois sentidos: por um lado permite ajustar as expectativas que os investigadores têm sobre determinado problema social à realidade, existindo um corte com o senso comum; por outro lado, permite conhecer em maior

profundidade os comportamentos e as diferenças manifestas no interior de cada um dos grupos sociais estudados.

Martinelli (1999) salienta a importância do contacto directo com o sujeito da pesquisa, pois considera que, se queremos conhecer modos de vida, temos de conhecer as pessoas, ou seja, esta autora sublinha a importância de, na pesquisa qualitativa, haver um contacto pesquisador-sujeito, para que as informações ganhem “vida”.

Assim a realidade do sujeito é conhecida a partir dos significados que por ele lhe são atribuídos, sendo precisamente devido a este facto que se privilegia a narrativa oral. Seguimos então a perspectiva de Guerra (2002), quando afirma que para se entender qualquer fenómeno social é necessário compreender as racionalidades dos actores, entendidas como a forma de utilização dos seus recursos próprios (capacidades, crenças etc.), ou colectivos (meios, valores de referência etc.), para responder a uma determinada situação.

Procurámos adoptar técnicas qualitativas, uma vez que estas procuram captar o processo de construção social, reconstruindo os conceitos e as acções da situação estudada, para descrever e compreender os meios através dos quais os sujeitos desenvolvem acções significativas (Olabuénaga, 1999).

Neste sentido e como advoga Martinelli (1999: 24) o que interessa não é o número de pessoas que prestam informação mas o significado que esses sujeitos têm, de acordo com o que procuramos com a investigação.

Como já foi referido procedeu-se a uma investigação a dez empresas de assistentes sociais nas valências de SAD e Lares de Portugal continental. O período a que se reporta esta investigação refere-se ao período de 1 de Junho a 30 de Julho de 2009.

Refira-se ainda que o acolhimento por parte das entrevistadas foi bastante positivo o que facilitou a imersão no quotidiano do funcionamento de cada uma das empresas.

Procedimentos e técnicas de recolha e análise de dados

Tendo em conta o tipo de abordagem em que nos situamos e na tentativa de recolher informações significativas e o mais aprofundadas possíveis face ao objecto de estudo, optámos pela técnica da entrevista semi-estruturada a todos os assistentes sociais das empresas envolvidas no estudo.

Esta entrevista, semi-directiva ou semi-estruturada pressupõe a extracção de informação generalizada acerca do tema que queremos abordar.

Segundo Rodolphe Ghiglione e Benjamim Matalon (1993: 92) relativamente à entrevista semi-directiva

“ existe um esquema de entrevista, porém a ordem pela qual os temas podem ser abordados é livre; se o Entrevistado não abordar espontaneamente um ou vários dos temas do esquema o Entrevistador deve propor-lhe o tema. No âmbito de cada tema os métodos aproximam-se dos da entrevista livre.”

Face aos conceitos apresentados no enquadramento teórico, tentámos chegar à compreensão dos fenómenos a partir dos padrões provenientes da recolha dos dados fornecidos pelas entrevistas. A informação recolhida não pretendeu verificar hipóteses pré definidas. O estudo pretendeu ser holístico, ou seja, ter em conta a realidade global, sendo que os sujeitos e as situações não são reduzidas a variáveis mas sim vistas como um todo e a partir dos seus quadros de referência.

Como já foi referido, foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas às assistentes sociais das empresas privadas objecto do nosso estudo.

Este tipo de entrevista pareceu-nos ser aquela que melhor se adaptava aos objectivos desta investigação, dado que sendo menos rígida do que a entrevista estruturada ou padronizada, se constitui como um protocolo em que o entrevistador, embora tendo um conjunto de questões previamente definidas, pode sempre introduzir novas questões de forma a obter mais informações. Neste sentido, há a possibilidade de adaptação do instrumento de pesquisa ao nível de compreensão e receptividade do entrevistado.

Foi elaborado um guião para as dez entrevistas mas, procurou-se respeitar uma baixa directividade na condução da conversa, para que as entrevistadas expressassem livremente as suas concepções e práticas e retratassem as suas vivências.

As entrevistas decorreram nas respectivas empresas, tendo sido dadas às entrevistadas espaço para se exprimirem livremente, facilitando a reflexão sobre a sua experiência profissional.

Foi utilizado o gravador como forma de registo fidedigno do discurso proferido.

De seguida procedeu-se à transcrição integral das entrevistas, à sua leitura e análise, anotando todos os aspectos significativos que emergiam do discurso. Depois desta tarefa procurou-se agregar por enunciados que viriam a ser estruturados por temas e categorias (Cf. Quadro 1, na página seguinte).

Quadro1: Grelha de Análise Categorical das entrevistas

Tema	Categorias
Percurso Académico e Profissional dos Assistentes Sociais	Idade e Formação Académica
	Percurso profissional até à criação da iniciativa empresarial
	Grau de Satisfação profissional
	Circunstâncias associadas à iniciativa empresarial
Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais	Motivação e Auto-conceito como empreendedor
	Iniciativas Empresariais dos AS/ Opiniões / Satisfação com a actividade profissional actual
	Capital de formação / necessidade de outras formações
Dinâmicas Empreendedoras dos Assistentes Sociais	Potencialidades e limitações na implementação da empresa
	Posicionamento assistente social e empresário
	Factores Empreendedores nestas dinâmicas

Fonte: Entrevistas às Assistentes Sociais com Iniciativas Empresariais na área dos Idosos, 2009

Depois de elaborada esta categorização, organizou-se a informação em quadros, os quais designámos de grelhas de análise de conteúdo, onde foi colocada toda a informação considerada pertinente retirada das entrevistas.

Posteriormente foram seleccionados os excertos dos discursos para o corpo deste trabalho, que procurou ser a mais adequada às circunstâncias, tentando respeitar, tanto quanto possível o sentido das narrativas integrais.

Para proceder à análise de toda a informação recolhida através destas técnicas utilizou-se a análise de conteúdo qualitativa. Esta tem um papel cada vez mais importante na investigação social dado possibilitar o tratamento de informações de forma metódica e com rigor.

Todo o processo de análise da informação processou-se por tentativas, avanços e recuos, obrigando à leitura sistemática do material. Este processo revelou-se um trabalho bastante complexo e demorado, num reajustamento constante de categorização.

Para além desta introdução geral, o presente trabalho estrutura-se em três capítulos:

No primeiro Capítulo, O Empreendedorismo, procede-se, para além de uma contextualização geral a uma abordagem do ponto de vista da economia, do ponto de vista da psicologia e comportamento e por último do ponto de vista da gestão. Para além de se abordar o empreendedorismo sob várias ópticas procede-se à sua contextualização em Portugal.

No segundo Capítulo, desenvolve-se uma reflexão sobre os impactos que o envelhecimento da população tem nas novas Políticas Sociais (a reorientação das políticas sociais no sentido do designado *Welfare Mix*, de responsabilidade partilhada família, comunidade), face às alterações das estruturas familiares, com uma maior focalização para a vertente dos cuidados sociais, bem como, o impacto destas alterações nos tradicionais clientes do serviço Social e a sua transformação em novos públicos alvos de intervenção social.

Em suma, todo o enquadramento teórico deste trabalho foi sendo construído progressivamente, a partir de um conjunto de leituras que nos forneceram as diferentes perspectivas de base que apresentamos nos três primeiros capítulos. Em cada um deles, procurámos fazer um balanço das várias abordagens dos problemas em discussão pelos vários autores, enumerando os diferentes pontos de vista adoptados.

No Capítulo terceiro, a Actividade Empresarial dos Assistentes sociais na área das respostas sociais para idosos, são apresentados os resultados do trabalho de campo desenvolvido através das entrevistas. O conteúdo deste capítulo está organizado de acordo com as categorias de análise definidas com base na informação recolhida.

No final, apresenta-se a conclusão deste trabalho, onde se apresenta uma síntese geral de todo o percurso teórico e empírico da pesquisa.

CAPITULO I – EMPREENDORISMO: DIFERENTES PERSPECTIVAS

O termo empreendedorismo foi utilizado pelo economista Joseph Schumpeter em 1950 para designar uma pessoa com criatividade e capaz de fazer sucesso com inovações. Mais tarde em 1967, com Kenneth E. Knight e em 1970, com Peter Drucker, foi introduzido o conceito de risco, pelo que uma pessoa empreendedora é considerada aquela que arrisca num negócio. Em 1985, com Gifford Pinchot, foi introduzido o conceito de intra-empreendedor, uma pessoa empreendedora mas dentro de uma organização.

Uma das definições mais aceites hoje em dia é dada pelo estudioso em empreendedorismo Robert Hirsch (1998). Segundo ele o empreendedorismo é o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando-lhe o tempo e esforço necessários, assumindo riscos financeiros, psicológicos e sociais tendo como recompensa a satisfação económica e pessoal.

A satisfação económica é o resultado de um objectivo alcançado e não um fim em si mesmo.

Empreendedorismo é o principal factor promotor do desenvolvimento económico de um país. Esta é a conclusão do Global Entrepreneurship Monitor baseado na pesquisa da Kauffman Foundation, e da London Business School a partir de pesquisas realizadas em vários países da Europa e da América do Norte (GEM: 2002).

Numa breve análise histórica verifica-se que a palavra empreendedorismo surgiu em França por volta dos séculos XVII/XVIII com o objectivo de designar aquelas pessoas ousadas que estimulavam o progresso económico actuando mediante novas e melhores formas de agir.

Entretanto foi o economista Jean Baptiste Say e mais tarde Joseph Schumpeter que definiriam o indivíduo empreendedor como o que reforma ou revoluciona o processo “criativo-destrutivo” do capitalismo através de uma nova tecnologia ou do aperfeiçoamento de uma já antiga – **a inovação**. Sendo assim estas pessoas são agentes de mudança na economia.

Posteriormente Peter Drucker considerado o “ pai da administração moderna” é que amplia a definição descrevendo os empreendedores como aqueles que aproveitam as oportunidades para criar mudanças. Segundo Meredith, Nelson e Nech (1982)

” Empreendedores são pessoas que têm habilidade de ver e avaliar oportunidades de negócio e providenciar recursos para os pôr em situação vantajosa de forma a assegurar o seu sucesso; assumem riscos para atingirem os seus objectivos, (Meredith, Nelson e Nech ,1982: 68).

Nas últimas duas décadas tem sido dado grande relevo às problemáticas de criação do auto-emprego e do empreendedorismo.

A importância dada a estas questões deve-se às profundas mudanças ocorridas nas políticas sociais a partir dos anos 80 como a desregulamentação e a privatização de vários sectores e a alteração dos regimes de protecção social.

Assim a criação de pequenas empresas é cada vez mais encarada como uma modalidade de activar os desempregados e uma forma de reduzir a sua dependência dos sistemas de protecção social pública.

O empreendedorismo tem sido abordado de diferentes formas por diferentes autores ao longo de sua história. Isso porque o tema tem sido objecto de estudo das mais diversas áreas das ciências humanas: Economia, Administração, Psicologia, Sociologia, entre outras. Embora muitos economistas de renome venham há mais de um século afirmando que o ...”*empreendedorismo é uma das mais importantes forças dinâmicas capazes de moldar a paisagem económica actual, as causas e os impactos desse fenómeno são ainda muito mal compreendidos...*” (GEM, 2002). É um campo de pesquisa recente, com as suas bases teóricas e empíricas ainda em construção, apresentando uma série de aspectos ainda pouco claros, com novos estudos a surgirem todos os dias. Freire ...” *entende que a larga abrangência de interesses sobre o empreendedorismo indica um campo de conhecimento ainda sem contornos nem regiões internas nítidas, o que dificulta uma definição precisa do termo...*”(Freire, 2001: 53).

E, qual a razão de tanto interesse no empreendedorismo ? O empreendedor é identificado como um dos factores de crescimento e desenvolvimento económico da

sociedade, pois é ele quem gera riquezas, implementando inovações de todos os tipos nas organizações actuais.

Filion (1999) define o empreendedorismo como o campo que estuda os empreendedores. Examina as suas actividades, características, efeitos sociais e económicos e os métodos de suporte usados para facilitar a expressão da actividade empreendedora.

Empreendedorismo é um elemento importante da economia de qualquer país. A iniciativa de indivíduos que desenvolvem e empreendem ideias contribui para que a economia se estruture, cresça e consolide, criando riqueza e gerando empregos. O empreendedor deveria ser por todos os aspectos o centro de atenção das instituições de uma sociedade.

Historicamente, o nascimento do empreendedorismo como disciplina é creditado aos economistas Cantillon e Say. Com o desenvolvimento económico, a ascensão do capitalismo a personalidade do empreendedor passou a ser objecto de estudo também da Psicologia. Os primeiros estudos na área da psicologia comportamental, conduzidos por David McClelland, procuravam determinar o perfil dos empreendedores de sucesso. Na segunda metade do século XX, o Empreendedorismo deixa de ser visto como uma função económica ou um comportamento pessoal e estende-se a outras áreas do conhecimento.

Hoje, e segundo Filion (1999), não se fala em estabelecer um “perfil do empreendedor de sucesso”, mas nas habilidades que se deve ter (ou desenvolver) para ser um bom empreendedor e nos métodos de aprendizagem pessoal e organizacional necessários a ajustar-se às mudanças nas actividades relacionadas com o ofício empreendedor .

No campo social, surge o empreendedor social que *“assume uma atitude de inconformismo e crítica diante das injustiças sociais existentes em sua região e no mundo”* Melo Neto (2002: 34) e, dessa forma, o empreendedorismo social vem conjugar esforços no sentido de aliar as práticas de mercado e a visão empresarial com o desenvolvimento humano, propondo soluções para os problemas sociais.

Contudo, também a qualidade de vida nas organizações tem vindo a sofrer alterações. A mecanização e a burocratização do trabalho e do trabalhador fizeram com que surgissem desajustes comportamentais e inadequações do homem perante o trabalho. Na abordagem Clássica, as organizações eram vistas como sistemas fechados, e a eficácia e o sucesso dependiam da eficiência das operações internas. Como observa Moscovici (1999: 2):

“há um evidente e imenso descompasso entre progresso tecnológico e progresso social em termos de qualidade de vida. O primeiro cresce em ritmo exponencial enquanto o outro se arrasta penosamente como réptil, com retrocessos inexplicáveis”

Entretanto, a tendência actual quanto à organização do trabalho tem demonstrado que se deve redefinir o paradigma presente na sociedade e nas organizações.

Esta nova abordagem tem como objectivo a satisfação do trabalhador, a reorganização do ambiente de trabalho, os objectivos e metas organizacionais e pessoais, e consequentemente um aumento na qualidade e produtividade.

O interesse pelo empreendedorismo ocorre num período de transição global (a globalização) no qual encontramos mudanças estruturais nos sectores cultural, educacional, tecnológico, económico e político. O conceito assume diferentes leituras consoante as diversas ópticas e perspectivas de quem o define.

Assim procura-se analisar de uma forma sumária os conceitos do empreendedorismo segundo uma visão económica, da psicologia comportamental e da gestão.

1.1 EMPREENDORISMO NA VISÃO ECONÓMICA

Foi com Richard Cantillon (escritor e economista do século XVII) que o termo ganhou seu significado actual de “entrepreneur” e era usado para descrever uma pessoa que comprava matéria-prima, a processava e vendia para outra pessoa. O empreendedor era, então, alguém que, tendo identificado uma oportunidade de negócio, assumia o risco, decidindo processar e revender matéria-prima; conhecia os custos, mas não o lucro. Cantillon já diferenciava o empreendedor do capitalista e reconhecia a actividade comercial como uma função especulativa na sociedade (cf. Fillion, 1999).

Jean-Baptiste Say (1767-1832) elaborou uma teoria das funções do empresário, conferindo especial importância ao empreendedor no crescimento da economia. Adam Smith (1937) definiu o empreendedor como um proprietário capitalista, um fornecedor de capital e, ao mesmo tempo, um administrador que se interpõe entre o trabalhador e o consumidor.

Outro nome histórico de destaque é o do economista Joseph Alois Schumpeter (1883-1950) na sua obra *The Theory of Economic Development*, em que abalou as teorias de empreendedorismo vigente introduzindo o conceito de Inovação, abordando o empreendedor e o seu impacto sobre a economia, estabelecendo os conceitos de “destruição criadora” e de “empresário empreendedor”, desta forma, diferenciando os conceitos de empresário e empreendedor:

“O empreendedor é aquele que destrói a ordem económica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais” (Schumpeter, 1982: 34).

Foi Schumpeter quem associou definitivamente o termo empreendedor à inovação, colocando o empresário empreendedor como o agente básico do processo de destruição criadora: *“é ele que desafia o mercado, acciona e mantém em marcha o motor capitalista”* (Schumpeter, 1982: 65)

Os economistas relacionaram o empreendedor à inovação e ao desenvolvimento económico, mas foi necessária uma análise mais aprofundada do comportamento do empreendedor para responder às seguintes questões: quem é o empreendedor? Como reconhecê-lo? Nascerem prontos? Como formá-los? Eu posso vir a ser um empreendedor de sucesso?

O que pode ser observado é que o empreendedor possui características que as outras pessoas não possuem. Algumas podem ser inatas, mas, e outras, podem ser adquiridas? Neste aspecto, o empreendedorismo passou a ser de interesse também para os estudiosos do comportamento humano.

1.2 EMPREENDORISMO NA VISÃO DA PSICOLOGIA COMPORTAMENTALISTA

Para que se pudesse compreender quem e como é o empreendedor, estudos foram realizados no campo da Psicologia, primeiramente por McClelland (1987) e Atkinson (1996) determinando quais os comportamentos e características apresentados pelos empreendedores de sucesso.

McClelland (1962) identificou nos empresários de sucesso um elemento psicológico crítico denominado por ele de “motivação da realização”. A necessidade de realização faz com que o empreendedor execute da melhor forma possível aquilo a que se propõe e atinja os seus objectivos.

O impulso para a acção que possibilita aos empreendedores a procura do desenvolvimento, conhecimento e inovação, constitui as necessidades humanas individuais, que podem ser chamadas de desejos, aspirações, objectivos individuais.

O comportamento do empreendedor, na sua busca incessante de satisfação, é a chave do sucesso para o desenvolvimento do seu empreendimento, razão da importância de conhecermos as necessidades que o motiva, pois, como diz Moscovici (1996: 77):

“a motivação humana é constante, infinita, flutuante e complexa. O indivíduo é um todo organizado e integrado. O indivíduo como um todo se motiva, e não apenas parte dele, e a satisfação, conseqüentemente, atinge o indivíduo todo”.

Birley e Westhead (1992) estudaram as necessidades mais comuns dos empreendedores, entrevistando cerca de 1.000 empresários de 11 países, e apresentam-nas como sendo basicamente de cinco tipos:

a) Necessidade de aprovação: envolve aspectos como a possibilidade de alcançar uma alta posição na sociedade, ser respeitado por amigos e ser reconhecido por suas conquistas.

b) Necessidade de independência: o empreendedor necessita de liberdade para trabalhar e controlar o seu tempo, ter autonomia e liberdade para a iniciativa. Esta necessidade evidencia uma certa dificuldade em cumprir regras e normas impostas por outras pessoas ou pela organização.

c) Necessidade de desenvolvimento pessoal: significa a procura constante de novos conhecimentos, sendo facilmente identificável em indivíduos que estão sempre procurando o novo nas suas vidas.

d) Necessidade de segurança: relaciona-se com a auto preservação, que consiste em proteger-se de perigos físicos ou psicológicos, reais ou imaginários.

e) Necessidade de auto-realização: empreendedores procuram constantemente aperfeiçoar seus desempenhos e realizações, resolvendo situações que signifiquem desafios à sua capacidade.

Da mesma forma que para os demais indivíduos, os empreendedores apresentam necessidades pessoais diferentes ao longo de sua vida, e à medida que alguma delas é satisfeita, outra surge em seu lugar. As suas necessidades geram o impulso para a acção e suas acções definem o seu comportamento, que por sua vez gera novas necessidades.

Um comportamento empreendedor apresenta um conjunto de características específicas:

1. Procura de oportunidade e iniciativa

O empreendedor aproveita oportunidades fora do comum para começar um negócio novo, obter financiamentos, equipamentos, local de trabalho ou assistência.

2. Persistência

“O sucesso nos negócios depende de 10% de inspiração e 90% de transpiração” é o lema para o trabalho dos empreendedores.

3. Comprometimento

Assim como a persistência é a energia, o comprometimento é sacrifício e o esforço pessoal para que os objectivos sejam alcançados.

4. Qualidade e eficiência

Constantemente, o empreendedor busca maneiras de realizar tarefas com maior rapidez, menor custo e maior qualidade, experimentando soluções melhores para problemas que muitas pessoas, com menor necessidade de realização, consideram resolvidos.

5. Correr riscos calculados

O empreendedor analisa as alternativas e calcula e gere os riscos cuidadosamente. Conhece profundamente o ambiente do negócio e por isso pode antever problemas e sucessos.

6. Estabelecimento de metas objectivas

As pessoas geralmente têm sonhos e alguns objectivos a curto prazo, na maioria das vezes, vagamente definidos. A tendência do empreendedor é definir os objectivos de longo prazo e estabelecer os de curto prazo que lhe possibilitem reunir as condições necessárias para a realização de seus projectos mais amplos.

7. Procura de informação

Com objectivos claros e definidos, a tendência do empreendedor é realizar uma cuidadosa procura das informações necessárias para fundamentar e possibilitar a elaboração de estratégias racionais, com boas hipóteses de êxito.

8. Planeamento e monitorização sistemáticos

Sempre procurando informações e actualizando activamente as fontes que lhe permitem avaliar criticamente as consequências das próprias acções, o empreendedor tem os elementos necessários para a formulação de estratégias que lhe possibilitem alcançar os resultados pretendidos.

9. Persuasão e redes de contactos

Poder é a capacidade de conseguir que se façam as coisas como e quando se quer, de operar mudanças no mundo e de conseguir cooperação e acção. Os empreendedores são optimistas e criativos e, desta forma, obtêm a confiança e o apoio das pessoas com as quais mantêm relações comerciais.

10. Independência e autoconfiança

Além de independentes, os empreendedores de sucesso são pessoas auto confiantes que aceitam correr riscos e assumem responsabilidade pessoal por sucesso ou fracasso.

Actualmente, pesquisadores citam características diversas destas, e há uma série extensa de habilidades e atributos pessoais que podem ser desenvolvidos pelos empreendedores. O Quadro 2, baseado em Gibb (1988), Pati (1995), Filion (1999), Dornelas (2001) e Leite (2002), cita outras características do comportamento empreendedor.

Quadro 2: Características dos empreendedores de sucesso

São visionários	Têm a visão de como será o futuro do seu negócio e de sua vida – têm a habilidade de implementar seus sonhos – querem mudar o mundo
Sabem tomar decisões	Não se sentem inseguros, tomam a decisão correcta na hora certa e a implementam rapidamente.
São indivíduos que fazem a diferença	Agregam valor aos seus serviços e produtos. Criam valor para a sociedade, melhorando a vida das pessoas.
São optimistas e apaixonados pelo que fazem	Adoram o trabalho que realizam. O optimismo permite enxergar o sucesso, em vez de imaginar o fracasso.
Têm auto-controle	Têm capacidade de controlar ou redireccionar impulsos e estados de espírito perturbadores. Propensão a não julgar e a pensar antes de agir. Apresentam bem-estar na ambiguidade.
Desenvolvem o auto-conhecimento	Têm capacidade de reconhecer e compreender estados de espírito, emoções, impulsos, bem como o efeito desses aspectos sobre outras pessoas. Capacidade de rir de si mesmos. Sensibilidade aos outros.
São criativos inovadores	Identificam novas e produtivas formas de desempenhar tarefas. Têm visão holística (percepção global da situação e/ou problema).
Apresentam valores éticos	Prosperam trabalhando longas horas e conduzindo seus Empreendimentos dentro dos maiores padrões éticos e morais. Acreditam no trabalho como participação e contribuição social.

Fonte: Elaborado com base em Gibb(1988) Pati (1995),Filion(1999) ,Dornelas e Leite (2000)

Após esta breve apresentação do empreendedor na visão dos economistas – como aquele que gera riquezas através da inovação, e dos psicólogos, como pessoas dotadas de uma

série de características especiais que podem ser aprendidas, apresentamos a abordagem deste tema segundo a visão dos gestores.

1.3 EMPREENDEDORISMO NA VISÃO DE GESTÃO

“A capacidade empreendedora não é nem um conjunto de características da personalidade nem uma função económica. É, isto sim, um padrão coeso e mensurável de comportamento de gestão” afirma Stevenson (2001: 7). Ele coloca a capacidade empreendedora como uma abordagem à administração que define como a “exploração de oportunidades independentemente dos recursos que se tem à mão”, e apresenta as seis dimensões críticas da prática dos negócios.

Define estas dimensões a partir de um espectro de comportamentos onde numa das extremidades está o “promotor” (empreendedor), que confia na sua capacidade de agarrar uma oportunidade independentemente dos recursos disponíveis, e na outra o “guardião” (gerente ou administrador), que enfatiza a utilização eficaz dos recursos existentes. Entre as extremidades deste espectro há um conjunto de comportamentos administrativos. O Quadro 3 resume as seis dimensões empreendedoras (cf. página seguinte).

Peter Drucker (1999) representa o ‘espírito empreendedor’ como uma prática e uma disciplina, e como tal podem ser aprendido e sistematizado. Não se trata de aspectos psicológicos da personalidade empreendedora, mas das atitudes e comportamentos que o empreendedor deve ter. O aspecto da inovação também foi ressaltado.

O empreendedor é uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objectivos, e que mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objectivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor. Resumindo nos aspectos essenciais, um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões (Filion, 1999).

Quadro 3: As seis dimensões da Capacidade Empreendedora

Dimensão	Empreendedor	Administrador/gerente
Orientação estratégica	A orientação empreendedora enfatiza a oportunidade.	Tende a procurar as oportunidades onde estão os seus recursos.
Comprometimento com a oportunidade	Está disposto a agir em um horizonte de tempo muito breve e buscar uma oportunidade rapidamente.	Move-se lentamente
Comprometimento dos recursos	Comprometimento de recursos em múltiplos estágios com um comprometimento mínimo em cada estágio	Analisa cuidadosamente os recursos depois de tomada a decisão de agir.
Controle sobre recursos	O empreendedor é proficiente no uso de habilidades, talentos e ideias dos outros.	Aprende que há recursos que nunca se deve possuir ou empregar (recursos temporários).
Estrutura administrativa	A capacidade administrativa deve ser essencial para o empreendedor.	Emprega ferramentas distintas do empreendedor.
Filosofia de recompensas	As empresas empreendedoras tendem a basear a remuneração no desempenho	Frequentemente relacionada à promoção para níveis hierárquicos de maior responsabilidade.

Fonte: Elaborado com base em Stevenson (2001)

Além das já apresentadas, encontra-se na literatura um vasto conjunto de definições de empreendedorismo e empreendedor, dependendo dos objectivos do estudo ou da génese do pesquisador: se é economista, gestor, sociólogo ou psicólogo, diferenciando-se em alguns aspectos apresentados. Mas com alguns denominadores comuns: criatividade, inovação e capacidade de assumir riscos.

1.4 EMPREENDORISMO EM PORTUGAL

Em Portugal não se encontram muitos estudos feitos sobre o empreendedorismo.

A avaliação feita pelo Banco BCP num estudo elaborado sobre o empreendedorismo em Portugal diz-nos que o “ *O Empreendedor Português é um bem escasso*”. Ainda segundo o mesmo estudo a taxa de actividade empreendedora baixou em Portugal de 7.1% em 2001 para 4% em 2004. (Pinhal, 2007)

Muito do nosso empreendedorismo é de sobrevivência não assegurando um desenvolvimento económico sustentado. Segundo Pinhal em Portugal nenhum projecto empresarial com verdadeira qualidade deixou de avançar por falta de apoio financeiro. Esta afirmação poderá parecer estranha num país onde são poucos os meios financeiros (pelo menos é o que se ouve com frequência) porém uma coisa é o ritmo insuficiente de geração de riqueza pela economia a outra é a existência ou não de fontes e meios de financiamento disponíveis para o lançamento do novos projectos empresariais.

É fácil ser empreendedor em Portugal?

Segundo Cadilhe(2007) são os “ Custos do Contexto” que se erguem perante tudo o que é novo ou perante tudo o que parece funcionar de forma eficiente.

Outra questão é saber se os Portugueses como Povo têm um défice de iniciativa ou de imaginação que os limite no lançamento de projectos empresariais.

Em contextos mais favoráveis – na Europa, América e África – contam-se aos milhares os portugueses que demonstraram ter iniciativa, vontade e capacidade para erguer projectos empresariais sólidos, consistentes e rentáveis.

O que é considerado contexto mais favorável são as condições, hábitos e as práticas de trabalho, mas também é bom não esquecer que existem culturas que valorizam mais o sucesso que outras. Ainda segundo o mesmo autor são necessárias mudanças culturais que incentivem o risco e premeiem o sucesso.

Segundo o presidente do IAPMEI, Andrez (2006), os principais obstáculos ao empreendedorismo em Portugal são culturais e têm a ver com questões de risco agravado pela sociedade e pelas entidades financeiras.

Para além disso, e embora as condições para o empreendedorismo tenham vindo a melhorar, os portugueses continuam a preferir a estabilidade de um emprego a criarem o seu próprio emprego.

E isto começa a ser um pouco contraditório, porque o conceito de “emprego para a vida” do tempo dos nossos pais deixou de ser uma realidade. A estabilidade do mundo laboral é hoje muito menor do que há vinte ou trinta anos. E, no caso dos jovens, é ainda pior, porque o trabalho precário tem vindo a aumentar.

Mas porque persiste uma aversão ao risco e à iniciativa privada dos portugueses em geral e como fomentar a mudança de atitude?

Segundo Cadilhe(2007:2)

...”Tem a ver com um conjunto alargado de factores. Este fenómeno não ocorre só em Portugal, embora cá possa ocorrer com maior intensidade. O espaço europeu em que estamos inseridos caracteriza-se, ele próprio, como menos empreendedor que o espaço americano; por exemplo, quase metade dos europeus assume que não deve abrir uma empresa se houver riscos de o negócio falhar; essa percentagem reduz-se para 25% nos Estados Unidos. É claro que em todos os negócios há componente de risco. No caso de Portugal, embora os números nem mostrem esta realidade, há factores adicionais que dificultam o empreendedorismo: uma qualificação média baixa e uma fraca capacidade financeira por parte dos potenciais empreendedores, o que dificulta o investimento em negócios. Mas, repito, o principal problema é cultural. Por isso, eu diria que para fomentar uma mudança de atitude Portugal tem que alterar o sistema educativo e a forma como a Sociedade se posiciona relativamente aos empresários, e ainda tem que reduzir o estigma dos insucessos. ...”

A motivação individual para a actividade empresarial depende também de uma série de factores práticos – a redução do tempo para a criação de uma empresa, a desburocratização de processos, a facilidade de recrutamento de pessoal qualificado e o acesso ao financiamento são alguns dos exemplos de facilitação institucional que podem fazer a diferença. Há menos

de uma década, criar uma empresa demorava mais de seis meses, hoje, existe a Empresa na Hora que, como o nome indica, permite criar uma empresa no espaço de uma hora.

Os investidores não gostam de instabilidade, seja ela política ou de qualquer tipo. Por isso, a estabilidade política favorece o investimento da iniciativa privada e, por conseguinte, o desenvolvimento dos negócios e o aumento de criação de riqueza. As orientações das políticas públicas, permite aos investidores orientarem a sua actividade para actividades onde o Estado possibilite mais apoios e subsídios.

No entanto actualmente coloca-se a seguinte questão:

Face ao aumento da taxa de desemprego, com uma tendência crescente nos próximos anos face à deslocalização das empresas e à perda de competitividade portuguesa, de que forma é possível fomentar-se a criação de auto-emprego de forma sustentada?

Segundo o mesmo autor, as grandes empregadoras do passado, as grandes empresas, estão a libertar quadros e não a absorvê-los. Por isso, é importante que quem tem uma boa ideia de negócios e capacidade para a desenvolver considere a possibilidade de a testar no mercado. E isso deve ser ensinado nas escolas e bem visto em termos sócio culturais. É importante também que a banca altere comportamentos, como parece que está a suceder, com a oferta de crédito a empresas e negócios de menor dimensão e finalmente, que os interessados se informem e aproveitem os programas de apoio oferecidos pelo Estado, como por exemplo os apoios à criação de emprego e de auto emprego. Até porque em momentos de recessão, as micro empresas demonstram habitualmente maior flexibilidade para se adaptarem a condições adversas, até pelo facto de terem menos despesas fixas.

Voltando novamente à questão, será que o Português tipo possui as características necessárias ao empreendedorismo?

Provavelmente terá algumas destas características mas não todas elas....

” O português é criativo deseja muito a sua realização pessoal embora na maior parte dos casos isso se traduza somente na componente financeira. Será que o Português é optimista? Se nos lembrarmos do “ fado” provavelmente somos fatalistas vislumbrando problemas e dificuldades antes de elas acontecerem o que pode querer dizer que não possuímos auto confiança em quantidade suficiente para assumir os riscos inerentes a uma actividade empreendedora... ”. (Miguel 2006: 1).

Sem uma “rede” de apoios externos/financeiros, é difícil avançar e é essa a principal queixa que costuma ser dita por parte de quem tem ideias e quer montar empresas, a falta de subsídios ou de capital de risco.

Em termos de legislação não existe muita especificidade relativamente ao empreendedorismo. A portaria nº 985/2009 de 4 de Setembro aprova a criação do Programa de Apoio ao Empreendedorismo e à criação do próprio Emprego (PAECPE) a promover e a executar pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional e regulamenta os apoios a conceder neste âmbito.

Segundo este diploma o PAECPE compreende o apoio à criação de empresas de pequena dimensão, com fins lucrativos, independentemente da respectiva forma jurídica, que originem a criação de emprego e contribuam para a dinamização das economias locais, e o apoio à criação do próprio emprego.

Estas linhas de crédito têm por objectivo o estímulo ao empreendedorismo, criação de emprego por desempregados, o acesso fácil ao crédito, a criação de micro empresas e do próprio emprego, com taxas de juros mais baixas.

Em termos de apoio ao empreendedor existem algumas associações das quais as mais importantes são a ANJE (Associação Nacional de Jovens Empreendedores) e o GAE (Gabinete de Apoio ao Empreendedor), este último a funcionar desde Setembro deste ano no Porto. O GAE funciona como uma plataforma material de apoio ao investimento e à instalação de novas actividades económicas no Centro do Porto. Promovem ainda sessões informativas e de desenvolvimento de competências.

Relativamente às empresas privadas objecto deste estudo, empresas de apoio a idosos maioritariamente SAD (Serviço de Apoio Domiciliário) a legislação que as enquadra e que estas empresas para obterem o alvará têm de cumprir são o Despacho normativo 62/99 de 12 de Novembro bem como os decretos-lei 268/99 de 15 de Julho de 1999 e o 133/97 de 30 de Maio de 1997.

Existe já uma franja da nossa sociedade com uma crescente vontade de assumir riscos e tentar a sorte na forma de projectos empresariais próprios mas ainda teremos de esperar bastante tempo até que possamos olhar para Portugal como um país de empreendedores.

Importa pois criar uma cultura de empreendedorismo em Portugal, pois o tipo de comportamento da população socialmente activa do país tem medo do risco e não aposta na inovação. Pois como refere Bornstein (2007:7)

”Num mundo de mudanças rápidas imprevisíveis os empreendedores e milhões de promotores de mudança [...] representam um mecanismo de resposta às necessidades melhor do que alguma vez se viu. Uma força descentralizada e emergente que se for devidamente financiada, administrada e interligada continua a ser a nossa maior esperança de construir uma estrutura de soluções que possa acompanhar o ritmo dos nossos problemas e criar um mundo mais pacífico...” .

CAPITULO II – «WELFARE-MIX» E RESPOSTAS SOCIAIS A PESSOAS IDOSAS

Como é do conhecimento geral, o aumento da população idosa é um fenómeno que tem aumentado à escala global, prevendo-se em Portugal em 2021 um índice de crescimento de 127,4 idosos por cada 100 jovens com menos de 14 anos (Fonte INE 2002). A população idosa, ou seja, igual ou superior a 65 anos, representava em 2001, cerca de 16,5 %, reforçou essa posição aumentando continuamente até atingir os 17,4% em 2007. Dentro da população idosa, o crescimento é mais forte nos idosos mais velhos.

O envelhecimento está bem visível na evolução do peso relativo da população com 75 ou mais anos que subiu 6,9 % em 2001 para 8,0% em 2007. A tendência é mais acentuada entre as mulheres (8,3 % em 2001 e 9,5 % em 2007). A população desta faixa etária representa quase metade da população idosa.

A proporção dos mais idosos (80 ou mais anos) na população idosa em 2007 eleva-se a 23,7 % sendo 20,2% nos homens e 26,2 % nas mulheres reflectindo o fenómeno da sobre mortalidade masculina, contra 23,7% e 26,2%, respectivamente para homens e mulheres, no ano anterior.

A estrutura etária da população portuguesa resulta das diferentes evoluções dos movimentos natural e migratório ao longo do período em observação, traduzida em uma nova distribuição dos grupos etários, com um número de pessoas idosas superior ao número de jovens, reflectida nos indicadores demográficos normalmente apresentados para medir o envelhecimento. Em 2001 por cada 100 jovens com menos de quinze anos havia cerca de 104 idosos, em 2007 o rácio eleva-se para 114 idosos. (Dados retirados do INE,2009).

O envelhecimento é um processo diferencial e começa a ser encarado como tal. Ou seja, cada indivíduo envelhece de modo particular, diferente do outro, conforme os seus modos de vida, a sua profissão, escolaridade, condição social, recursos económicos etc.

Assim, o ciclo do envelhecimento não tem de ser necessariamente negativo, muito pelo contrário, nem todos os idosos são economicamente muito carenciados, com pouca cultura, poucos interesses culturais, segurança ou apoio familiar.

A velhice pode ser encarada de uma forma positiva e estão a emergir idosos com outras formas de se posicionarem face à velhice, encarando-a como um novo ciclo de vida, definindo um projecto de vida para a sua velhice. Tendem a manter uma vida confortável, saudável, com os seus papéis sociais definidos, com segurança económica e emocional.

Os sistemas de segurança social e de assistência no modelo do Estado Providência estão em crise devido às próprias transformações da sociedade (como o aumento do desemprego, o envelhecimento da população, as dificuldades de inserção dos jovens, etc.)

Para fazer face a esta situação os governos estudam várias estratégias com vista à diminuição dos custos com a protecção social e à necessária adaptação aos novos constrangimentos económicos, políticos e administrativos.

Preocupados com os custos dificilmente controlados deste sistema os governos começam a definir outros parâmetros como os recursos primários constituídos pelas famílias e pela vizinhança, entreatjada comunitária numa tentativa de racionalização de gestão. O discurso político e social privilegia o centro dos serviços na comunidade, como sendo uma responsabilidade de todos e não só dos poderes públicos. Há portanto uma revalorização das redes de solidariedade primárias em detrimento das solidariedades formais.

O Estado não se coloca como o principal responsável pela protecção social, havendo uma distribuição entre os sectores não-governamentais. Pereirinha utiliza a seguinte distinção:

” o voluntariado (representado pelas organizações voluntárias), o comercial (representado pelo sector mercantil) e o informal (representado pela família, a vizinhança, o círculo de amigos, a comunidade), pondo-se ênfase na auto-ajuda, na ajuda mútua e nas colaborações derivadas do potencial solidário da sociedade ou seja do Terceiro Sector. (Pereirinha, 2000: 128)

A grande importância que o chamado Terceiro Sector vem tendo na actualidade é resultado da adesão ao “Welfare Mix”, também chamado de pluralismo de bem estar ou de bem estar misto, parte do pressuposto da divisão de responsabilidades entre o Estado, a sociedade civil e o mercado, onde a acção se faz de uma forma compartilhada entre as três

esferas. O Estado não se coloca como o principal responsável pela protecção social, havendo uma distribuição entre os sectores não governamentais.

O Terceiro Sector compreende actividades sociais muito antigas. As formas tradicionais de solidariedade social sempre existiram, com formas de ajuda mútua decisivas para a sobrevivência das populações carentes. Somente nas últimas décadas a economia informal da solidariedade ganhou visibilidade, apresentando-se como uma renovação das antigas formas de ajuda mútua em detrimento dos direitos de cidadania.

A crescente consciência do envelhecimento da população, da transformação da sua composição e do papel das famílias acrescida de uma crítica ao papel das instituições na gestão das populações envelhecidas e dependentes, tem levado a uma maior consciência de que a maioria dos idosos não querem ser institucionalizados, preferindo manterem-se no seu domicílio com a condição de receber apoio social.

Muitas intervenções do Estado vão desenvolver-se e especializar-se nessa direcção, organizando-se em torno de uma noção central, a de ajuda que pretende ter em conta e respeitar as potencialidades do desenvolvimento dos indivíduos, a sua “ autonomia” e apoiá-los nos seus esforços de integração, nos seus meios naturais de vida e a partir deles. Nesta perspectiva, os cuidados já não devem ser prestados essencialmente pelos hospitais ou casas de repouso mas por pequenas unidades (apoio domiciliário ou famílias de acolhimento no domicílio).

Nos anos 80 e sobretudo na Grã-Bretanha o denominado “*Community Care*” segundo Lesemann e Martin(1995), esta denominação começou a ser usada nos anos 50 em Inglaterra e defende a substituição dos hospitais e casas de repouso por pequenas estruturas comunitárias de apoio domiciliário e famílias de acolhimento) assume nova posição. Os governos começam a ter cada vez mais preocupação em rever as despesas públicas e o *community care* deixa de ser apenas responsabilidade do governo e passa a ser de cada um. Passa-se de um apoio proporcionado na comunidade para um apoio proporcionado pela comunidade.

Alguns autores consideram que a expansão do Terceiro Sector na década de 90 pode ser vista como consequência do “aumento da inserção de recursos oriundos de organizações vinculadas aos empresários em projectos de interesse público” (Menegasso, 2001: 64). O envolvimento crescente das empresas em projectos sociais pode ter contribuído para o

crescimento do Terceiro Sector e para o fortalecimento da lógica do “*Welfare Mix*”, ao articular a sociedade à necessidade de mobilização contra a exclusão social através de relações de solidariedade.

O desenvolvimento de projectos e de programas de teor social no “*Welfare Mix*” vem exaltar o fortalecimento das parcerias intersectoriais. O discurso que incentiva as “parcerias”, as descrevem como uma forma de investir no social onde há a integração de recursos e esforços entre dois ou mais actores: governo, empresas privadas, comunidade e entidades da sociedade civil.

As parcerias implicam o envolvimento entre pessoas e instituições através de laços de solidariedade. A cooperação e a aproximação entre os diferentes actores através das parcerias aparece como sendo a chave para construção de uma economia mais comprometida socialmente. Este novo modelo de acção social pode ser entendido a partir das características trazidas por Melo Neto e Froes (2001), como actuação conjunta de múltiplos actores, formas participativas de gestão, foco nas acções de combate à pobreza, ênfase em projectos e acções em nível local e grande adesão de membros da comunidade como voluntários.

Os anos 90 caracterizam-se claramente pela tendência de reenviar para as famílias e para o seu contexto envolvente, as responsabilidades pelos cuidados a prestar e em acentuar o papel dos apoios informais em detrimento dos apoios formais.

A responsabilidade dos poderes públicos limita-se à coordenação dos cuidados prestados pelos próximos, pelos voluntários e pelos profissionais numa perspectiva de *Welfare Mix*.

Caminha-se assim para uma articulação entre as solidariedades familiares e as solidariedades públicas, mostrando-se ambas interdependentes e irredutíveis umas das outras.

Rapidamente se constata que as ajudas familiares não podem substituir integralmente as ajudas do governo porque não são da mesma natureza. Por outro lado existem os casos das pessoas sem família em que a intervenção pública é mais necessária.

As transformações familiares em que a estrutura familiar vai sendo alterada, quer pelo aumento dos divórcios ou pelo aumento de famílias monoparentais ou recompostas, quer pelo protagonismo profissional, o papel mais activo da mulher, e pela evolução dos valores

familiares (decréscimo do sentimento de obrigação mútua entre as gerações) são constrangimentos a esta noção de apoio familiar.

Na medida em que a acção pública reconhece a existência e a importância da acção familiar na função de apoio teria de apoiar financeira e psicologicamente ou seja apoiar os membros da família que de facto a exercem. Embora se o fizerem, reduzem os custos das prestações de cuidados por parte das despesas públicas.

Outra questão de relevância neste contexto é a inserção das organizações empresariais no desenvolvimento de projectos de teor social, através do movimento denominado responsabilidade social empresarial. Corullón e Filho ressaltam que há três factores que moldam a responsabilidade social empresarial: “*exigência dos consumidores e investidores, a necessidade de redefinir o papel da empresa e a própria situação social e ambiental,*” que “*vista de uma perspectiva estratégica, será, por si mesma, factor limitativo da actividade empresarial*”. (Corullón e Filho ,2002: 34)

Entretanto, as acções sociais das empresas vêm retomar a discussão sobre a filantropia empresarial, que ao longo da história consagrou-se a partir das concessões de donativos para instituições de caridade ou acções de teor social. Na temática da responsabilidade social empresarial, as empresas estão a ser chamadas a actuarem junto das comunidades, entidades do Terceiro Sector, através de acções com os seus trabalhadores em projectos de prevenção e despoluição do meio ambiente. O *Guia da Boa Cidadania Corporativa* (EXAME, 2002) mostra que os projectos sociais, desenvolvidos pelas empresas, abrangendo diferentes áreas, como voluntariado, comunidade, educação, saúde, meio ambiente, cultura, apoio à criança e ao adolescente, apoio a terceira idade e aos portadores de necessidades sociais entre outras.

Os chamados “ novos “ idosos são nas sociedades europeias cada vez mais indivíduos de nível cultural elevado, que exerceram profissões qualificadas, que vivem até mais tarde, têm preocupações com o seu envelhecimento, querem ter uma velhice com qualidade, com aspirações próprias, que definem claramente um projecto de vida para o seu envelhecimento.

Estes novos idosos preferem ter ajuda de profissionais remunerada pelas prestações sociais ou pelos próprios idosos do que depender da sua rede de parentes.

Nos países como a Holanda, Alemanha, Canadá cada vez mais desenvolvem uma mistura pragmáticas de serviços com estatutos jurídicos diversos (públicos, privados, comunitários, voluntários) que limitam muito a implicação da acção pública, mas sem lhes negar uma responsabilidade global de regulação, de luta contra as desigualdades, de garantia de acesso a serviços e de vigilância da sua qualidade.

Assim sendo cada país de acordo com as suas tradições políticas e com o Estado das suas relações de força entre grupos de interesse imagina articulações específicas entre os diversos actores mobilizáveis para satisfazer as necessidades das pessoas dependentes mantidas no domicílio.

Sempre que lhes é possível os idosos preferem adquirir um serviço no mercado privado de recursos em vez de o receber dos que o rodeiam. A vantagem e a força destes serviços com fins lucrativos são justamente a libertação da dívida contraída. Pelo lado dos idosos têm de pagar pelos serviços que lhes são prestados, mas recebem os afectos da família sem se sentirem um "peso" para estas.

Temos vindo a constatar as transferências de funções tradicionalmente públicas para serviços privados (nomeadamente na área dos idosos e do apoio domiciliário) com o desenvolvimento destes serviços e de seguros, utilizando-se mecanismos de incentivos fiscais numa tentativa de reconciliação das políticas económicas e sociais.

Vivemos num tempo de mudanças sociais (mudança na estrutura familiar tradicional, variedade de modelos de família) e mudanças económicas (economias mais abertas, aumento do custo de competição entre as empresas, competição fiscal entre países, mudanças na divisão do trabalho com um crescimento do sector de serviços; flexibilidade de produção e organização do trabalho).

É neste contexto que se começam a questionar algumas das respostas sociais existentes, desadequadas a este novo público-alvo, a estes novos idosos emergentes, surgindo oportunidades para o empreendedorismo dos Assistentes Sociais com a implementação de empresas privadas como uma resposta alternativa.

CAPITULO III – INICIATIVAS EMPRESARIAIS DE ASSISTENTES SOCIAIS NA ÁREA DAS PESSOAS IDOSAS

Procede-se neste capítulo à apresentação da investigação empírica realizada no âmbito do processo de investigação. Conforme referido anteriormente realizaram-se 10 entrevistas às A.S. com empresas privadas em Portugal Continental na área das respostas sociais de SAD e Lar (cf. Figura 1).

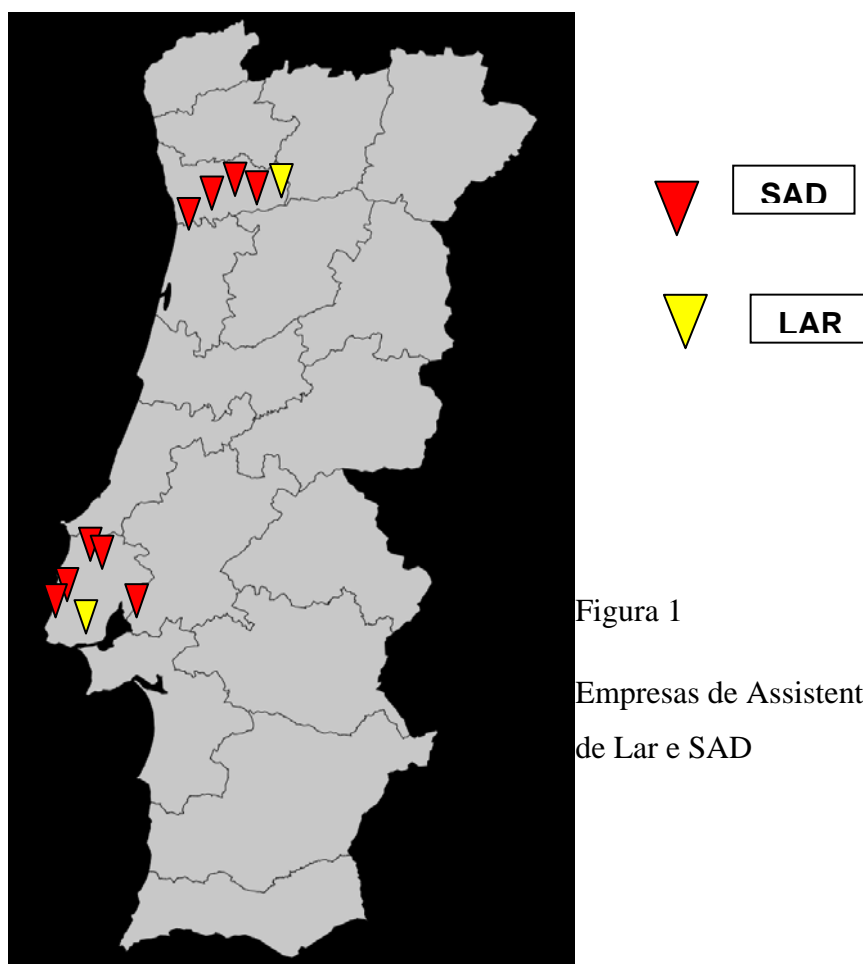


Figura 1

Empresas de Assistentes Sociais nas valências de Lar e SAD

1 ACTIVIDADE EMPRESARIAL DOS ASSISTENTES SOCIAIS

1.1 PERCURSO ACADÉMICO E PROFISSIONAL

O percurso académico e profissional em qualquer área reverte-se de uma importância não só pelos conhecimentos que se adquirem numa licenciatura mas sobretudo pela necessidade de construção de uma carreira, numa procura de novos conhecimentos, de aquisição de novas práticas e de novas competências.

Nesta categoria de análise das entrevistas percebe-se que as AS são essencialmente mulheres jovens (entre os 25 e 30 anos) e ainda com um percurso profissional curto, assumindo uma grande insatisfação profissional ou dificuldade em encontrar emprego estável e gratificante ao nível da realização profissional.

No entanto três das entrevistadas pelo contrário têm mais de 40 anos e uma prática profissional extensa.

“ [...] tenho 29 anos e acabei o curso em 2004 [...]trabalhei pouco tempo numa IPSS...”E8

”[...] tenho 29 anos e acabei o curso em2003 e trabalhei num projecto até ficar desempregada...”E2

“[...] tenho 30 anos e acabei o curso em 2002, trabalhei numa IPSS até acabar o contrato e depois fiquei desempregada...”E5

Das AS entrevistadas a maioria situam-se na faixa etária dos 25 aos 35 anos sendo que três estão na média etária acima do 50 anos. Por este motivo encontramos um número elevado de assistentes sociais com pouca prática profissional e no outro extremo, quem já tenha uma larga experiência profissional.

1.2 IDADE E FORMAÇÃO ACADÉMICA

Como já foi referido anteriormente a maioria das entrevistadas são mulheres jovens (entre os 25 e 35 anos). No entanto também existem algumas situações na faixa etária acima dos 50 anos.

São na sua maioria do Porto e Lisboa (também pela concentração do número de empresas nestas duas cidades) e fizeram o seu percurso académico nas Universidades Católica de Lisboa e Braga e no ISSSP e ISSSL.

Quadro 4. Formação Académica dos AS

Idade	ISSSL	ISSSP	ISSC	UCP
25-35	0	2	1	4
35-45	0	0	0	0
+ 45	2	1	0	0

Fonte: Entrevistas aos Assistentes Sociais com Iniciativas Empresariais na área dos Idosos, 2009

Analisando o quadro verifica-se que numa faixa etária de 35 a 45 anos não existe nenhuma AS, podendo aferir-se que provavelmente nesta idade as assistentes sociais estão numa fase da vida de alguma estabilidade profissional e familiar o que inibe o empreendedorismo e o risco, facilitando uma certa acomodação.

Estão normalmente numa situação de emprego seguro, ainda com expectativas de carreira, em que a vida familiar têm um peso acentuado e as obrigações familiares se sobrepõem muitas vezes à satisfação profissional.

A concentração maior nas AS mais jovens e nas com mais idade resulta, do desemprego ou trabalho precário por um lado, e por outro, pela insatisfação profissional e necessidade de mudança, numa altura da vida em que se atingiu maior maturidade e em que o desejo de realização pessoal e acrescido de uma maior autonomia financeira podem aumentar o empreendedorismo.

Numa situação de desemprego ou de um trabalho incerto as condições para arriscar são muito maiores, o medo deixa de fazer tanto sentido, e a procura de soluções para colmatar esse problema facilita a criatividade na procura de soluções.

Também um trabalho precário leva a uma maior insatisfação profissional o que contribui para o aumento das probabilidades de se arriscar em algo que pensamos nos venha realizar profissionalmente.

Por outro lado numa fase mais tardia da vida, existe maior segurança profissional, mas as hipóteses de progressão de carreira já são escassas, questionam-se as práticas profissionais de uma forma mais segura e mais “vívida”. O desalento instala-se, se acrescentarmos a isto alguma autonomia financeira e disponibilidade familiar, é provável que as AS menos acomodadas e inconformistas se lancem na constituição de uma empresa mesmo com um despedimento ou uma reforma antecipada.

1.3 PERCURSO PROFISSIONAL ATÉ À CRIAÇÃO DA INICIATIVA EMPRESARIAL

Uma significativa maioria das entrevistadas tiveram outras experiências profissionais anteriores às actuais iniciativas empresariais embora, até pela idade jovem que apresentam, não muito longo. Este percurso profissional não foi satisfatório para a grande maioria razão pela qual pensaram em criar o seu próprio emprego tornando-se empresárias.

”[...] fiquei desmotivada com a minha experiência no ISS, era um trabalho administrativo basicamente...” E1

”[...] um hiato existente de boas respostas sociais...” E4

”[...] fazia de tudo na instituição, era uma exploração, não havia respeito pelo trabalho dos técnicos...” E9

”[...] não consegui pactuar com a forma como se trabalha nalgumas IPSS...[...] somos novas, inexperientes e abusam...despedi-me...” E10

As experiências profissionais foram para a maioria decisivas na procura de soluções, neste caso na constituição destas empresas. A grande dificuldade de encontrar um emprego satisfatório é cada vez mais acentuada nas camadas mais jovens, o sector público não admite ninguém ou então só a recibos verdes, e o privado está centrado em IPSS e em instituições privadas que só têm AS porque a isso são “obrigadas” para a concessão de alvará pelo ISS.

Devido a estes factores muitas AS pela necessidade de manter um emprego acabam por intervir de uma forma que não concordam aumentando a sua insatisfação. para além disso sentem-se “exploradas”, como algumas referiram nas entrevistas.

A questão do desemprego é também ela bastante presente nas suas trajectórias profissionais, assim como o emprego precário (recibos verdes) ou a realização de estágios profissionais.

“[...] fiz um estágio profissional de 2 anos e quando acabou fiquei desempregada...”E10

“[...]trabalhei num projecto e como todos os projectos têm uma duração limitada e depois fiquei desempregada...”E2

Relativamente às profissionais mais velhas e com uma mais longa prática profissional foram sobretudo razões de insatisfação profissional, aliadas à necessidade de conciliar a vida familiar com a profissional, que as levaram a criar a sua própria empresa.

“[...]a possibilidade de intervir correctamente, de gerir o meu tempo, de compatibilizar com a vida familiar...”E6

“[...]grande insatisfação face às respostas existentes[...] há muito tempo que vinha a pensar em criar uma resposta social como eu acho que deve existir...”E9

Numa idade mais avançada verificamos outra realidade, as AS mais velhas, com mais experiência, questionam as suas práticas de uma forma mais frontal (até pela situação de

segurança profissional que apresentam) e não se sujeitam facilmente a um trabalho burocrático, pouco facilitador de novas práticas, sem facilidade de formação profissional nem de evolução técnica e se são pessoas pró-activas têm dificuldade em continuar a trabalhar num registo destes.

Também é nestas idades 45, 50 anos, que se começa a sentir necessidade de abrandar o ritmo em que vivemos e se permeia mais a qualidade de vida, o gerir o nosso tempo sendo este um factor também focado nas entrevistas como a preocupação de conciliar a vida familiar e profissional e gerir o seu tempo pessoal.

1.4 SATISFAÇÃO PROFISSIONAL

Todas as entrevistadas, gostam muito da profissão que exercem e sentem vocação pela área profissional do Serviço Social. O equacionar de mudança de campo profissional só muito raramente surgiu.

No entanto, relativamente ao grau de satisfação profissional, este foi um dos factores desencadeadores na decisão de constituir uma empresa na maior parte das Assistentes Sociais empresárias.

A insatisfação com as práticas profissionais existentes na maioria das instituições, aliadas com a dificuldade de as poderem alterar, foram dos principais factores impulsionadores na necessidade de mudança.

Nota-se, em todas as entrevistas, pouca acomodação à questão da insatisfação. Questionam as más práticas, são profissionais seguras e sabem delinear uma intervenção social correcta nesta área de respostas sociais aos idosos.

“[...]uma grande insatisfação face às respostas existentes...” E4;

“[...]o Serviço Social em muitas instituições ainda é muito assistencialista,[...] muito burocrático[...] informações e subsídios e não se passa disso...” E1

”[...]nós assistentes sociais sabemos como devem funcionar bem estes serviços....como é que uma instituição devia funcionar...E2.

“[...]quando comecei a trabalhar foi péssimo pus tudo em causa[...]senti-me altamente explorada...foi então que pensei em constituir a empresa...”E10

“[...]senti que ao abrir a empresa permitia exercer a minha profissão da forma como considero que deve ser exercida, sem condicionalismos burocráticos, sem uma visão assistencialista do Serviço Social...”E1

“[...]a questão de ter ficado desempregada e o facto de ter feito um curso sobre o empreendedorismo foi o factor mais importante senão o decisório para abrir a empresa...”E3

“[...]o facto de ter sido despedida quando os contratos acabaram e nunca me ter sentido muito realizada profissionalmente...”E5

Quadro 5. Factores associadas à iniciativa empresarial

Idade	Insatisfação profissional	Desemprego	Necessidade de boas respostas sociais
20 aos 30 anos	1	3	-
30 aos 40 anos	2	-	-
Mais de 45 anos	1	-	3

Fonte: Entrevistas às Assistentes Sociais com Iniciativas Empresariais na área dos Idosos, 2009

Do quadro resumo apresentado depreende-se que a insatisfação profissional e o desemprego são os principais factores que levaram as AS a criar uma empresa.

De notar que embora não esteja assinalado no quadro por não ser o factor predominante, houve situações em que mais do que um factor contribuíram para a decisão de constituir uma resposta social privada. Numa grande maioria a insatisfação

profissional está muito aliada à própria insatisfação com as respostas sociais existentes e ao seu funcionamento.

Aliás esta questão da pouca qualidade de respostas sociais é muito focada pelas AS.

Por um lado existem escassas respostas nas áreas dos idosos e dependentes, manifestamente insuficientes face ao aumento acentuado do envelhecimento da população, e por outro lado as existentes são na sua maioria de pouca qualidade.

Existem os SAD e Lares da Santa Casa da Misericórdia e da Segurança Social que têm sempre uma lista de espera muito grande e são preferencialmente para uma classe mais desfavorecida (sem abrigos , isolados ou com as reformas mínimas), e as IPSS cujo público alvo é essencialmente o mesmo .

Paralelamente encontramos os privados (Lares e SAD), que embora alguns, com alvará do ISS são na sua grande maioria más respostas, autênticos depósitos de idosos e demenciados.

Os SAD privados são geridos por qualquer pessoa que tenha uma certa “vocação” para estas áreas, desde enfermeiros a professoras primárias, engenheiros, advogados, etc. Muitos não têm alvará e os que têm, por obrigação da Segurança Social têm de contratar uma AS, normalmente jovens desempregadas, a recibos verdes.

Algumas das nossas entrevistadas fizeram esse percurso profissional e pela insatisfação que sentiram optaram por criarem a sua própria empresa.

As práticas com as quais não concordavam mas que eram “obrigadas” a seguir e a necessidade de poder intervir como tinham aprendido nas faculdades, aliadas ao trabalho precário em que a maioria se encontra , origina o perder o medo de arriscar e seguir em frente com um projecto de iniciativa privada.

1.5 CIRCUNSTÂNCIAS LIGADAS À INICIATIVA EMPRESARIAL

Se como já foi abordado anteriormente a insatisfação profissional é por ela própria impulsionadora e desencadeadora da iniciativa empresarial, existem no entanto outros factores que estiveram na base dessas decisões.

Deste modo e para um número ainda significativo de entrevistadas , ter uma colega ou um familiar que com quem partilhar este projecto empreendedor , foi muito importante e impulsionador para a abertura da empresa. isto é, não só poder partilhar o risco e a incerteza mas poder aliar outros conhecimentos e competências que advêm de diferentes profissionais, mas sobretudo o de não estar só nesta “aventura”.

Outro aspecto importante para algumas entrevistadas foi a experiência do desemprego ou o emprego precário. Numa situação em que há muito pouco a perder ou mesmo nada (como no caso de desemprego), a motivação para a criação do auto emprego é só por si enorme e o risco quase inexistente. À falta de emprego assalariado o auto emprego é uma última perspectiva que se pode abrir.

”[...]fiquei desempregada, o mercado de trabalho está péssimo....”E5

” [...]fiquei desempregada, a possibilidade de gerir o meu tempo e compatibilizá-lo com a vida familiar...”E2

“[...]inicie o projecto com uma colega que era uma mulher mais experiente e senti-me apoiada...”E1

“[...]o meu marido reformou-se cedo e eu despedi-me e iniciámos este projecto a dois o que me deu mais força...”E4

“[...]O meu marido por questões profissionais desloca-se muito ao Canadá e eu tive contacto com as instituições existentes lá[...]pensei em abrir um lar nos moldes que vi no Canadá quando aqui ainda não se via nada assim em Portugal[...]permitiu-me ter uma visão mais alargada do Serviço Social...”E6

“[...]é claro que é mais fácil trabalhar nuns locais que noutros e se não estamos satisfeitos temos de tentar dar a volta à situação[...]sabemos como devem funcionar bem estas respostas sociais...então porque não avançar para iniciativas como estas...”E7

A necessidade de partilhar um projecto deste teor com outra pessoa seja ela um familiar, um colega de trabalho ou amigos de outra área profissional foi focado por uma grande maioria como sendo uma mais valia e até o impulsionador para se aventurarem nesta actividade.

A partilha de responsabilidades, de conhecimentos, de medos e angustias, de poder ter alguém onde se apoiar, é de facto facilitador, pelos menos no arranque do início da empresa.

A própria área empresarial é para as AS um universo pouco conhecido, com pouca informação e formação académica e prática e o desconhecimento da matérias mais ligadas à economia e gestão assusta um pouco como o afirmaram nas entrevistas.

“[...]constituímos uma equipa multidisciplinar e assim foi mais fácil começar...”E7

“[...] Ja minha colega e sócia e o meu namorado foram fundamentais para iniciar o projecto...”E1

As questões familiares, a possibilidade de conciliar a vida profissional com o cuidar dos filhos, a maior liberdade na gestão do tempo, o desejo de autonomia na execução do trabalho e conseqüentemente o desejo de uma maior satisfação, são tudo factores referenciados na maioria das entrevistas como tendo sido responsáveis pela criação destas iniciativas empresariais.

2 PERFIL EMPREENDEDOR DOS ASSISTENTES SOCIAIS

Com base nas respostas das entrevistadas vamos alcançar um conjunto de características e procedimentos identificados e sustentados com base na investigação teórica sobre o perfil de um empreendedor e verificar com base nas respostas das entrevistadas se existem semelhanças.

Seguindo as categorias assinaladas no Quadro 1 da Introdução em que considerámos para o Tema, Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais, uma categoria que designámos por “Motivação e Auto Conceito como Empreendedor” vamos retirar das respostas das entrevistadas os termos que se enquadram nos perfis dos empreendedores, apresentando no Quadro 6 as respectivas comparações.

2.1 MOTIVAÇÃO E AUTO CONCEITO COMO EMPREENDEDOR

Na maioria das entrevistas, nota-se que as A.S. têm algumas noções do conceito de empreendedorismo e identificam-se como tendo algumas características relacionadas com o conceito. Estamos a falar de inovação, de capacidade de risco, da criatividade, do gosto por novos desafios, de uma maturidade pessoal e profissional, do inconformismo face às situações, alguma ambição.

“[...]fui sempre uma profissional insatisfeita, refilona, reivindicativa[...]o meu gosto por inovar, ir mais além de correr para aquilo em que acredito...”E1

“[...]corri um enorme risco ao comprar uma empresa falida[...]quem tem um negócio vive sempre na incerteza o que faz que tenhamos de estar sempre a inovar, a criar novas soluções...”E2

“[...] a oportunidade estava ali mesmo à minha frente foi só agarrá-la...”E4

”[...] considero-me aventureira, gostei sempre de inovar e iniciar projectos novos...”E4

”[...] procuro criar soluções para me sentir realizada com o que faço[...]tento criar respostas inovadoras...”E7

”[...]tenho feito muitas formações para me apetrechar com as ferramentas necessárias para o sucesso da empresa[...]mas arrisco com cautela...”E5

”[...]procuro criar soluções para me sentir realizada com o que faço, por isso atirei-me de cabeça e não me arrependi...”E8

Para algumas foi claro a percepção de que estavam a detectar uma oportunidade de negócio e de que tinham as condições necessárias para as colocarem em prática.

Ou seja tinham experiência, qualificações profissionais, rede de conhecimentos, recursos económicos próprios ou possibilidade de recorrer a créditos, e uma enorme motivação em construir algo em que acreditavam como respostas sociais de qualidade.

Pelos menos duas das entrevistadas tinham claramente noções fortes de empreendedorismo. Quer pelo curso sobre o tema quer pelo projecto empresarial que criaram ter sido feito de acordo com as exigências pretendidas para angariação de fundos comunitários.

“[...]fiz um curso de formação em empreendedorismo e tive de apresentar um projecto o qual viria a ser a minha futura empresa...”E3

“[...]tirei uma formação em empreendedorismo, ideias e negócios em acção e foi nessa sequência que com outra colega montámos a empresa[...] o termos tido apoios de fundos (micro crédito) foi importante...”E5

Mesmo as A.S. com mais idade, embora não se identifiquem claramente como empreendedoras, ressalta das entrevistas que alguns conceitos e características estão presentes e podem ser analisadas neste âmbito.

“[...]nunca pensei ter coragem para me lançar nesta aventura [...]vi-me sempre com um emprego seguro[...]corri riscos e corro ainda[...]mas prefiro vê-los como desafios...”E2

“[...]procurar a oportunidade[...]no meu caso ela já lá estava ou corria o risco e aproveitava-a ou tinha medo e não passava de um projecto...”E3

“[...]criar algo em que se acredita com alma um projecto de vida em função de apoiar outros desenvolvendo um serviço com cuidados de qualidade...”E8

Quadro 6 – Características Empreendedoras (identificadas nas entrevistadas)

Risco	Todas as entrevistadas consideram que o risco esteve presente associado ao medo e às novas oportunidades
Inovação	Uma maioria não se acomoda perante o que considera errado e tenta desenvolver acções mais inovadoras
Visão	Embora não explicitamente podemos aferir das entrevistas esta característica de Visão atendendo a que conseguiram ver uma oportunidade na constituição da empresa
Criatividade	Foi bastante focado a necessidade de criar novas soluções para a falta de respostas sociais nesta área, e para a insatisfação profissional e/ ou desemprego.
Capacidade de organização	Na maioria das AS a capacidade de organização e de gestão de recursos quer humanos quer económicos foi sempre expressa ao longo das entrevistas.
Iniciativa	Sobretudo nas AS mais jovens que são a maioria das entrevistadas ficou manifesto a iniciativa, a coragem por avançar numa área desconhecida e para a qual a maioria nem possuía muitos conhecimentos.

Fonte: Entrevistas às Assistentes Sociais com Iniciativas Empresariais na área dos Idosos, 2009

Segundo autores com LEITE (2000) as qualidades pessoais de um empreendedor são a: iniciativa, a visão, a coragem, a firmeza, a decisão, a atitude de respeito humano, a capacidade de organização e direcção.

Muitas destas características estão assinaladas nas entrevistas que foram efectuadas,

“[...]corri riscos...”E9

“ *“ [...]transformar o risco em oportunidades...E1*

“[...]gosto por desafios...”E1

[...] “gosto pela inovação...”E4 .

Mesmo as AS que não se identificaram claramente como empreendedoras reconhecem ter algumas características que as ajudaram aquando da implantação da empresa,

[...] “não me considero muito empreendedora mas corri riscos, embora calculados[...]talvez tenha um bocadinho de empreendedora[...]considero-me uma aventureira e gostei sempre de inovar...”E4

[...] “ se calhar até sou empreendedora, agarrei de facto uma oportunidade embora ela estivesse ali à minha frente...”E1

[...] “ isso é um conceito novo, moderno, mas de facto nunca gostei de me acomodar...”E7

QUADRO 7– Análise comparativa do perfil «ideal tipo» do empreendedor / perfil das entrevistadas

Perfil do empreendedor	Perfil das entrevistadas
Criatividade: O empreendedor actua para além dos limites colocados à sua disposição	As entrevistadas são criativas como se comprova pela inovação permanente nas suas práticas
Realização: O desejo de realização pessoal é o principal factor que motiva o empreendedor	Realização profissional é o principal objectivo na criação da empresa
Tolerância ao risco: o risco é uma constante na vida de um empreendedor	O correr riscos embora por vezes calculados, mas sempre na incerteza da viabilidade do projecto
Autonomia: O empreendedor é autónomo	A necessidade de autonomia técnica e a satisfação pessoal por alcançá-la.
Perseverança: Não desiste enquanto não conseguir atingir os objectivos	A perseverança sempre presente sobretudo nos obstáculos de ordem burocrática e no desconhecimento de áreas de gestão e economia.
Auto-confiança: Acredita em si próprio.	A auto-confiança é alavanca sem a qual não se para inicia o negócio. São profissionais seguras e emocionalmente maduras.

Fonte: Entrevistas às Assistentes Sociais com Iniciativas Empresariais na área dos Idosos, 2009

Da análise do quadro aferimos que as características das AS entrevistadas se enquadram nas características gerais habitualmente apontadas aos empreendedores; a auto confiança, a perseverança autonomia técnica, o correr riscos calculados, a criatividade, no fundo, a necessidade sempre presente de realização profissional.

Perante a situação de desemprego ou de uma enorme insatisfação face ao que diariamente se faz, existem vários caminhos possíveis; ou tenta mudar –se a profissão, ou nos acomodamos e tentamos desvalorizar o aspecto profissional da nossa vida, ou

então lutamos por alcançar um caminho que alie a possibilidade de realização profissional a uma estabilidade económica e autonomia de vida.

A diferença está de facto na forma como nas dificuldades visualizamos e agarramos oportunidades .

Aqui é que surge a capacidade empreendedora que está presente na maioria das entrevistadas.

“... a nossa classe ainda continua muito divididas, com estas iniciativas podemos marcar uma nova posição[...]como as AS podem ser empreendedoras, temos qualificações profissionais para o fazermos...”E7

“...provavelmente é por falta de informação que não há mais colegas a abrirem empresas[...]eu anteriormente nunca tinha pensado...”E3

“...sou pouco de me conformar com aquilo que não gosto[...]sempre quis ser AS e não gostava nada de ter de trabalhar noutras áreas por isso atirei-me ...”E8

...”gosto do risco, da possibilidade de ir criando novas soluções...”E8

“...isto foi um sonho que me dá muita satisfação pessoal e profissional até porque continuo a ser essencialmente assistente social, de empresária tenho muito pouco...”E6

2.2 INICIATIVAS EMPRESARIAIS DOS A.S./OPINIÕES/SATISFAÇÃO COM A ACTIVIDADE PROFISSIONAL ACTUA

A análise entrevistas revela que todas as A.S. se encontram muito satisfeitas com o exercício da sua prática profissional actual como A.S. e empresárias. A autonomia técnica é o factor mais apontada como principal promotora dessa satisfação.

O crescimento e amadurecimento pessoal e profissional que esta experiência destas trouxe para as suas vidas são outro aspecto muito sublinhado no decorrer das entrevistas.

É um desafio. É um novo caminho para a nossa classe... Podermos desenvolver práticas profissionais de acordo com o que aprendemos sem estarmos sujeitas a imposições de direcções.”E2?

” estou muito satisfeita profissionalmente, constituímos uma óptima equipa multidisciplinar”E4

“Acho que é um novo campo profissional que está a aparecer para os assistentes sociais e que é pena não agarrarmos estas novas oportunidades até para fazer face ao desemprego...”E8

”Com a minha empresa eu tenho autonomia técnica sinto-me satisfeita profissionalmente, posso ser criativa...” E5

”Não me via a fazer outra coisa ... ainda sou nova e estou a construir algo que pode vir a contribuir para uma mudança de intervenção do Serviço Social...”E5

“...ganhei maturidade pessoal e técnica e sei que não me posso encostar à rotina como acontece no funcionalismo público...”E8

“... estou a aprender imenso dá-me imenso gozo estes desafios...”E3

“ A possibilidade de apoiar outros mercados sociais, classe média, é também tido como uma mais valia desta intervenção.”[...]perceber que as classes sociais mais altas também têm necessidades de apoio social...” E3

Para a maioria das entrevistadas esta é também a possibilidade de contribuírem para a criação de respostas sociais de qualidade para uma classe social que se encontra bastante desprotegida: classe média.

Para as profissionais mais novas esta é sem dúvida a melhor solução para o desemprego. Referem na maior parte dos casos, que nas faculdades devia ser equacionada esta hipótese face ao elevado número de assistentes sociais que saem todos anos para o desemprego ou para o trabalho precário.

[...] ” cada vez mais ouvimos AS a reclamarem insatisfação face ao mundo do trabalho que não conseguem intervir como foram ensinadas...”E5

[...]“ É um novo desafio para a classe para combater o desemprego e podermos desenvolver práticas profissionais de acordo com o que aprendemos...E2

[...]“É uma oportunidade de alargarmos o mercado de trabalho a outras áreas da população que também precisam de respostas sociais E3

“Face há dificuldade em arranjar emprego e face há escassez de boas respostas sociais estas empresas são uma alternativa ...E10

Para outras este foi um momento certo para concretizar um sonho antigo de ter um negócio ou de poder gerir uma instituição com plena autonomia técnica e financeira. Um elevado número refere que ao longo da sua carreira, a constituição de uma empresa de resposta social foi estando sempre presente, embora por vezes pouco clara. Era uma ideia emergente sempre que a insatisfação profissional surgia ou era mais acentuada ou a precariedade de emprego aumentava.

[...] ”depende de mim deixar andar ou melhorar sou totalmente independente para o fazer ou não, não me acomodar. [...] Esta liberdade de actuação é a grande mais valia a nível profissional de satisfação profissional...” E9

[...] ”tento desenvolver um serviço com qualidade, respeito pelos clientes e pelos colaboradores...criar respostas inovadoras e centradas individualmente no que cada cliente necessita e não respostas alargadas iguais para todos...”E8

[...] *”sim corremos riscos[...]só vivo disto e estou permanentemente a correr riscos[...]mas gosto de desafios[...]não tenho monotonia...”E1*

Com efeito entre a maioria dos entrevistados não estamos na presença de uma orientação antiga para o negócio mas uma orientação nova que surge pela convergência, como já sublinhado, de factores como a insatisfação profissional, experiência de desemprego, e pouca autonomia técnica.

O grau de maior autonomia no exercício da prática profissional foi sempre uma mais valia referida nas entrevistas .

Muitas das AS tiveram um percurso em instituições muito formais e rígidas e outras em serviços com pouca informação acerca do papel do assistente social, por isso a autonomia técnica é muito referenciada e apreciada.

[...] *“...desenvolver práticas profissionais de acordo com o que aprendemos, sem imposições de direcções[...]sem autonomia...”E2*

[...] *“...com a minha empresa eu tenho autonomia técnica...”E1*

2.3 CAPITAL CULTURAL E TÉCNICO E NECESSIDADES DE OUTRAS FORMAÇÕES

Segundo Chopart *”a combinação específica de qualificações construídas em simultâneo sobre diplomas de formações iniciais, de formações contínuas e de qualificações assentes na experiência caracteriza o que se designará como uma lógica da competência...”* (Chopart, 2003; 54) e esta lógica de competências, ou seja da passagem da qualificação à competência, está bastante presente nas respostas de uma maioria significativa das A.S. entrevistadas.

Não basta ter qualificações académicas na área do Serviço Social mas é preciso ter um outro conjunto de formações nas áreas de economia, de gestão e marketing, com uma experiência profissional acrescida, de forma que estejam reunidas as condições para uma boa competência e um bom desempenho.

Segundo se verifica no decorrer das entrevistas praticamente todas as A.S. sentiram necessidade de formação extra curricular não só na área social (mais especificamente no domínio da gerontologia) mas e sobretudo nas áreas da gestão e de economia, pela inerência da prática empresarial.

Todas as entrevistadas revelaram lacunas nestes domínios e embora tenham tido algumas cadeiras curriculares nesta área consideram a sua formação inicial insuficiente para uma prática na vertente empresarial.

A maioria fala de poucos conhecimentos relativamente ao empreendedorismo e a uma visão de gestão e controlo financeiro essencial para a viabilidade do negócio.

[...]”Cadeiras de empreendedorismo teriam sido uma ajuda, sobretudo ligada às respostas sociais...” E2

“[...]em gestão e controlo financeiro...” E10

“[...] as noções que mais me faltaram foram as de gestão mas os cursos também não nos podem oferecer todas as ferramentas necessárias há que ir procurá-las e fazer formações...”E4

A formação nas áreas da logística e gestão de recursos humanos também é bastante relevante para bastantes entrevistadas dado que esta intervenção lida com grandes equipas de colaboradoras dispersas geograficamente, no caso dos SAD, e a rentabilização destes recursos é um aspecto muito importante para o sucesso económico da empresa.

[...] ” *a contabilidade e a gestão fazem falta, tive economia no curso mas tive de aprender a ler por exemplo um balancete...* ”E1

[...] “ *gestão e mesmo cadeiras de empreendedorismo teria sido uma ajuda...* ”E3

[...] “ *formação ao nível da gestão, empreendedorismo e até mesmo de gestão da qualidade por causa das certificações de qualidade...* ”E5

Houve também entrevistadas que referiram a necessidade de formação na área do marketing e publicidade. De facto acentua-se a pertinência de alguma formação a estes níveis pois com a crescente competitividade destas empresas privadas, que diariamente aumentam em número, a questão de uma publicidade séria e bem direccionada de forma a fazer chegar a empresa e os seus serviços ao conhecimento do publico alvo

[...] ” *fundamental formação em gestão, contabilidade e noções de marketing e publicidade...* ”E7

[...] ”*formação sobretudo nas áreas financeiras e de recursos humanos...* ”E10

[...] ”*fiz duas pós graduações, uma em gerontologia outra em recursos humanos...* ”E7

[...] ”*no lar faço desde gestão, a gestão de recursos humanos, hotelaria, supervisão da parte de enfermagem e fisioterapia...* ”E6

[...] ”*fiz muita formação em gestão e controlo financeiro e em informática para a gestão...* ”E3

[...] ”*devia ter feito alguma formação nas áreas do empreendedorismo...* ”E3

[...] *”uma formação em empreendedorismo teria sido bom para ter uma visão mais empresarial...gestão ligada às respostas sociais...”E2*

[...] *”as noções que mais sinto falta são as de gestão e empreendedorismo...”E4*

[...] *” embora tenha um contabilista tive necessidade de fazer formação em contabilidade e gestão...”E1*

[...] *” na Católica tive cadeiras de economia que me ajudaram bastante mas tive de me actualizar...”E2*

Quadro 8: Necessidades de Formação

Idade	Gestão/Economia	Marketing	Recursos Humanos	Contabilidade
20-30	4	2	3	4
30-40	2	-	2	2
+ 45	2	-	1	2

Fonte: Entrevistas aos Assistentes Sociais com Iniciativas Empresariais na área dos Idosos, 2009

(as afirmações seguintes não estão bem documentadas / ilustradas)

Verifica-se que nove das AS de um total de dez considera sentir necessidade de formação nas áreas de gestão e contabilidade.

“[...] fiz formação em contabilidade mas acho que devia fazer ainda outra em gestão ou economia...”E1

“[...] tive formação em economia para além das cadeiras do curso...”E2

“[...] tirei uma formação em gestão e empreendedorismo...”E3

“[...] fiz formação na área da gestão e uma pós-graduação em gestão da qualidade...”E5

“[...] fiz duas pós-graduações, uma em gestão de recursos humanos e outra em contabilidade e gestão...”E7

“[...] fiz duas formações em finanças e contabilidade...”E9

Todas as AS investiram em formação e embora considerem que o curso de Serviço Social não tem cadeiras curriculares muito direccionadas para as áreas de gestão, têm claramente a noção de necessidade de aprendizagem contínua ao longo do percurso profissional.

“[...] no meu curso na Católica tive 3 cadeiras de economia mas disciplinas de gestão ou mesmo de empreendedorismo teria sido uma ajuda...”E2

“[...] tirei o curso nos anos 80 por isso o que mais senti falta foi de noções de gestão...”E4

“[...] mas os cursos também não nos podem oferecer todas as ferramentas necessárias[...] há que ir procurá-las e fazer mais formações...”E4

“[...] também ouvi falar num mestrado de gestão de estabelecimentos ou uma coisa assim, tenho que ver se faço...”E10

As questões da qualidade e da certificação das respostas sociais pelo ISS são preocupações referenciadas e em duas empresas o processo de certificação está a decorrer.

Nota-se uma enorme preocupação na actualização permanente, de não se acomodarem nem instalarem práticas , mas testarem novas e melhores formas de intervenção.

3 DINÂMICAS EMPREENDEDORAS DOS ASSISTENTES SOCIAIS

Conforme referido no capítulo II, em Portugal como em toda a Europa a população está a envelhecer de uma forma quase exponencial. Neste contexto pode inferir-se que este aumento tem contribuído para a probabilidade de ocorrência de situações de maior dependência física, psíquica e social. E, face a este problema tornou-se imperioso encontrar

formas que compatibilizam o envelhecimento com a qualidade de vida. Assim intervir no campo das políticas sociais, particularmente na acção social e protecção social, exige uma reflexão permanente no sentido de se concretizarem diversas respostas às necessidades dos idosos nos diferentes contextos de vida. Deste modo as mutações da sociedade contemporânea afectam diversas áreas obrigando por isso “ a rupturas em relação aos modelos tradicionais de conhecimento, de intervenção e de funcionamento das organizações.” (AMARO, 1999.p.25).

Neste sentido torna-se necessário, como sublinha Guerra, repensar as “formas de acção social o que arrasta consigo outras exigências aos profissionais de acção social” (Guerra,1990: 47). A principal questão actual é saber se as instituições do Estado”(...) *são capazes de enfrentar a magnitude dos problemas sociais num Estado-Providência em recuo e se podem dotar-se de recursos [adequados](...).*” (Hespanha, 2000: 14).

Ao mesmo tempo observa-se a dificuldade do sector não lucrativo assumir as responsabilidades sociais do Estado neste domínio e particularmente nos segmentos da população idosa com maior capacidade económica, abrindo-se assim uma área de intervenção para o sector empresarial. Começam então a surgir em Portugal empresas com serviços dirigidos a idosos e dependentes, ganhando cada vez mais espaço no mercado, devido, como se assinalou á insuficiência das instituições do Estado e do Terceiro Sector e ao perfil social e económico deste público.

Tradicionalmente o Serviço Social não inclui a organização empresarial como unidade de intervenção, sendo por isso o campo empresarial muito questionado e até considerado com não sendo compatível com os fundamentos teóricos (ou éticos ou políticos) da disciplina (Freire, 1987: 22)

No entanto, e do nosso ponto de vista, o Serviço Social deve atender a esta nova conjuntura, uma vez que a intervenção social dirigida a estes novos públicos(idosos com maior capacidade económica) pode ser desenvolvida através de organizações lucrativas, tendo por base os componentes básicos do seu corpo teórico e técnico. A intervenção social não sofre alterações os públicos alvos é que são diferentes.

Da análise das respostas das entrevistas podemos apurar claramente o posicionamento das entrevistadas face às questões empresariais e à conjugação entre ser AS e empresário.

“[...] temos as potencialidades e a mais valia de sermos AS, com formação académica e profissional para trabalharmos com estes grupos, neste caso idosos e dependentes, sabemos fazer um bom diagnóstico sobre cada situação envolver a família e os recursos disponíveis nas respostas e avaliando-as com eles...”E1

“[...]a nossa intervenção enquanto AS também deve ser direccionada para outra população porque também esta é carenciada a outros níveis (pode não ser o económico mas é o social enquanto isolamento abandono pouco afecto...”E2

”[...] se a AS empresária nunca perder de vista os fins humanitários, solidários mas também não esquecendo a necessidade de gerir bem para haver sustentabilidade do negócio...E4

” [...] a classe média está desprotegida, tem menos ligações de vizinhança, menos rede familiar, normalmente menos filhos, e está fora dos escalões para apoio da segurança social...”E10

Constatamos igualmente que a maioria considera que o facto de serem AS lhes proporciona um bom desempenho nas suas funções enquanto empresária e empreendedora sem nunca perder de vista os referenciais e valores em que foram profissionalmente socializadas para um bom desempenho da sua actividade .

” [...] a meu ver há inteira compatibilidade em ser AS e empresária, os nossos clientes são da classe média mas não têm qualquer apoio familiar[...] há casos de total isolamento[...]muito carenciados do ponto de vista afectivo e psicológico[...]o abandono familiar é muito maior nestas classes mais altas[...]tento fazer um trabalho junto das famílias para as envolver e responsabilizar do seu papel...”E2

”[...] eu continuo a exercer a minha prática profissional da mesma maneira, com a mesma metodologia, os mesmos objectivos, os mesmos instrumentos de diagnóstico,

os mesmos procedimentos [...] aliás estamos a certificar a empresa com o modelo de qualidade do ISS...E7

”[...] Não podemos é perder de vista a dimensão humana da resposta, não somos uma máquina de fazer dinheiro, os nossos clientes são pessoas em situação de vulnerabilidade e como tal têm de ser tratados[...]a visão empresarial não se pode sobrepor à visão social e humana...”E8

”[...] a intervenção dos AS têm de acompanhar a evolução da sociedade e estar de acordo com as novas necessidades que forem surgindo[...]temos de estar permanentemente a actualizar-nos, a procurar outras formações, cruzar várias experiências[...]nós somos daqueles profissionais que não podemos parar de evoluir...E8

”[...] acho muito positivo estarem a aumentar estas iniciativas empresariais sobretudo nas camadas mais novas, pelo menos aqui no Porto...”E4

”[...] como estou sozinha aprendi a desenrascar-me, ganhei maturidade pessoal e técnica e sei que não me posso encostar à rotina como acontece no funcionalismo público....”E1

3.1 POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES NA IMPLEMENTAÇÃO DA EMPRESA

Na sua grande maioria as entrevistadas consideram que o facto de terem uma formação em Serviço Social é um capital importante para a implementação de empresas como estas de respostas sociais, por considerarem que são dos profissionais com mais competências técnico-profissionais para dirigirem estas instituições. Têm o *know-how* necessário e a sensibilidade social para desenvolverem respostas de qualidade de apoio a idosos, com serviços personalizados de acordo com as necessidades e interesses individuais de cada indivíduo e família.

” [...] temos a mais valia de sermos assistentes sociais e de termos formação académica e experiência profissional para trabalharmos com estes grupos...”E1

” [...] a nossa formação permite-nos ter uma visão alargada das várias vertentes do ser humano...”E2

” [...] temos competências ao nível da nossa formação para avaliarmos cada situação nas suas várias vertentes, social, económica e familiar...”E3

No ponto de vista das entrevistadas as principais limitações para a implementação destas empresas prendem-se com as questões de ordem burocrática normalmente associadas aos processos de licenciamento junto da Segurança Social, onde se regista, em regra, pouca agilidade. Um número ainda significativo de Assistentes Sociais refere ter sentido algum mal-estar por parte das colegas de profissão da Segurança Social aquando do processo de legalização das empresas.

É unânime a necessidade de formação académica sobretudo ao nível de gestão e contabilidade, sendo referido por uma larga maioria que esta falta de informação/formação dificulta bastante as questões relacionadas com a própria gestão empresarial tendo de recorrer a ajuda de outras profissionais para colmatar estas lacunas.

”[...] as principais limitações são as de ordem burocrática e da falta de conhecimentos de aspectos de gestão, de contabilidade , de optimização de recursos...”E3

”[...] as limitações são sobretudo ao nível de gestão e de empreendedorismo[...]faltamos noções de como se cria uma empresa[...]perder o medo de arriscar...”E2

”[...] sem perder de vista o social tenho de encontrar mecanismos de gestão que me permitam com os mesmos custos melhorar o apoio social que prestamos...”E9

”[...] claro que temos de ter lucro não temos subsídios por isso existe uma vertente lucrativa mas como as pretendo dar uma resposta integrada, em que os clientes que

podem pagar pagam bem e os outros como celebramos protocolos com sistemas de saúde beneficiam desses seguros...”E9

”[...] sempre fui familiarizada com alguma gestão[...]para termos uma empresa temos de estar por dentro de questões de gestão e contabilidade senão a empresa não tem viabilidade económica...”E7

”[...] o facto de se as e ter a possibilidade de saber aliar as necessidades que são sentidas pelos clientes como uma boa resposta que lhe podemos proporcionar...um bom serviço que seja rentável dentro da legislação que temos é difícil...”E10

3.2 POSICIONAMENTO FACE À DUPLA CONDIÇÃO DE ASSISTENTE SOCIAL E EMPRESÁRIA

Pode considerar-se que para a totalidade dos entrevistados quando questionados sobre a compatibilidade ou incompatibilidade entre a condição de assistente social e de empresário foi unânime ao afirmar

“ Não vejo qualquer incompatibilidade...”(E2),

“[...] não são de todo incompatíveis..eu continuo a exercer o serviço social e ao mesmo tempo faço gestão de recursos humanos e materiais ...” (E1),

“[...] não me parece incompatível a conjugação das duas até me parece bom a vertente humanista na empresária” (E5),

“[...] eu vejo assim, eu sou assistente social mas com responsabilidades também de gestão e de contribuir para a viabilidade económica do projecto.”(E7).

As entrevistadas consideram que pelo facto de serem empresárias continuam a exercer a prática profissional de AS com o mesmo tipo de intervenção, as mesmas metodologias e os mesmos instrumentos de diagnóstico. Consideram que a dimensão social e humana dos serviços prestados nunca é posta em causa e a vertente empresarial nunca se sobrepõe à visão social e humana.

3.3 FACTORES DESENCADEADORES DA INICIATIVA EMPREENDEDORA

Neste plano ganha relevo, por um lado, o factor desemprego ou emprego precário ou mesmo a insatisfação profissional, estando estes na origem da constituição da empresa. Por outro lado, é sublinhado o surgimento de novos públicos alvo de intervenção social aliado à criatividade de encontrar novas soluções e inovar as práticas profissionais de intervenção.

A desvinculação dos padrões de empregabilidade habitual (Estado e IPSS) agarrando novas oportunidades é focado em alguns depoimentos como sendo uma oportunidade de construção do seu próprio percurso profissional, reconduzindo à sobreposição da lógica da competência à qualificação académica...

” Outro caminho, outra via profissionalizante, o mercado de trabalho deixa de ser só em IPSS e Estado...” E4,

”[...] mudança não na intervenção mas no publico alvo...” E3,

” [...] hoje em dia em qualquer profissão não nos podemos agarrar ao canudo, temos de estar a actualizarmo-nos permanentemente... com o tecido social sempre a mudar nós não podemos parar de evoluir académica e profissionalmente...” E5

A necessidade constante de novas formações, a percepção de que o percurso profissional exige uma constante adaptação às novas realidades, leva a que estes profissionais refiram várias vezes a necessidade de se formarem outras áreas, de adquirirem novos conhecimentos e competências

” [...] é altura de os AS equacionarem novas práticas...”E9

” [...] uma nova visão que os AS mais novos começam a ter de que não deixamos de ser AS se trabalharmos com outras classes sociais[...]deixar de lado a visão assistencialista que só estamos em função do apoio aos mais carenciados[...]e que a nossa intervenção não sofre alterações se for dirigida a uma classe ou outra...”E10

CONCLUSÃO

Com este trabalho pretendeu-se contribuir para o estudo do empreendedorismo dos Assistentes Sociais e novas práticas de intervenção social em empresas privadas de apoio a idosos. O exercício de análise apresentado constituiu um ponto de partida para diferentes investigações sobre esta temática. Procurou-se apurar se o empreendedorismo destes profissionais corresponde a uma insatisfação profissional, a uma alternativa ao desemprego ou a uma necessidade de maior realização profissional. O itinerário prosseguido envolveu a construção de um quadro analítico realizado a partir de uma revisão de literatura sobre o empreendedorismo e mutações das necessidades e orientação das políticas sociais na área dos cuidados sociais a pessoas idosas e um estudo empírico de natureza qualitativa. Da investigação desenvolvida apresentam-se as principais conclusões.

Com o aumento da esperança de vida, a diminuição da natalidade, alterações nas estruturas familiares, entre outros factores de ordem demográfica e social, o envelhecimento tem vindo, cada vez mais, a constituir-se como um problema a merecer especial atenção por parte da sociedade.

Mudanças na estrutura familiar tradicional, participação da mulher no mercado de trabalho, envelhecimento da população, mudanças na divisão internacional do trabalho com um crescimento no sector dos serviços, esquemas de pensões e de saúde privados, desenvolvimento dos serviços privados e de seguros, introdução de métodos de gestão privados em serviços públicos, contribuem para alterações profundas na sociedade.

Embora o envelhecimento provoque uma diminuição da capacidade adaptativa que se traduz muitas vezes em patologia, não se pode afirmar que a dependência física, cognitiva, afectiva ou social sejam características exclusivas de pessoas idosas. No entanto não podemos escamotear a evidência de que o processo de envelhecimento acarreta uma série de transformações biopsicossociais, que tornam o ser humano mais susceptível a situações de dependência.

Por outro lado estamos perante uma nova realidade de idosos emergindo um público diferente de pessoas idosas com uma maior capacidade económica, níveis culturais mais elevados, uma visão clara do que pretendem para a sua velhice, e sobretudo nos meios urbanos a tendência é crescente para esta classe da população.

Também como foi referido no capítulo II estes novos idosos emergentes tendem a usufruir de políticas sociais numa linha mista (Mix), conjugando alguns benefícios do Estado mas apostando em planos de seguros e de reformas que lhes possibilita o acesso a outros serviços de apoio como os privados (empresas privadas de SAD, Lares, Hospitais Privados).

Constata-se o deficit de respostas sociais públicas para apoio a idosos e verificando-se a subida exponencial que nos próximos anos esta faixa etária vai representar no total da população em Portugal, estamos perante um problema grave, os idosos da classe media e média alta, não têm respostas sociais ou estas são em número muito insuficiente para as necessidades crescentes.

Os SAD e os Lares públicos estão lotados com a população idosa mais carenciada e os privados não têm na sua maioria os serviços de qualidade que seriam desejados.

Deste modo encontramos-nos na presença de novos perfis sociais, novos clientes do Serviço Social, porque estes novos idosos estão bastante desprotegidos, têm normalmente fraca rede de apoio familiar e de vizinhança mas necessitam de um apoio social mais individualizado que vá ao encontro das suas necessidades que não são somente as básicas (alimentação, higiene, medicação).

Estes factos, exigem a adopção de práticas inovadoras por parte dos diferentes agentes-públicos e privados.

Com as mudanças sociais, políticas e económicas estão a abrir-se novos caminhos para a intervenção social.

Um caminho poderá ser através do empreendedorismo. Os Assistentes Sociais ao desenvolverem estruturas privadas de apoio a idosos como por exemplo Serviços de Apoio Domiciliário podem prestar respostas sociais de qualidade a estes idosos emergentes de uma classe média que se encontra verdadeiramente desprotegida.

Outra questão é o crescente desemprego que tem vindo a acontecer em todas as profissões sociais chegou também ao Serviço Social encontrando-se cada vez mais AS no desemprego ou em trabalhos precários o que conduz a um aumento da insatisfação profissional e o equacionar outras alternativas de emprego noutras áreas profissionais.

O empreendedorismo pode surgir também como uma alternativa ao desemprego ou à insatisfação profissional vivida pelos AS.

Da reflexão empírica abordada no decorrer do estudo salientamos algumas características inerentes a um empreendedor tais como:

-Técnicas (saber ouvir as pessoas, saber captar informações, ser organizado, saber liderar e trabalhar em equipa).

-Gestão (Criação e gestão empresarial da empresa, marketing, administração, finanças tomada de decisão planeamento e controlo).

-Pessoais (ser disciplinado, assumir riscos, ser inovador, ter ousadia, persistente, visionário, ter iniciativa, coragem, humildade e principalmente ter paixão pelo que faz).

Podemos reflectir sobre o empreendedorismo das AS a partir da análise apresentada e retirada das entrevistas sobre as quais incidiu este estudo podendo concluir:

A grande maioria das AS deste estudo são jovens entre os 25 e os 35 anos, mulheres, existindo no entanto três com idade superior a 50 anos. Fizeram a sua licenciatura em Lisboa e no Porto no ISSS e na Universidade Católica. Tiveram um percurso profissional relativamente curto, ou bastante extenso, no caso das AS com mais idade. Este percurso não foi muito satisfatório tanto nuns casos como noutros, para além do factor desemprego ou trabalho precário que aconteceu em quatro das entrevistadas.

Constata-se que uma grande maioria revela um perfil de certa forma empreendedor, tendo disso consciência algumas entrevistadas .

Como em todas as profissões existem profissionais com características pessoais específicas claramente identificadas como sendo inovadoras, tendo iniciativa, não se acomodando às situações, capacidade de liderança de equipas, saber aproveitar as oportunidades, assumir riscos, enfim um conjunto vasto de aptidões que foram já muito

debatidas ao longo deste trabalho e que coloca estas Assistentes Sociais na categoria de mulheres empreendedoras.

Um outro aspecto a equacionar é saber porquê que num universo vasto de assistentes sociais no nosso país existem somente um número reduzido de empreendedoras. Será por serem essencialmente mulheres e haver ainda alguns estereótipos formulados quanto ao empreendedorismo no feminino, como, “ as mulheres têm menos probabilidades de sucesso na gestão das suas próprias iniciativas empresariais do que os homens”; “ as mulheres estão mais viradas para a família onde têm maior competência do que nas áreas de negócio”; “as mulheres são menos capazes de gerir negócios e têm mais medo do risco” etc. Possuem de facto as mulheres melhores ou piores qualidades para serem empreendedoras?

Julgamos que não passa somente por este facto esta situação, mas outros aspectos existem a considerar.

Sendo o tema novo e muito recente no âmbito de estudos o empreendedorismo tem estado ligado essencialmente à vertente económica, ao nível da actividade, e só muito recentemente esta noção passou para outras áreas nomeadamente a social e institucional aparecendo os termos de empreendedor social.

Destas Assistentes sociais existe claramente um grupo com uma maior capacitação pessoal que detectou precocemente uma dada oportunidade de transformar-se em empresárias e criarem a sua autonomia. Outro grupo foi um pouco arrastado pelas circunstâncias e ousou criar a sua empresa não por identificar uma oportunidade de negócio mas por necessidade (falta de emprego ou o emprego precário, ou inadequado ao seu modo de pensar de agir).

O desemprego e a insatisfação profissional estiveram na origem da criação de empresas em todas as AS alvo deste estudo.

A ousadia, a inconformidade com a situação vivida, o gosto pela profissão, a preocupação pela falta de respostas sociais de qualidade, levaram estas AS a identificarem oportunidades na criação de empresas.

Consideramos que neste universo de mulheres umas são empreendedoras por opção, outras por necessidade, mas todas elas o são efectivamente.

Podemos concluir deste estudo que maioritariamente os AS empreendedores são jovens em situação de desemprego ou trabalho precário mas com uma enorme insatisfação profissional.

São profissionais por vocação, gostam de ser AS, não querem mudar de profissão e viram na constituição de uma empresa uma oportunidade para essas dificuldades.

Consideram necessária a formação continua em áreas que não tinham competências académicas como gestão contabilidade e marketing. A preocupação com a formação continua em áreas necessárias para a iniciativa empresarial está presente em todas as entrevistadas mas também o aprofundamento de conhecimentos na própria área profissional, como gerontologia, gestão de equipamentos e recursos humanos.

Uma das razões apontadas como delimitadoras para as AS não avançarem mais em projectos de empreendedorismo é o facto da profissão estar muito associada a prestar cuidados aos mais desfavorecidos, numa visão ainda muito assistencialista .

A actividade empresarial das assistentes sociais ainda não é bem compreendida nem aceite pela própria classe profissional.

Esta questão foi muito focada pelas AS alvo deste estudo, manifestando inclusive um certo mal-estar sentido aquando da legalização das empresas pela Segurança Social, da parte das próprias colegas que procedem a concessão dos respectivos alvarás de funcionamento.

A prestação de apoio social a outras classes, tradicionalmente não o publico alvo de intervenção social, como a classe média e mesmo média alta origina reflexões interessantes como a comparação entre estas empresas privadas de AS e outras dirigidas por outras profissionais.

A AS empresária não altera a sua intervenção sendo esta dirigida a um público de uma classe mais pobre ou mais alta. As práticas profissionais são as mesmas, as mesmas metodologias, os mesmos objectivos, os mesmos instrumentos de diagnóstico, uma visão integrada da resposta social, um serviço personalizado envolvendo a família e os recursos disponíveis numa visão integrada de resposta partilhada.

A competência profissional é a mais valia que as AS consideram ter nas suas empresas. O factor empresarial vai acompanhando a gestão necessária à sustentabilidade da empresa mas não é o lucro o motor principal que move estas empresárias.

A satisfação e autonomia profissional são os principais trunfos que consideram ter adquirido quando abriram a sua empresa.

Aliado a estas questões está também a contribuição que sentem dar para o aumento de respostas sociais de qualidade na área dos idosos e dependentes que são ainda exíguas face ao aumento cada vez maior destas alternativas ao problema social do crescente envelhecimento da população em Portugal.

Este estudo (que pretendeu ser apenas uma porta para muitas reflexões acerca destas novas dinâmicas) de intervenção dos Assistentes Sociais, questões de ordem ética, deontológica, de novas competências profissionais, de novas áreas de intervenção, de novos públicos, de uma intervenção que se pretende mais actual, mais centrada nos problemas e necessidades da nova era, mais holística, e sem nunca perder o lado humanista.

O económico e o social numa vertente associada, sem necessidade de serem antagónicos e sem pôr em causa o bem-estar do individuo ou grupo ou comunidade no qual intervimos.

Será com certeza uma opção ao crescente desemprego que tem vindo a aumentar e que não se percebe que venha a diminuir, e permite igualmente aos AS sentirem que têm a possibilidade de construir respostas sociais com as quais se identifiquem, vendo aumentada a sua satisfação profissional.

Estamos perante novos desafios no trabalho social. É preciso adaptarmo-nos a uma nova redefinição dos perfis de formação que terão de ser implementados nas Universidades e premiar a qualidade da intervenção social seja ela através de uma resposta pública ou privada.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

AMORIN , Milcar.(1995). *Introdução às Ciências Sociais*. Aveiro: Estante Editora

ANTUNES, Ricardo. (2000). *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho* (7ª ed.). São Paulo: Cortez

ATKINSON, J. W. (1996). *A Theory of achievement motivation*. London: University Microfilm International.

BECK, U. Giddens. (1994). *Modernização Reflexiva, Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*. Oeriras: Celta.

BIRLEY, S., & WESTHEAD, P. (1992). *A comparison of new firms in assisted and not assisted areas*. USA: Routledge

BORNSTEIN, David. (2005). *Mudar o Mundo*. São Paulo: Record

CHAMPION, D.J. (1979). *A sociologia das organizações*. São Paulo: Saraiva.

CLARKE, J.(1996). *After Social Work? Social Theory, social change and social work*. London, New York: Routledge.

Direcção Geral da Acção Social. (1996). *Serviços de Apoio Domiciliário*. Guiões Técnicos, nº7. Lisboa: Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.

DORNELAS, Jose Carlos Assis. (2001). *Empreendedorismo-Transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus.

DOMINELLI, L. (2004). *Social Work ,Theory and practice for a changing profession*, Cambridge, Malden: Polity Press.

DRUKER, Peter F. (1999). *Management challenges for the 21 century*. New York: Harperbusiness.

FARREL, Larry C.(1993). *Entrepreneurship : fundamentos das organizações empreendedoras: técnicas que as tornam competitivas*. São Paulo: atlas.

- FIGUEIREDO, L. (2004). *Família e políticas sociais*. São Paulo: Cortez
- GUERRA, I.C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*, sentidos e formas de uso. Estoril: Principia Editora.
- GUERRA, I.C. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção* (2ª ed.). Cascais: Principia
- GHIGLIONE, Rodolphe & MATALON, Benjamin. (1993). *O Inquérito-Teoria e Prática*. Oeiras: Celta
- HESPANHA, M., MADEIRA, R., VAN DEN HOVEN, R. & Portugal, S. (2000). *Entre o Estado e o mercado- as fragilidades das instituições de protecção social em Portugal*. Coimbra: Quarteto Editora.
- HESPANHA, P. & Valadas, C.(2001). *Globalização dos problemas sociais* (1st ed., pp.125-175). Porto: Edições Afrontamento
- HESPANHA, Pedro. (2000). *Entre o Estado e o Mercado*. Coimbra: Quarteto.
- IAMAMOTO, M.V. (2001). *O serviço Social na contemporaneidade, trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez.
- LEITE, Emanuel. (2002). *O Fenómeno do empreendedorismo criando riquezas*. Recife: Edições Bagaço.
- LOPES, Miguel(2006) *Retirado do 1º Congresso de Empreendedorismo Social em Portugal ISCTE*
- MARTINELLI, Maria Lucia. (1999). *Pesquisa Qualitativa*. São Paulo: Veras
- MELO NETO, Francisco de Paula & FROES, Cesar. (2002). *Empreendedorismo Social -A transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark.
- MOSCOVICI, Fela.(1999). *A revalorização do homem frente à tecnologia para o sucesso da nova empresa*. Rio de Janeiro: Olympio Editora.
- MENEGASSO, Maria Ester. (2001). *Resposta social das empresas: um desafio para o serviço social, o perfil do estado e o welfare mix*. Rio de Janeiro: Qualitymark Edições.

PATI, Vera. (1995). *O empreendedor: descoberta e desenvolvimento do potencial empreendedor* (1st ed., pp.41-62). São Paulo. Edições Sebrae

PINTO, José Madureira & Silva, Augusto Santos (1987). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

STEVENSON, Howard. (2001). *As seis Dimensões da capacidade*. São Paulo: Makron Books.

SCHUMPETER, Joseph A. (1982). *A teoria do desenvolvimento económico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo económico*. São Paulo: Abril Cultura.

Comunicações:

CARLOTA, Quintão. (2004). Trabalho social e mercado de emprego. In.: CARLOTA, Quintão. *Painel Políticas Sociais e Mercado de Emprego*. Seminário Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais; Porto, Portugal, 28 de Abril, 2004.

CADILHE, Miguel. (2007). *Como Financiar o Empreendedorismo*. Seminário ISCTE; Lisboa, Portugal, Maio, 2007.

PINHAL, Filipe. (2007). *Ser empreendedor em Portugal*. Seminário ISCTE; Lisboa, Portugal, Maio, 2007.

Jornais e Revistas:

FILION, Louis Jacques. (1999). *Empreendedorismo: empreendedores e gerentes de pequenos negócios*. Revista de Administração, v.34, n.2, 05-28. São Paulo.

McCLELLAND, David. (1987). *Characteristics of success entrepreneurs*. Journal of Creative Behavior, n.21, 219-232. Paris

MARTIN, Claude. (1995). *Os limites da protecção da família*. Revista Critica das Ciências Sociais, n. 42, 53-75. Lisboa

PEREIRINHA, Jose. (2003). *Economia social e estado providência*. Intervenção Social, n.27, 233-240. Lisboa: ISSS-Departamento Editorial

Suporte electrónico:

ASHOKA. (2004). *Social Entrepreneur* IN <http://www.ashoka.org/fellow/social-entrepreneur.cfm>. Acedido a 20 de Agosto, 2009 em <http://www.ashoka.org>

CORULLON, MEDEIROS & FILHO. (2002). *O papel do estado e o welfar mix* IN www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_veramaria.htm. Acedido em 15 de Outubro, 2009 em <http://www.ssrevista.uel.br>

DRAYTON, Willian. (2009). *Social entrepreneurs* IN <http://ashoka.org/gellows/socialentrepreneurs.cfm>. Acedido em 20 Julho, 2009 em <http://ashoka.org>

QUESADO,F.J. *Será que Portugal é um país criativo?* IN <http://www.jornalde-negócios.pt/index.php>. Acedido em 26 de Julho, 2009 em <http://www.jornaldenegocios.pt>

Segurança Social. (2008).www.seg-social.pt. Acedido em 22 de Junho, em 2009 em www.seg-social.pt.

STEIN, Rosa Helena. (2000). *O papel do estado e o welfare mix* IN www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_veramaria.htm. Acedido em 15 de Outubro, 2009 em <http://www.ssrevista.uel.br>

APÊNDICES

APÊNDICE I Guiões de entrevista

APÊNDICE II Transcrição integral da entrevistas

APÊNDICE III Grelha de análise de conteúdo trabalhada

APÊNDICE I

Guião de entrevista a Assistentes Sociais com empresas privadas na área de respostas sociais a idosos

Tema	Perguntas	Informação Pretendida
Percorso académico e profissional (Até à criação da iniciativa empresarial)	<ul style="list-style-type: none"> - Idade, Formação (Curso, escola, conclusão) - Percorso profissional como assistente social - Realização/Satisfação profissional como AS - Circunstâncias associadas à iniciativa empresarial (questões identitárias) -mudar de profissão; reorientação de carreira, insatisfação profissional, abandono da profissão, insatisfação com a qualidade das respostas sociais). 	<p>O grau de satisfação sob o ponto de vista profissional.</p> <p>Formação académica /relação idade, ano de conclusão do curso e faculdade. Perceber se o percurso profissional foi um factor desencadeador da iniciativa empresarial</p>
Perfil empreendedor	<ul style="list-style-type: none"> -Motivações para criação de uma empresa -Auto-conceito como empreendedor -Relação com o risco -Opinião sobre iniciativas empresariais de assistentes sociais (inovação social...) -Satisfação com actividade profissional actual -Capital de formação e experiência profissional para as iniciativas empresariais -Necessidade de formação. 	<p>Perceber em que medida assistentes sociais se enquadram no perfil do empreendedor</p>

<p>Dinâmicas empreendedoras dos assistentes sociais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Potencialidades e limitações das competências Académicas/profissionais na implementação da sua empresa - Posicionamento enquanto assistente social e empresária - Credibilidade associada ao facto de ser AS; confiança por parte do cliente - Opinião sobre empreendedorismo como: <ul style="list-style-type: none"> i)Respostas para as mutações no padrão de emprego dos AS- predominância do emprego não área social. Público; ii)Desemprego dos As -Dificuldades encontradas na implementação e continuidade da empresa -Balanço global e perspectivas relativamente à iniciativa empresarial na área social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber as motivações, dificuldades; -Apurar satisfação face ao percurso enquanto empresário; -Diagnosticar factores empreendedores nestas dinâmicas; -Testar novas formas de intervenção social.
--	---	---

Guião de Entrevista – Assistente Social

1. Idade?
2. Formação (Curso, escola e ano de conclusão)?
3. Qual o seu percurso profissional como assistente social?
4. Sente-se realizada profissionalmente como AS?
5. Houve no seu percurso profissional algum factor que a tivesse motivado a iniciar este negócio (insatisfação profissional, com a qualidade das respostas sociais, necessidade sentida de mudança de profissão)?
6. Quais foram as suas motivações para a criação de uma empresa?
7. Tem a noção do que é ser empreendedor, gosta de correr riscos?
8. Qual a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos AS?
9. Sente-se satisfeita com a actividade profissional actual?
10. Sentiu necessidade de formação nesta área profissional (vertente negócio /empresas)?
11. Em sua opinião quais as potencialidades e limitações das competências académicas /profissionais da sua empresa?
12. Como se posiciona enquanto AS e empresária?
13. Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo; como uma mutação no padrão de emprego dos AS; ou como uma resposta ao desemprego?
14. Considera que pelo facto de se AS isso lhe dá uma maior credibilidade junto dos cliente?
15. Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa?
16. Que balanço faz e quais as perspectivas para a iniciativa empresarial na área social?

APÊNDICE II

Transcrição integral da entrevistas

Entrevista 1

Dia 7 de Julho de 2009

Entrevista a Assistente Social

Duração: 45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Podemos começar pela sua idade e formação académica, onde tirou o curso e o ano de conclusão do mesmo?

A.S: Bom, tenho 35 anos, acabei o curso de Serviço Social em 1997 em Coimbra no ISSSC e tirei posteriormente uma pós graduação em Gerontologia.

E: Talvez possamos agora conhecer um pouco da sua experiência profissional como assistente social?

A.S: Bem comecei a trabalhar no ISS do Porto dando apoio técnico às IPSS na resposta Lar e a alguns lares também privados... depois fui directora técnica de um lar da Segurança Social e paralelamente dei apoio à montagem e implementação dos lares e SAD dos SAMS (Bancários)... e foi nesta sequência que ao mesmo tempo com uma outra colega ,Que já não

está comigo porque se reformou que , que criámos este projecto, esta empresa de Apoio Domiciliário Privado a Nortecare.

E: E sente-se realizada como assistente social, sempre se sentiu e agora com a sua empresa continua a sentir-se?

A.S: Há sim...nunca desejei ser outra coisa... com todas as limitações que a nossa profissão tem sinto-me bastante realizada sobretudo agora que estou na empresa a tempo inteiro, c comecei logo a pensar em sair da Segurança Social.....com total exclusividade a este projecto...aliás a partir do momento que abri a empresa senti que era isto que me permitia exercer a minha profissão da forma que eu considero que deve ser exercida.....sem condicionalismos burocráticos pressões de todo um serviço público.

E: Houve então no seu percurso profissional alguns factores que a motivaram a iniciar este negócio, como por exemplo insatisfação profissional e com as respostas existentes?

A.S: Sim...bem já estava a trabalhar na área dos idosos, a minha pós graduação em gerontologia já tinha sido tirada exactamente por estar a trabalhar nesta área e ser uma área na qual gosto sinceramente de trabalhar, por outro lado fiquei cansada e desmotivada com a intervenção do assistente social no ISS, pelo menos aqui no Porto....passamos o tempo em trabalho administrativo e as respostas sociais existentes para fazermos os encaminhamentos não me satisfiziam....os nossos directores tinham pouca abertura para alterar procedimentos e era um serviço social meramente assistencialista... nem se podia questionar nem inovar....a minha experiência no SAMS também não me realizou porque as próprias direcções a que eu reportava não me dava grande flexibilidade de actuação e como não eram da área do social, em termos profissionais era difícil o diálogo....

E: Sendo assim a insatisfação profissional foi concerteza uma motivação para a criação da sua empresa, existiram mais motivações?

A.S: Sim a insatisfação que sentia foi sem dúvida o motor impulsionador mas também o já ter sido directora de um lar, saber da legislação para abertura de um equipamento social, estar por dentro a documentação necessária para a abertura, saber procedimentos para o funcionamento legal e claro a minha experiência na área dos idosos....e não posso esquecer que a colega com quem iniciei este projecto era uma mulher mais experiente e senti-me apoiada...acho que de inicio sozinha não me tinha aventurado.

E: Então acha-se empreendedora, gosta de correr risco?

A.S: Sabe há uns anos atrás nunca pensaria que teria coragem para me lançar nesta aventura....vi-me sempre com um emprego “seguro”... mas também é verdade que fui sempre uma profissional insatisfeita, refilona e reivindicativa.....o meu gosto por inovar, ir mais além de correr para aquilo em que acredito...e claro que com medo e indiscutivelmente porque senti o apoio da minha colega.....sim corremos riscos e agora que estou sozinha e que só vivo disto....estou permanentemente a correr riscos....mas para mim prefiro vê-los como desafios.....eu sou essencialmente uma pessoa que gosta de desafios.

E: Sente-se então satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S: Muito... eu diria muitíssimo, com a minha empresa eu tenho autonomia técnica, posso ser criativa, tenho de estar constantemente a procurar novas informações...ou seja estou sempre num processo de aprendizagem para poder oferecer os melhores serviços aos meus clientes e às suas famílias.....nós também trabalhamos muito com as famílias implicando-as e tentando que estas não se demitam do seu papel, como estou sozinha aprendi a “desenrascar-me”... ganhei maturidade pessoal e técnica e sei que não me posso “encostar” à rotina como acontece no funcionalismo publico e também não me sinto como um pau mandado e às vezes muito mal mandado.

E: Então segundo o que tem tido concorda que deviam existir mais iniciativas destas por parte dos assistentes sociais?

A.S: Claro....e então actualmente que os idosos estão a aumentar as respostas são insuficientes a classe média está completamente desprotegida, como em tudo a classe média está sempre a pagar a crise!!!! Mas de facto estes idosos estão fora dos critérios na segurança social e a menos que tenham algum subsistema de saúde estão efectivamente sem apoio social. Também por outro lado com tanto desemprego eu desafio as colegas novas a procurarem estes desafios... que também percebo que se já tivermos alguma experiência profissional, mais maturidade se calhar é mais fácil arriscar... mas também depois de instaladas na vida, com um emprego seguro e compromissos familiares temos outros obstáculos.....mas não devíamos deixar nas mãos de outros profissionais estas respostas para as quais nos encontramos habilitadas e vocacionadas.

E: Já falou que sentiu necessidade de fazer uma pós graduação, mas na área do negócio da empresa propriamente teve de fazer alguma formação?

A.S.: Fiz em contabilidade mas acho que em Gestão faz falta...eu tive economia no curso e estatística mas tive de aprender por exemplo a ler um balancete, porque embora tenha um contabilista a trabalhar comigo nós temos todo o interesse em saber analisar as contas temos de estar por dentro de alguma área financeira....tive para ir fazer uma formação em gestão mas como tenho um namorado economista tenho aprendido bastante....mas é fundamental, gestão contabilidade e algumas noções de publicidade e marketing.

E: Que potencialidades e limitações académicas e profissionais sentiu quando criou a empresa?

A.S.: Acho que já falei disso mas sintetizando...como potencialidades temos a mais valia de sermos assistentes sociais de termos formação académica e experiência profissional para trabalharmos com estes grupos, neste caso idosos e /ou dependentes, de termos capacidade para fazer um bom diagnóstico sobre cada situação em concreto, de envolver a família e os recursos disponíveis para prestarmos todos os cuidados que o cliente necessita respeitando a sua vontade e sempre que a sua saúde psíquica o permita envolvendo-o nas respostas e avaliando-as com ele. Como as limitações as que já referi mais formação na área de gestão e de recursos humanos, gestão de equipas... talvez estágios mais nestas empresas...e falarem no curso sobre empreendedorismo e incentivarem os estudantes por estas escolhas profissionais.

E: Como se posiciona então como assistente social e empresária?

A.S.: Não são de todo incompatíveis...eu continuo a exercer o serviço social, faço visitas domiciliárias, entrevistas diagnóstico, plano de cuidados, avaliação das situações, reuniões com as equipas de ajudantes familiares acompanhamento as famílias do idoso, e ao mesmo tempo faço gestão de recursos humanos e materiais, no sentido de os rentabilizar sem pôr em causa a qualidade da prestação dos serviços, tentando que a empresa tenha saldo positivo e seja economicamente viável.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo das assistentes sociais acha que está a haver uma mutação no padrão de emprego ou poderá funcionar como resposta ao desemprego?

A.S.: As duas coisas...está a haver uma mutação e ainda bem....temos de acabar com o assistencialismo que ainda continua a existir, abrir os horizontes e perceber que os idosos da classe média e mesmo alguns da classe média alta também precisam de apoio de qualidade e têm todo o direito a tê-lo se têm mais possibilidades económicas se têm seguros de saúde porque não criarmos respostas para eles? Às tantas são estes os excluídos aliás para mim são os novos excluídos, com algum dinheiro mas muito pouca retaguarda familiar e social.

Relativamente ao desemprego como já disse é de facto outras saídas profissionais.

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Talvez sim dá pelo menos a tranquilidade de um trabalho sério sem o factor de lucro ser a principal motivação mas sim uma intervenção centrada na pessoa mais humanitária.

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa, que balanço faz no fundo destas iniciativas empresariais?

A.S.: As maiores dificuldades têm sido e infelizmente com a segurança social para conseguir o alvará foi um filme.....e o facto de ser assistente social parece que ainda torna as coisas mais difíceis, as nossas colegas parece que não vêem com bons olhos estas iniciativas e fica-se com a sensação de nos estarem a dificultar permanentemente. É triste mas tenho falado com outras colegas e quase todas dizem o mesmo.

Estes processos são muito burocráticos e poderiam ser agilizados.

E: Muito obrigada pela sua colaboração

“ FIM”

Entrevista 2

Dia 7 de Julho de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração: 45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Bom gostaria de começar por saber a sua idade em que ano concluiu o curso e em que escola?

A.S.: Tenho 29 anos e fiz o curso de Serviço Social na Católica de Lisboa e terminei em 2003.

E: Qual foi o seu percurso profissional?

A.S.: Trabalhei num projecto “Aparece” que era um projecto com adolescente numa extensão do Centro de Saúde da Lapa....mas como todos os projectos tinha uma duração e acabou e fiquei desempregada...

E: Sente-se realizada profissionalmente como assistente social, nunca pôs a em causa e pensou ser outra coisa?

A.S.: Não, foi sempre esta profissão que eu quis ter e tenho consciência que como em todas as outras há desemprego, há locais melhor para trabalhar do que outras....mas isso é igual para todos os cursos...

E: Quais foram então os factores que a motivaram para iniciar este negócio?

A.S.: em primeiro lugar fiquei desempregada... não me renovaram o contrato de trabalho no Centro de Saúde após o término do projecto....entretanto tive três filhos quase seguidos...levou-me a pensar em abrir a empresa.....a possibilidade de gerir o meu tempo compatibilizar com a vida familiar...até que com uma amiga e agora sócia que é psicóloga....surgiu a oportunidade de comprar esta empresa que já tinha alvará mas estava falida...

E: Tem a noção do que é ser empreendedora, gosta de correr riscos?

A.S.: Sim considero-me uma empreendedora, corri um enorme risco ao comprar uma empresa falida, só com um cliente....foi um processo difícil...mudar a imagem da empresa...atrair novos clientes...na vida estamos sempre a correr riscos mas quem tem um negócio vive sempre na incerteza.....o que faz com que tenhamos que estar sempre a inovar, a criar novas soluções,...contactos com entidades publicas e privadas para acordos e parcerias(quase relações publicas)....tentando aumentar o nº de clientes....sem no entanto esquecer em manter a qualidade dos serviços prestados.

E: Qual a sua opinião sobre estas iniciativas dos Assistentes Sociais?

A.S.: Bem....penso que é um novo caminho, um novo desafio para a nossa classe, sobretudo para combater o desemprego....e também podermos desenvolver práticas profissionais de acordo com o que aprendemos sem estarmos sujeitas a imposições de direcções....isto passe mais nas IPSS...muitas das minhas colegas de curso dizem isso...sempre com contratos precários e sem autonomia técnica nenhuma...

E: Sente-se então satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S.: Sim muito....embora trabalhe muito o facto de poder gerir o dia....é compensador.....claro que em termos de horas de trabalho isto é a 24horas posso ser chamada

a qualquer hora.....basta haver um problema....não é um trabalho que se desligue e se vá pra casa descansado..

E: Sentiu necessidade de formação na área de gestão, economia..na vertente do negócio?

A.S.: É assim...eu na Católica no meu ano tive 3 cadeiras de economia que considero que me ajudaram....a ter uma visão mais empresarial..mas gestão e até mesmo cadeiras de empreendedorismo teria sido uma ajuda....sobretudo ligada às respostas sociais...até pra despertar alguns assistentes sociais para esta possibilidade de negócio e de emprego....tenho tido alguma ajuda do meu marido que é economista e do contabilista..senão seria bastante difícil.....

E: Ainda nesta sequência quais as potencialidades e limitações das competências académicas/profissionais da sua empresa?

A.S.: Bom....em termos das potencialidades eu diria que a nossa formação permite-nos ter uma visão alargada das várias vertentes do ser humano de forma a podermos avaliar e intervir junto dos clientes de uma forma global e não compartimentada...por outro lado temos bases de psicologia que é também muito útil até para gerirmos com alguma confiança as equipas das ajudantes familiares(que não são nada fáceis).....e também analisarmos com segurança as situações dos clientes nos vários aspectos(saúde, psicológicos, familiares) podermos analisar com o cliente e a família aquilo que é melhor como resposta que mais de adequa aquela situação.....

Como limitações sem duvida os aspectos de gestão, de contabilidade de optimização de recursos...senão fosse o meu maridoisso seria dramático ou tinha de ter ido fazer uma formação nessa área...o que acho que ainda vou fazer...quero sentir-me segura e independente

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.:Não vejo qualquer incompatibilidade....os nossos clientes embora sejam de classe média e até alguns da alta, são pessoas que também necessitam de ser bem tratadas ,muitos não têm qualquer apoio familiar...tenho casos de isolamento atroz...muito carenciados sob o ponto de vista afectivo e psicológico...até tenho pensado em fazer um mestrado com uma investigação nesta área...o abandono dos familiares é muito superior nestas classes altas do que nas mais baixas...pelo menos é o que tenho constatado...tento fazer um trabalho junto das famílias para as envolver com o idosos e as responsabilizar do seu papel ..

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo, como uma mutação no padrão da intervenção dos assistentes sociais ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.: Acho que as duas coisas....temos de começar a ver a nossa intervenção também direccionada para outra população porque também esta é carenciada a outros níveis (pode não ser o económico mas é o social enquanto isolamento abandono poço afecto...e por outro lado o podermos criar o nosso próprio emprego dá-nos autonomia profissional e familiar e pessoal...melhora a nossa qualidade de vida, a nossa auto estima e a nossa independência profissional.

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Não noto que seja por ser assistente social tento estabelecer uma relação de confiança de proximidade com os idosos e as famílias às vezes as famílias dão muito pouco apoio e carinho e nós temos de fazer o papel quase de familiar.

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa que balanço faz destas iniciativas?

A.S.: Olhe eu quando comprei a empresa já tinha alvará o que foi um descanso mas mesmo assim estão sempre a pedirnos relatórios papeis mapas enfim uma fiscalização e uma burocracia.....e nunca pedem tudo de uma vez é aos bocados....e é sempre diferente de uns anos para os outros....e depois temos os problemas das famílias que por vezes não pagam ou deixam arrastar a situação ou pura e simplesmente quase se demitem dos suas responsabilidades para com o idosos que fica praticamente à nossa inteira responsabilidade com todos os problemas que isso acarreta.

Nunca há nada perfeito claro que temos de ter constrangimentos e problemas é assim em tudo na vida se trabalhasse numa instituição não tinha tanta responsabilidade mas tinha outras situações que me desagradariam e aqui pelo menos posso agir e tentar resolver os problemas.

E: Muito obrigada pela sua colaboração.

“FIM”

Entrevista 3

Dia 7 de Julho de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração:45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Boa tarde, queria começar por lhe perguntar a idade, em que escola se licenciou e em que ano?

A.S.:Tenho 30 anos tirei o curso de Serviço Social no ISSSP em 2003.

E: E qual foi o seu percurso profissional como assistente social?

A.S.:Olhe, eu acabei o curso e como não arranjei emprego e optei por fazer um estágio profissional na Cruz Vermelha Portuguesa do Porto no Pólo de Gaia na área da formação de adultos e houve uma formação que não tinha nº suficiente de participantes e pediram-nos a mim e a outra colega para nos inscrevermos nessa formação. Esse curso chamava-se MINA (mulheres ideias negócios em acção).E aí estruturei e apresentei o projecto do que viria a ser a minha futura empresa.

Entretanto comecei a trabalhar e ainda hoje trabalho como assistente social numa clínica de Hemodiálisee em 2005 com uma colega também assistente social montámos a empresa.

E: Sente-se então realizada como assistente social?

A.S.: Sim claro.....e então tendo as duas opções.. poder trabalhar na clínica que como trabalho com doentes dependentes...muitos idosos...dá-me uma perspectiva de trabalho e ao mesmo tempo realizar o sonho de ter uma empresa minha....dá-me muito gozo....orgulho-me bastante do que já consegui só com 30 anos.....e tudo o que ainda tenho de aprender e crescer como profissional..

E: Quais foram então os factores no seu percurso que a motivaram a iniciar este negócio?

A.S.:A questão de desemprego...estava a fazer um estágio profissional...mas acho que o facto de ter feito o curso sobre o empreendedorismo foi o factor mais importante foi mesmo o decisório.....o projecto foi acompanhado por professores nas áreas do empreendedorismo e estava bem feito tinha pronto para o apresentar para o alvará à Segurança Social, às empresas para protocolos....enfim tinha estudos económicos feitos, o que até nos permitiu candidatar-mo-nos a fundos económicos....era uma oportunidade que não se podia perder....

E: Essas foram então as principais motivações?

A.S.: Sim...ainda não tinha havido tempo para desencantos profissionais.....que hoje no trabalho na Clínica também não me considero mal...tenho maleabilidade técnica....mas claro não é a mesma coisa que trabalharmos para nós.....se um dia a empresa tiver mais sustentabilidade financeira acho que opto só por trabalhar aqui...

E: Tem a noção do que é ser empreendedor, gosta de correr riscos?

A.S.:Sim aliás antes de fazer o curso sobre o empreendedorismo pouco ou nada sabia sobre o assuntomas até me parece que sou empreendedora...a oportunidade também estava ali mesmo à minha frente mas eu até tenho emprego...já estou efectiva...estou com alguma segurança profissional e acho que ser empreendedor é isto...perante uma oportunidade agarrá-la.....ou então procurar a oportunidade... no meu caso ela já lá estava ou corria o risco e aproveitava-a ou tinha medo e não tinha passado de um projecto académico.

E: Qual a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos assistentes sociais?

A.S.:Penso que devia haver mais...e provavelmente é por falta de informação que não há mais colegas a abrirem empresas.....eu nunca tinha pensado.... E também pensava que seria muito mais difícil...também o facto de ter uma sócia e não estar sozinha ajuda...até porque a minha colega também é assistente social mas é mais racional...é mais gestora... a parte financeira é toda com ela.. quem aqui exerce o serviço social só eu.

É uma oportunidade de alargarmos o mercado de trabalho a outras áreas da população que embora com dinheiro precisam destas respostas sociais.....e também temos pessoas da classe média com seguros de saúde e protocolos com o serviço social de várias empresas.

E: Sente-se satisfeita com a actividade profissional actual?

A.S.:Sim muito....ando sempre a correr de um lado para o outro mas o facto de fazer exactamente o que gosto é muito gratificante.....e ter duas experiências profissionais ao mesmo tempo é muito enriquecedor...sinto que estou a aprender muito....dá-me imenso gozo estes desafios....retiro conhecimentos e aplico-os tanto com os doentes da clínica como com os clientes da empresa.

Não me via a fazer outra coisa acho que tenho imensa sorte...ainda sou nova e estou a construir algo que pode vir a contribuir para uma mudança de intervenção do serviço social...pelo menos era o que eu gostava...

E: Sentiu necessidade de formação nalguma área da vertente de negócios, empresas?

A.S.:Sim na área de gestão e do empreendedorismo mas essa formação foi-nos dada no Curso de Formação da Cruz Vermelha e a minha sócia tem bastantes conhecimentos de gestão porque ela tirou uma pós graduação

Em gestão e controlo financeiro e aplica um programa informático “Primavera” que é uma ferramenta fundamental para este tipo de actividade.....que em termos práticos não é fácil de gerir porque temos equipas de muitas ajudantes familiares cujo trabalho tem de ser muito acompanhado, avaliado e sempre adaptado às características de cada cliente....e em termos por exemplo de horas de trabalho varia muito, por isso mensalmente dá muito trabalho contabilizar as horas de trabalho e os respectivos vencimentos.....e até mesmo na selecção deste pessoal que é a cara da empresa temos que ter bons conhecimentos ao nível do recrutamento, selecção e formação continua às ajudantes familiares.....mas isso a nossa formação académica base é suficiente.... Temos facilidade nas relações humanas e somos normalmente sensitivas a estes aspectos da relação.....mas senão tivesse a minha sócia teria de ter ido fazer alguma formação só a da faculdade não chega.

E: Então e nesta sequência qual a sua opinião sobre as potencialidades e limitações académicas e profissionais que sente como empresária nesta área?

A.S.:Acho que como já disse as limitações são sobretudo ao nível da gestão e do empreendedorismo...perder o medo de arriscar e ter noções de como se cria uma empresa...embora nós tivéssemos essa questão muito facilitada...aliás acho que se no nosso curso se falasse destas vertentes haveria mais assistentes sociais a serem empreendedoras...em termos de potencialidades nós somos os profissionais qualificados para gerir estas respostas sociais...eu exerço o serviço social tenho as ferramentas para acompanhar avaliar diagnosticar as necessidade os clientes que nos aparecem...adaptar as ajudantes familiares que melhor se adequam a cada situação...trabalhar a família do cliente que muitas vezes é também o cuidador informal e que por vezes precisa de imenso apoio psicológico....

E: Como se posiciona então como assistente social e empresária?

A.S.:Penso que se podem complementar.....aqui na empresa eu na brincadeira digo que eu sou a assistente social e a minha sócia é a empresária...mas de facto é só uma questão dos nossos feitios eu como a tenho a ela demito-me mais do papel de gestora mas acho que sozinha neste momento já conseguia continuar com o negócio...mas facilita-nos um bocado porque quando é preciso ser mais assertivo com os colaboradores ou mesmo nos problemas de por exemplo pagamento dos clientes é bom que seja outra pessoa a intervir e eu posso ficar só com o papel técnico...em termos estratégicos funciona bem...eu posso sempre remeter para a minha colega as situações mais desagradáveis e como ela não está tanto no trabalho directo ...funciona bem....é como se eu remetesse à apreciação da direcção....não sei se estou a ser clara...

E: Sim sim.....uma faz de “boa” e outra de “má”...também é preciso o controlo senão a parte financeira não funciona

A.S.:Isso mesmo.....ela faz de “Cobrador do fraque”...

.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo como uma mutação nos padrões de emprego do assistentes sociais, e/ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.:Há sim, uma mudança não na intervenção mas no publico alvo....a resposta social SAD é a mesma temos é de adaptar a intervenção a um outro tipo de pessoas, mais cultas com outros interesses com poder económico elevado...é um campo de intervenção que pode e

deve ser agarrado.....não põe em causa a nossa intervenção como assistentes sociais até a complementa e claro como no nosso caso foi também uma resposta ao desemprego.....

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Nunca tinha pensado nisso, não sei bem mas talvez se sintam mais seguros mas acho que tem muito a ver com a relação que estabelecemos e a postura não comercial com que lidamos com as situações.

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa?

A.S.:O alvará sem duvida foi a maior dificuldade tivemos dois anos para o conseguir e a preocupação é com o espaço físico do escritório não com o tratamento e os cuidados aos clientes....não faz sentido até porque o nosso trabalho é feito em casa do cliente o escritório é só um espaço de atendimento a algum familiar e onde nos reunimos mas o alvará incide sobre o espaço não tem pés nem cabeça esta legislação...

E em termos de custos o alvará ainda sai caro e sinceramente o facto de sermos assistentes sociais não nos beneficia em nada até senti uma certa má vontade no tratamento conosco...mesmo antipatia por parte das nossas colegas... isto deve ser dito.

O resto é tudo questões normais em qualquer negócio... finanças, segurança social clientes que não pagam enfim o normal em qualquer empresa.

E: Muito obrigada pela sua colaboração.

“FIM”

Entrevista 4

Dia 7 de Julho de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração:45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Bom dia, comecemos pela sua idade, formação, escola ano de conclusão do curso?

A.S.:Já sou “velhota” tenho 51 anos, e tirei o curso aqui no Porto no ISSSP em 80/81

E: Pode falar-me um pouco do seu percurso profissional como assistente social há tantos anos é longo de certeza?

A.S.:Sim...comecei a trabalhar como assistente social numa fábrica no Porto na área dos recursos humanos.

Em 94 fui directora técnica numa escola de formação para deficientes e que tinha um serviço de apoio domiciliário para deficientes e foi uma área que sempre me interessou muito e onde em tempos tinha pensado criar uma resposta de tipo casa de acolhimento temporário para

deficientes para os familiares poderem descansar um pouco e terem umas férias de vez em quando...as respostas sociais a esse nível são poucas e más.

E: Sente-se realizada profissionalmente como assistente social?

A.S.:Sim gosto muito de ser assistente social...não me via a fazer outra coisa

E: Houve no decurso do seu percurso profissional algum factor que a tivesse motivado a iniciar este negócio?

A.S.:Acho que sobretudo uma grande insatisfação face às respostas existentes...de inicio teve a ver com as respostas sociais ao nível dos deficientes e famílias e as direcções destas instituições IPSS, não nos deixam inovar, trabalhar como devíamos e queremos....sim penso que sobretudo o impulso para abrir esta empresa foi o hiato existente nas respostas sociais tradicionais...

E: Quais foram então as motivações para a criação desta empresa?

A.S.: Como já disse há muito tempo que eu vinha a pensar nisto...mas na área dos deficientes... criando um lar de acolhimento temporário...mas as condições que a Segurança Social exige para a abertura de um lar é quase impossível...economicamente é preciso muito dinheiro....

Então há 2 anos o meu marido saiu da empresa onde trabalhava com uma indemnização e eu despedi-me e iniciámos os dois este projecto....um SAD de apoio a doentes, idosos e deficientes....

Portanto a empresa tem 2 anos e para conseguir o alvará foi uma aventura....é tudo pedido aos poucos.....até parece assistentes sociais que o facto de sermos a ainda dificulta mais o processo...foi o que eu senti...por parte das nossas colegas do ISS

A aposta era criar uma resposta com a máxima qualidade possível como eu sempre quis trabalhar..... fazer uma intervenção social adequada às necessidades das pessoas que por uma razão ou outra estão dependentes....no fundo pôr em prática tudo o que aprendi...

E: Tem noção do que é ser empreendedor, gosta de correr riscos?

A.S.: Não tinha muita noção nem me considero muito uma empreendedora os riscos que corri foram muito calculados muito cuidadosos e Se fosse mesmo empreendedora tinha-me lançado nesta aventura à mais tempo... porque foi sempre um sonho mas demorou a implementar e acho que sem o apoio do meu marido economicamente e a própria disponibilidade física dele depois de se reformar foram os meus incentivos para correr os riscos....mas também há quem nunca o consiga fazer nesse aspecto talvez tenha um bocadinho de empreendedora....eu considero-me aventureira e gostei sempre de inovar de iniciar projectos novos, de idealizar e concretizar novas ideias às novas necessidades que vão surgindo...mas sem algum suporte teria sido difícil atirar-me para este projecto que economicamente foi muito ambicioso.

E: Qual a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos assistentes sociais?

A.S.: Considero-as muito positivas e acho que estão a aumentar sobretudo nas camadas mais novas...cada vez mais ouvimos as assistentes sociais a reclamarem insatisfação face ao mundo do trabalho, que não conseguem intervir como foram ensinadas muito do que aprenderam não podem pôr em prática..então estas iniciativas abrem-lhes as portas para implementarem as práticas profissionais através de respostas sociais que consideram as mais adequadas...a nossa classe ainda continua muito dividida com estas iniciativas poderíamos marcar uma nova posição, em como as assistentes sociais podem ser empreendedoras, empresárias, temos qualificações profissionais para o fazermos.. e perceber que as classes sociais mais altas também têm necessidades de apoio social muitas das vezes estão completamente excluídos do apoio familiar e não têm o o apoio do vizinho ou do amigo como acontece mais frequentemente nas classes mais baixas...a classe médias também está muito desprotegida... o apoio social das IPSS e da Segurança Social têm critérios de admissão que os excluem...estes idosos da classe média são os que mais precisam neste momento.

E: Sente-se satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S.:Sim muito...tranquiliza-me saber que dou o meu melhor diariamente, vou avaliando todos os dias a minha intervenção e sempre que considero que houve falhas, até porque avalio não só eu , como fazemos com frequência avaliações de satisfação junto dos clientes famílias e os nossos colaboradores alterar e utilizar sempre que detectamos falhas está somente nas minhas mãos alterar metodologias e implementar novas práticas para qualificar cada vez mais e melhor os nossos serviços.

Percebe depende de mim deixar andar ou melhorar sou totalmente independente para o fazer e não me acomodar.....esta liberdade de actuação é a grande mais valia a nível profissional, de satisfação profissional.

E: Sentiu necessidade de formação nesta área profissional, na vertente negócio/empresa?

A.S.: Sim e não talvez mais formação na área da gestão embora quando eu tirei o curso nos anos 80 a área para serviço social era a mesma do que para economia e os dois primeiros anos do curso tinham economia estatística, por isso talvez as noções que mais me faltaram foram de gestão e de empreendedorismo.....mas os cursos também não nos podem oferecer todas as ferramentas necessárias há que ir procurá-las e fazer formações, aprofundar conhecimentos não podemos parartudo está a evoluir muito rapidamente e senão queremos perder o barco temos de apostar na formação....fiz algumas formações nas áreas de gestão e contabilidade...talvez pudesse haver algumas formações nestas áreas mais específicas para assistentes sociais

E: Em sua opinião quais as potencialidades e limitações das competências académicas/profissionais da sua empresa?

A.S.: As competências são a nossa formação ao nível social e humano, a possibilidade de avaliarmos cada situação nas suas várias vertentes (social, económica e familiar)e a possibilidade de construirmos uma resposta que vá ao encontro do que o nosso cliente necessita nas várias vertentes.

As limitações passam pela falta de agilidade, pela enorme burocracia que nos é exigida pela segurança Social para o alvará e na continuidade de todo o processo, pelas questões logísticas, desde a contabilidade as questões laborais de contratos de trabalho, enfim aí é que nos faltam os conhecimentos de gestão..

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.: A meu ver há inteira compatibilidade.

Se a empresária nunca perder de vista os fins humanitários, solidários mas também não podendo esquecer a necessidade de gerir bem para haver sustentabilidade no negócio é perfeitamente possível conciliar as duas vertentes.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo como uma mutação no padrão de emprego dos assistentes sociais; ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.: É um outro caminho é uma outra via profissionalizante, o mercado de trabalho deixa de ser só em IPSS ou no Estado(que em termos de vagas está completamente fechado só com grandes cunhas é se entra) e passa a existir esta outra possibilidade que é uma mutação de paradigmas e é uma outra alternativa ao desemprego como se as nossas respostas só pudessem

incidir nos mais desfavorecidos economicamente , mas não devíamos esquecer que a classe média também tem necessidade de respostas sociais.....é aquilo que já falei atrás.....por outro lado ao trabalharmos nestas vertentes alargamos os nossos horizontes ficamos com uma visão mais alargada dos problemas existentes em todas as classes sociais e o facto de aprendermos a lidar com o sector económico de gestão, recursos humanos torna-nos mais completos profissionalmente e com outra visão da realidade.

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Sim acho damos talvez uma imagem de honestidade, de consciência no trabalho que desenvolvemos não é o negócio nem o dinheiro que estão em primeiro lugar na nossa intervenção mas um bom cuidado , cuidados humanizados prestados com profissionalismo e sem esquecer o lado humano da intervenção. Sim temos credibilidade junto dos clientes e famílias disso não tenho duvidas transmitimos confiança.

E: Que dificuldades encontrou na implementação e continuidade da empresa que balanço faz destas iniciativas empresariais na área social?

A.S.: A maior dificuldade foi com o alvará e com a segurança social até me deu a impressão que o facto de ser assistente social dificultou o processo senti um má vontade e atitudes negativas por parte das nossas colegas...enfim nem sei o que pensar...mas acho que deve falar disso... não sei se outras colegas com empresas sentiram o mesmo....ou se foi só comigo...

As outras dificuldades têm a ver com questões de ordem financeira impostos irc os ivas enfim o normal e problemas com os colaboradores por vezes com as famílias gestão de recursos basicamente.

Estas áreas de negócio social vão no futuro ser uma alternativa ao desemprego dos mais jovens e vão permitir encarar a intervenção social de outra forma. É um outro caminho....

E: Muito obrigada pela sua colaboração

FIM

Entrevista 5

Dia 29 de Julho de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração:45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Bom dia Vera, antes de mais gostaria de começar por lhe perguntar a idade, formação académica, escola e ano em que concluiu o curso

A.S.: Tenho 30 anos , sou claro assistente social e acabei em 2002 aqui no Porto no ISSSP.

E: Qual foi até agora o seu percurso profissional?

A.S.: Fui directora técnica de uma IPSS na área dos idosos (acabou o contrato) e estive a trabalhar na Cruz Vermelha no Porto e acabou o contrato e fiquei desempregada.

Actualmente estou a trabalhar como formadora no Centro Novas Oportunidades em full time , entretanto tirei uma pós graduação em gestão da qualidade.

E: Sente-se realizada profissionalmente como assistente social?

A.S.: Sim embora o que me realiza mais é a minha actividade na minha empresa de Apoio Domiciliário, no Centro das Novas Oportunidades é mais uma garantia económica de alguma sustentabilidade financeira enquanto a empresa não tiver solidez económica para eu poder apostar a 100% neste trabalho.

E: Qual foi no seu percurso profissional o que a motivou para iniciar este negócio?

A.S.: Eu sempre pensei em ter algo meu criado por mim, ainda estava na faculdade e pensei num infantário.....mas durante o meu estágio profissional tive contacto com um curso de formação profissional sobre empreendedorismo o MINA (Mulheres, ideias e negócios em acção) e na sequência deste curso montei com outra colega um projecto de SAD , Baby Sitting e venda de artigos ortopédicos..... e foi assim que a empresa nasceu.....embora só mais tarde a tivéssemos posto a funcionar ,mas a ideia surgiu deste curso.

E: Quais foram então as motivações para a criação da empresa, passou só por um acaso?

A.S.: Não claro que não até porque eu na faculdade já pensava num infantário...acho que foram um conjunto de factores...algumas ideias na minha cabeça, o próprio estágio ter sido facilitador num curso de empreendedorismo que me abriu a cabeça relativamente a muitos aspectos de risco, gestão, inovação independência profissional e também e julgo que muito decisivo o facto de ter sido despedida quando os contratos acabavam e nunca me ter sentido muito realizada profissionalmente....provavelmente se tivesse ficado a trabalhar no 1º emprego teria adiado estas ideias...ou não, dependeria do grau de satisfação e da liberdade de actuação...

E:Tem parece-me bem definido a noção de empreendedorismo...gosta de correr risco considera-se empreendedora?

A.S.:Sim fiz um curso sobre o empreendedorismo acho que tenho algumas noções....até porque hoje fala-se deste conceito em todo o lado....se me considero uma empreendedora digamos que considero ter algumas características.....sempre pensei em criar o meu próprio negócio,

tenho tentado fazer formações para me apetrechar com ferramentas necessárias para implementar com sucesso um negócio.....mas arrisco com alguma cautela por isso ainda acumulo com outro emprego....aí ainda não arrisquei...mas sou prudente e só avançarei com mais sustentabilidade.

E: Qual a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos assistentes sociais?

A.S.: Sou o mais possível a favor sobretudo no momento actual com o desemprego que anda por aí ou o trabalho precário...só aparecem situações de empregos ligadas a estágios muito não remunerados em que puramente utilizam os licenciados (isto passa-se com todos os cursos), para não terem de pagar os salários devidos....claro que se os assistentes sociais até fazendo sociedade com outras áreas profissionais se fossem empreendedoras e criassem respostas sociais pode ser a este nível ou outro...a área da deficiência também está muito a descoberto e lares para doentes de Alzheimer por exemplo....era uma solução também para o desemprego.

E:Sente-se satisfeita com a a sua actividade profissional?

A.S.: Sim embora estou desejosa de me poder dedicar cem por cento à empresa...penso que mais um ano e já será possível.

E:Já falou anteriormente sobre isso mas sentiu necessidade de formação na vertente mais empresarial de negócio?

A.S.: Sim senão tivesse feito essas formações sobretudo a do empreendedorismo e até mesmo a de Gestão da Qualidade(que deu-me uma abertura ao nível da gestão no geral e da importância das questões da qualidade e da certificação destas respostas sociais até para as tornar mais competitivas no mercado teria tido muito mais dificuldade em implementar a empresa.....mas sinto que ainda me falta algumas necessidades ao nível da contabilidade, embora agora com um programa chamado Primavera a gestão das horas de trabalho verus pagamento tornou-se mais simples de aferir...como sabe as horas que as nossas colaboradoras fazem variam muito de semana ou mesmo de mês e tornava-se complicado em termos logísticos de mensalmente contabilizá-las.

E: Em sua opinião quais as potencialidades e limitações das suas competências académicas/profissional da sua empresa?

A.S.: Olhe eu acho que estas áreas das respostas sociais sobretudo na área dos idosos os assistentes sociais são os técnicos com mais competência académica para gerir estes serviços e até me faz pena que a maioria esteja nas mãos de outros profissionais que sem querer dizer mal, não deviam a meu ver tê-las...embora agora a Segurança Social já começou a exigir uma directora técnica da área social, normalmente assistentes sociais...então de facto é reconhecida a nossa capacidade académica e profissional...em termos de limitações são mais as questões de ordem financeira mas essas aprendessem ou contrata-se um profissional dessa área. Um contabilista é obrigatório para qualquer empresa e ter um advogado a que recorrer sempre que necessário também considero importante. Todo o resto temos todas as ferramentas para levar por diante estas empresas.

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.: Ai eu nesses aspectos sou muito radical nunca me considereei uma assistente social na linha do assistencialismo, considero que todos os cidadãos num determinado momento da sua vida podem precisar dos serviços de uma assistente social e portanto não me parece incompatível a conjugação das duas coisas...até me parece bom a vertente humanista na empresária.

E: Então em sua opinião o empreendedorismo poderá ser uma mutação no padrão de emprego dos assistentes sociais ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.: As duas coisas....se falar com colegas da minha geração ou mais novas já têm uma visão mais aberta do mercado de trabalho já não se posicionam na linha de só trabalhar em instituições ligadas a Igreja ou à burocracia e tecnocracia das instituições do estado, já têm outra visão claro que a questão de desemprego faz-nos começar a puxar pela cabeça e a ser criativas e procurar outras alternativas...isto do emprego para a vida já era...cada um tem de criar a sua carreira e agarrar ou criar as oportunidades....e foi o que eu e felizmente já algumas colegas estamos a fazer sem pôr em causa nunca o profissionalismo e o bom desempenho da nossa intervenção junto dos que precisam dela, mesmo que tenham recursos económicos mais elevados...

E: Considera que pelo facto de ser assistente social isso lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Não ,não acho, acho que isso tem a ver com a pessoa com a sua maneira de ser e de lidar com os clientes a imagem que passa mas não sinto que por ser assistente social tenha mais aceitação penso que passa pela personalidade de cada um..pela maneira como agimos...

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa que balanço faz destas iniciativas na área social?

A.S.: Algumas dificuldades de ordem burocrática, por exemplo com a segurança social, com a gestão de recursos humanos, com alguns clientes mais exigentes pouco flexíveis, outros maus pagadores, essencialmente de natureza mais da gestão do que da relação e da prestação de cuidados.

Mas também por vezes de conflitos entre os clientes e os familiares e o nosso papel de mediadores....falta de boas colaboradoras as ajudantes familiares são ainda uma classe profissional pouco motivada para evoluir profissionalmente com necessidade de muita formação o que atrasa o bom desempenho e nos tira tempo a “fiscalizar” e monitorizar o desempenho delas.

Mas com o tempo e formação e empenhamento vamos todos melhorando é uma aprendizagem de todos nós se começasse agora já faria de outra forma estas áreas de negócio exigem dedicação em absoluto estamos a lidar com pessoas e a dedicação e o profissionalismo tem de ser uma constante, mas penso que estamos a desbravar terreno para um aumento de iniciativas como estas .

E: Obrigada pela sua colaboração.

FIM

Entrevista 6

Dia 29 de Julho de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração:45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Boa tarde gostaria de começar por saber a sua idade, formação , escola e ano de conclusão do curso?

A.S.: Sou assistente social , acabei o curso em 1968, já tenho mais de 60 anos , e fiz o curso no ISSSP.

E: Com tantos anos de experiência dê-me só um breve resumo do seu percurso profissional?

A.S.: Olhe eu trabalhei na Segurança Social durante uns anos e depois por razões de ordem profissional do meu marido estive muitos anos no Canadá e ainda me desloco com frequência lá o que me permitiu ter também uma visão mais alargada do serviço social que se faz sobretudo no Canadá e também Estados Unidos onde também estive com frequência e me abriu alguns horizontes e acabou por me dar a motivação para iniciar este projecto.

E: Sente-se realizada profissionalmente como Assistente Social?

A.S.: No início quando comecei a trabalhar na Segurança Social nem por isso, também foi há muitos anos e o serviço social era muito assistencialista e muito burocrático.... Eram informações e subsídios e não podíamos passar disso para além de que as respostas sociais eram muito más e escassas.

E: Então esse foi um factor que a motivou a criar este lar privado, a insatisfação profissional e a falta de respostas sociais?

A.S.: Sim, por um ladopor outro o ter mais disponibilidade para acompanhar o meu marido, também o facto de ter visto respostas sociais de grande qualidade no Canadá e gostar de desenvolver algo parecido em Portugal...e claro também a disponibilidade financeira.

E: Acha-se uma empreendedora gosta de correr riscos?

A.S.: Iniciei o Lar e o SAD em 93 ainda não se falava muito nesses conceitos mas penso que qualquer pessoa que ousa criar algo em que acredita , com alma sem ser só para ganhar dinheiro, que faz disso um projecto de vida em função de apoiar neste caso idosos e doentes, será empreendedora...eu tenho o apoio do meu marido que é da área financeira e isso deu-me sempre alguma segurança.

E: Qual é a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos assistentes sociais?

A.S.: Aqui há uns anos isto não era lá muito bem visto confesso, agora não sei.....mas eu nunca me preocupei com isso....na altura o Lar e o SAD que abri eram as poucas respostas sociais de grande qualidade existentes aqui no Norte agora já há muitas mas na altura era tudo muito mau eu trouxe o conceito do “hotel” geriátrico e do apoio domiciliário a partir e em conjunto com a resposta lar numa 1ª fase o idoso mantém-se em casa e depois numa fase de maior dependência terá o lar....embora actualmente os idosos estão muito dependentes e o Lar está sempre cheio com grandes dependentes e caso de alzheimer....cada vez mais...

E: Sente-se satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S.: Sim claro... isto foi um sonho que consegui concretizar e que me dá muita satisfação pessoal e profissional até porque continuo a ser essencialmente assistente social , de empresária e gestora tenho muito pouco...isso é tudo com o meu marido..

E: Então a nível de formação nestas áreas de gestão não fez formação nem sentiu necessidade?

A.S.: Não não fiz nada de formações... a parte financeira e dos dinheiros é o meu marido que gere eu sou só assistente social e faço a gestão do pessoal e a supervisão do funcionamento e articulo com a segurança social e com as instituições com quem temos acordos de cooperação... só a gestão do pessoal no Lar temos 30 colaboradoras e do funcionamento diário, alimentação, hotelaria e a parte de enfermagem, médica e de fisioterapia, enfim um Lar é a 24h é muito trabalho e responsabilidade.. tenho também uma assistente social a trabalhar comigo que é o meu grande apoio.

E: Qual a sua opinião sobre o aparecimento de várias empresas de assistentes sociais considera que será uma mutação no padrão de emprego dos assistentes sociais , ou também uma resposta ao desemprego?

A.S.: Não sei bem uma resposta ao desemprego é seguramente.....e talvez as assistentes sociais mais novas com outra formação e se estiverem descontentes com o local de trabalho e sentirem limitadas na sua intervenção comecem a pensar nessa possibilidade então para os idosos que são cada vez mais, as respostas continuam a ser poucas e de pouca qualidade.....e com a facilidade que os jovens têm hoje de viajar e conhecer outras experiências, de fazerem cursos lá fora , está tudo muito mais próximo agora, é provável que se procure desenvolver boas instituições em Portugal e nós assistentes sociais porque não? É a nossa área também.....e o risco como há pouco falou...nas camadas mais novas é um desafio não é um constrangimento.....aqui no Norte sei que existem algumas instituições privadas de assistentes sociais.

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Sim ,talvez uma maior confiança, tira o aspecto mais do lucro e foca mais os aspectos humanos.

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa e o balanço destas iniciativas empresariais?

A.S.: Não encontro grandes dificuldades já tenho este lar há muitos anos e tenho tido muito apoio na área financeira que seria o que para mim era mais complicado sendo assim a questão do pessoal talvez seja o que me dá mais trabalho mas como tenho uma colega a trabalhar comigo é uma grande ajuda.

Já somos conhecidos aqui na zona temos credibilidade comprovada fazemos um trabalho sério com preocupação em servir o melhor possível os nossos clientes.

Empresas como lares e residências assistidas deviam haver mais, os nossos colegas debatem-se com falta de bons equipamentos como resposta ao crescente envelhecimento da população por isso deviam pensar em abrir mais lares a funcionar bem como boas respostas sociais, sabemos o que é isso é só preciso avançar com mais projectos...agora até há apoio comunitários e subsídios para a criação de empresas....

E : Muito obrigada pela sua disponibilidade.

FIM

Entrevista 7

Dia 29 de Julho de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração: 45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Bom dia, podíamos começar por saber a sua idade, formação, escola e ano em que concluiu o curso?

A.S.: Sou assistente social fiz o curso no Mitelo no ISSSL e acabei em 1984, tenho 50 anos..

E: Qual foi o seu percurso profissional como assistente social?

A.S.; Trabalhei sempre na área dos idosos e doentes, estive como directora técnica do Lar dos Inválidos do Comércio, e depois na Segurança Social em várias instituições ligadas a idosos, no Hospital da Cuf no serviço de hemodiálise e agora na empresa...

E: Sente-se realizada profissionalmente como assistente social?

A.S.: Sim sim... nem me via a fazer outra coisa... sempre quis ser assistente social e nunca me arrependi... claro que nuns locais é mais fácil trabalhar do que noutros mas isso é assim em

qualquer profissão cabe-nos a nós tentar dar a volta á situação e tentar encontrar o local em que nos realizemos mais.... Isto hoje em dia é mais difícil devido ao desemprego mas no meu tempo era relativamente fácil

E: Houve no seu percurso profissional algum factor que a tivesse motivado a iniciar este negócio? (insatisfação profissional, necessidade de mudança etc.)

A.S.: Olhe foi uma coisa pensada há muitos anos mas as condições para a concretizar só surgiram há cerca de 14 anos... como sempre estive ligada às questões da saúde e dos idosos era uma área em que tinha ideias muito definidas do que era funcionar bem o que os idosos precisavam como é que uma instituição devia funcionar...depois vi vários outros profissionais enfermeiros médicos a desenvolverem projectos de apoio domiciliário privado e comecei a pensar a sério nesta ideia....nós assistentes sociais sabemos como devem funcionar bem estes serviços então porque não avançar para iniciativas como estas... criando respostas sociais? Na altura falei com algumas pessoas que se mostraram entusiasmadas com a ideia, pesquisamos o que havia nesta área porque fomos das 1^{as} a aparecer não existiam ainda muitas empresas, visitámos duas empresas holandesas para ver como funcionavam curiosamente também tinham sido constituídas por assistentes sociais, e começámos há cerca de 12 anos,, começámos só com 3 ajudantes familiares ,para ver um bocado como o mercado reagia, foi uma coisa que fomos construindo passo a passo, não começámos a pedir um grande empréstimo para começar a construir uma grande instituição, portanto foi tudo muito racional e com calma, íamos vendo o que é que dava, o que não dava fomos contratando ajudantes familiares de acordo com o nº de clientes que iam aparecendo.

E: Quais foram então as suas motivações para a criação da empresa?

A.S.: Não propriamente por estar descontente com o que fazia mas porque senti muita vontade de fazer algo novo, mais inovador e tinha comigo naquele momento as pessoas certas, estávamos todos muito motivados e apetecia-me trabalhar para mim sem ter de estar dependente de outros enfim dar uma volta à vida ter maior independência profissional e gerir o meu tempo de outra forma.

E: Tem a noção do que é ser empreendedora, gosta de correr riscos?

A.S.: Isso de ser empreendedora é um conceito novo moderno...mas nunca gostei de me acomodar senão me sentia bem com o que estava a fazer procurava mudar, felizmente havia essa oportunidade, gosto de me actualizar sempre acho que o serviço social tem de acompanhar sempre as mudanças sociais e estas cada vez são mais e mais rápidas as respostas

sociais hoje não podem ser as mesmas de há uns anos a sociedade está a mudar todos os dias a um ritmo até assustador.

E: Sente-se satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S.: Muito, até porque trabalho com uma equipa óptima, constituímos uma equipa multidisciplinar (também só me faz sentido desenvolver um projecto de apoio domiciliário se for com uma equipa polivalente temos médico enfermeira psicólogo economista e advogada) e claro eu e as ajudantes familiares.

Raramente conseguimos trabalhar com equipas destas o que torna o nosso trabalho muito mais enriquecedor e desenvolve também as nossas competências a outros níveis de intervenção.

E: Sentiu necessidade de formação numa +área mais empresarial como por exemplo gestão?

A.S.: Sim sim... fiz 2 pós graduações uma em gestão de recursos humanos e outra em contabilidade e gestão, e como tenho na equipa pessoas licenciadas nessas áreas também é uma mais valia...mas acho que nós para constituir uma empresa devemos sempre ter umas noções de gestão estar um pouco por dentro do funcionamento da logística e contabilidade da empresa senão pode não funcionar. As minhas funções na empresa são em 1º lugar de assistente social sou eu que faço o atendimento a todos os clientes a 1ª entrevista de admissão o acompanhamento da situação a formação continua as ajudantes familiares o plano de cuidados individualizados, a avaliação desse plano a gestão de conflitos entre a equipa e por vezes os clientes...mas também não posso descurar as questões de rentabilidade de recursos , de gastos e proveitos enfim a gestão da própria empresa

E: Então em sua opinião quais as potencialidades e limitações das competências académicas e profissionais da sua empresa?

A.S.: Eu tirei o curso de serviço social há muitos anos mas na altura tínhamos economia e como naquela época o nosso curso ao nível da escolha dos últimos anos de liceu era igual para o curso de economia eu fiquei com algumas noções... mas depois com o correr dos anos esquecesse muito... mas como estive quase sempre como directora técnica de instituições sempre fui estando familiarizada com alguma gestão... mas para termos uma empresa temos de estar por dentro de questões de gestão e contabilidade senão a empresa não tem viabilidade económica.

O curso actualmente talvez já tenha mais cadeiras destas áreas porque senão é necessário fazermos formações e cursos destas matérias.

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.: Acho possível fazermos as duas coisas eu continuo a ser assistente social dentro da equipa mas tal como os outros sócios também tenho responsabilidades de gestão e de contribuir para a viabilidade económica deste projecto.

Em termos técnicos o meu trabalho é respeitado e procuro desenvolver um apoio o melhor possível aos nossos clientes de uma forma o mais humana possível e indo ao encontro do que cada um necessita. Não vejo qualquer incompatibilidade.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo nas assistentes sociais, vê isso como uma mutação no padrão de emprego , como uma resposta ao desemprego?

A.S.: Olhe no meu caso não foi essa a questão mas acho que de facto esta pode ser uma via para o desemprego, ou para o emprego precário, que por vezes também traz a insatisfação profissional. Acho é que nas escolas estas oportunidades deviam ser faladas e incutir nos jovens estas novas realidades e encorajá-los a não terem medo de arriscar e de experimentar novas formas de trabalhar. Quem diz nestas empresas diz noutras áreas por exemplo os deficientes estão sem apoios nenhum é uma área a investir em termos de instituições de apoio.

E: Considera que pelo facto de ser assistente social isso lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Sim sem dúvida retira o aspecto económico ao negócio as situações são analisadas mais sob o ponto de vista social e os clientes percebem isso e sentem-se mais confortáveis com a nossa postura, claro que também vai da posição que cada um toma mas regra geral o assistente social tem uma visão humanista do problema e tanto o cliente como o familiar percebem que está 1º em causa o problema da pessoa do que a questão remuneratória.

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa, que balanço faz destas iniciativas?

A.S.: A maior dificuldade prende-se com o alvará e a segurança social, foi muito demorado e dispendioso o processo , com dificuldades consecutivas, sem sentido nenhum até me parecia que pelo facto de ser assistente social isso era factor de aumento de dificuldade, enfim não foi nada fácil .

As outras questões são ultrapassáveis e têm a ver com qualquer actividade, o IVA o IRC com contabilidade gestão de pessoal, críticas ao nosso trabalho, divergências de opinião por vezes mais com os familiares do que com os idosos.

Mas continuo empenhada e a fazer um balanço positivo, continuo a achar que deviam mais colegas abrir empresas nas áreas das respostas sociais, continuam a haver poucas de qualidade e a preços de acordo com a classe média.

E: Muito obrigada pela sua colaboração.

FIM

Entrevista 8

Dia 2 de Agosto de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração: 45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Boa tarde, gostaria de começar por lhe perguntar a sua idade, formação académica, a escola e o ano de conclusão do curso.

A.S.: Bom tenho 29 anos sou claro assistente social e terminei o curso em 2004 na Católica de Lisboa.

E: Qual foi o seu percurso profissional até à criação da empresa se é que houve?

A.S.: Fiz só um estágio profissional numa IPSS na valência de SAD e Centro de Dia, uma experiência que me deixou muito frustrada pelas questões de mau funcionamento da instituição falta de recursos para trabalharmos, falta de respeito pelo trabalho das assistentes sociais enfim uma experiência para esquecer....mas que me fez repensar e tentar dar uma volta à vida.

E: Não se sentiu então realizada profissionalmente foi esse o motivo que a motivou para iniciar este negócio?

A.S.: Sim basicamente foi, ou mudava de profissão ainda equacionei essa hipótese ainda pensei em ir tirar outro curso, mas entretanto falando com uma amiga que é enfermeira começámos a pensar em abrir uma empresa de apoio domiciliário privado ela daria o apoio ao nível de cuidados de saúde e eu ficaria com toda a intervenção social e a parte de administração propriamente.

Se não tivesse tido uma má experiência profissional provavelmente nunca tinha pensado nisto mas como também o mercado de trabalho não está nada fácil e o que vai aparecendo é só trabalho em IPSS e Centros Paroquiais e eu isso nem pensar... esta foi uma boa aposta sinto-me bastante realizada.

E: Tem a noção do que é ser empreendedora, gosta de correr riscos?

A.S.: Sim tenho, eu só uma pessoa pouco de me conformar com aquilo que não gosto, procuro criar soluções para me sentir realizada com o que faço, sempre quis ser assistente social e não gostava nada de ter de trabalhar noutras áreas, por isso “atirei-me de cabeça” e ainda não me arrependi... tento desenvolver um serviço com qualidade respeito pelos clientes e pelos colaboradores, tentando criar respostas inovadoras e centradas individualmente no que cada cliente necessita e não respostas alargadas iguais para todos.. cada idosos é diferente e precisa de cuidados específicos gosta de ser tratado de uma forma individualizada de se sentir especial como se fossemos quase da sua família... mas claro que com o devido distanciamento técnico que também é necessário salvaguardarmos.

E: Qual é a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos assistentes sociais?

A.S.: Sou suspeita porque não tive muita experiência como assistente social a trabalhar para outros, mas penso que em áreas específicas como apoio a idosos e por exemplo deficientes a nossa intervenção pode passar por empresas privadas aliás com alvará qualquer empresa destas tem de ter uma directora técnica com a nossa formação então porque não sermos nós a abrir estas empresas? Acho mesmo que é um novo campo profissional que está a aparecer

para os assistentes sociais e que é pena não agarrarmos estas novas oportunidades até para fazermos face ao desemprego.

E: Sente-se satisfeita com a actividade profissional actual?

A.S.: Sim agora estou a trabalhar num novo desafio mas depende de mim o seu êxito e isso é muito motivador.

E: Sentiu necessidade de formação nesta área profissional, nesta vertente de negócio?

A.S.: Sim aliás fiz formação na área da gestão de recursos humanos e a minha sócia sabe bastante de contabilidade e gestão financeira embora seja enfermeira fez também essas formações.

E: Em sua opinião quais as potencialidades e limitações das competências académicas/profissionais da sua empresa?

A.S.: Como potencialidades acho que o facto de sermos assistentes sociais contribui para termos uma abordagem a estas problemáticas muito diferentes é uma das nossas áreas de intervenção e como tal estamos aptas profissionalmente para trabalhar, coas

limitações são mais de ordem logística e de formação nas áreas financeiras e de empreendedorismo ou seja falta-nos uma visão empresarial que acaba por ser importante senão o negócio não é sustentável economicamente, e até noções de marketing e publicidade para podermos divulgar a nossa actividade. Hoje em dia o tão badalado marketing social acaba por ser uma faceta importante para qualquer projecto de por exemplo empreendedorismo social. Mas no nosso caso é um negócio que embora seja uma resposta social, não estamos a vender roupa, tem que ter um cariz económico senão falta-nos verbas e a empresa fecha. Portanto mais formação nestas áreas seria fundamental logo nas faculdades ou então pós graduações vocacionadas para estas duas vertentes aliar o negócio às problemáticas sociais.

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.: São perfeitamente viáveis uma com a outra, pelo facto de ser empresária continuo a exercer a minha pratica profissional da mesma maneira, com a mesma metodologia, os mesmos objectivos os mesmos instrumentos de diagnóstico, os mesmos procedimentos, aliás estamos a certificar a empresa e estamos a funcionar com o modelo de qualidade do ISS.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo; como uma mutação no padrão de emprego dos assistentes sociais;ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.: As duas, se queremos trabalhar como assistentes sociais temos de criar mecanismos face ao crescente desemprego ou emprego precário ou empregos em que não respeitam minimamente o nosso trabalho como infelizmente há muito por aí.

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Sim maior confiança sentem o serviço que prestamos mais humano retira o cariz meramente económico, de negócio , e confere talvez mais segurança, mas isso também depende muito da pessoa ,da empatia que depois se cria

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa?

A.S.: Eu consegui facilmente o alvará tive a sorte de encontrar um espaço com as condições exigidas, mas em termos de desconhecimento de gerir economicamente um negócio é onde sinto mais dificuldades, as questões de contabilidade os IVA, enfim muita burocracia..

E: Que balanço faz e quais as perspectivas para a iniciativa empresarial na área social?

A:S: Positivo e acho que iniciativas empresariais nestas áreas têm futuro, o envelhecimento da população a demissão do papel do estado, as respostas insuficientes e de fraca qualidade das IPSS (há as que funcionam bem isto tem de ser dito), o aumento das reformas , uma classe média já muita idosa mas com alguns recursos financeiros ...enfim estão a aumentar estas respostas se for à net estão sempre a aparecer, por isso cabe-nos a nós assistentes sociais começarmos a ser lá está mais empreendedoras.

E: Muito obrigada.

FIM

Entrevista 9

Dia 2 de Agosto de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração: 45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Bom dia, começo por lhe perguntar a idade, a formação, em que escola fez o curso e o ano de conclusão do mesmo?

A.S.: Tenho 34 anos tirei a licenciatura na Católica em 2002 e fiz uma formação em Gerontologia , uma pós graduação.

E: Qual o seu percurso profissional como assistente social?

A.S.: Trabalhei numa IPSS com idosos com as valências de Apoio Domiciliário e Centro de Dia mas fazia a gestão de todo o equipamento daí ter começado a pensar em abrir uma empresa, e embora tenha tirado o curso de assistente social e tenha gostado muito do curso

não gostei nada da minha experiência no mundo do trabalho, pensei até em desistir e ir tirar outro curso.

E: Não se sente então realizada profissionalmente como assistente social?

A.S.: Não agora sinto-me desde que comecei com a empresa mas anteriormente não eu fazia de tudo na instituição onde estava até as limpezas, era uma exploração na verdadeira acessão da palavra, não havia qualquer respeito pelos técnicos, e pagavam mal, não nos deixavam ir a qualquer formação...enfim foi para esquecer ou saia de lá ou dava em maluca. E nessa altura questioneei muito o curso se era realmente assistente social que eu queria ser mas felizmente consegui perceber que aquilo não era exemplo da profissão.

E: Houve então no seu percurso profissional algum factor que a tivesse motivado a iniciar este negócio? (insatisfação profissional, com a qualidade das respostas sociais, necessidade sentida de mudança de profissão)

A.S.: Em primeiro lugar sem duvida a insatisfação profissional dado que estava muito mal na IPSS depois como fazia de tudo lá na instituição sabia o funcionamento que um Serviço de Apoio Domiciliário devia ter e não era como funcionava ali eu fiz uma pos graduação em gerontologia e sabia como devia intervir só que ali era impossível...ainda tentei emprego noutros locais mas o mercado de trabalho está muito difícil e foi então que comecei a pensar na empresa o meu marido é economista e foi com o apoio dele que fiz a empresa.

E: Quais foram então as verdadeiras motivações para a criação da empresa?

A.S.: Para além do que já falei sentia que havia e ainda há uma grande lacuna no mercado a nível de apoio domiciliário para uma classe média a 24horas e a preços acessíveis ou com bons protocolos com seguros de saúde.Por outro lado eu tinha de sair da instituição onde estava e a oferta de trabalho como sabe é pouca portanto ou ia para o desemprego ou abria a empresa...e o meu marido também deu suporte na parte da gestão que era onde eu sentia mais dificuldade.

E: Tem a noção do que é ser empreendedora, gosta de correr riscos?

A.S.: Sim acho que sim, eu penso que o facto de ser uma pessoa que não se acomoda aquilo em que não se sente realizada e o conseguir correr riscos (embora tenha tido medo) são factores característicos de um empreendedor não são?

E tenho procurado mesmo com a empresa não me acomodar e tenho tido a preocupação de a fazer crescer em quantidade e qualidade, temos a funcionar paralelamente ajudas técnicas, fisioterapia, yoga do riso, actividades lúdicas com os idosos que ainda têm alguma autonomia, no fundo fazer crescer a empresa com várias áreas de negocio interligadas numa perspectiva de poder proporcionar aos clientes a prestação de um bom serviço.

E: Qual é a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais das assistentes sociais?

A.S.: Penso que vão ter cada vez mais futuro para colmatar o desemprego e poder proporcionar respostas sociais de qualidade que infelizmente pela minha experiência profissional, são poucas as respostas na área dos idosos que têm de facto qualidade e que estão direccionadas para os interesses e as necessidades dos idosos ainda estamos ao nível do assistencialismo nesta área proporcionando somente os cuidados básicos, higiene e alimentação.

Os idosos actualmente principalmente os de uma classe média com um nível cultural mais elevado requerem para além desses cuidados outras respostas e isso poucas são as instituições que o fazem e esse é um campo em aberto para os assistentes sociais e outros profissionais por exemplo psicólogos.

Com o aumento desta população que se prevê com um crescimento até assustador invertendo de tal maneira as pirâmides populacionais que esta área de intervenção é prioritária e tem um potencial imenso, é uma aposta para novas empresas surgirem.

E: Sente-se satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S.: Bastante, agora sinto que embora os condicionalismos e as dificuldades surjam e vão surgir sempre é normal, eu posso contornar os problemas e está nas minhas mãos resolvê-los, sinto-me por isso mais responsável mas mais livre para intervir.

E: Sentiu necessidade de formação profissional noutras áreas (vertente de negócio/empresas)?

A.S.: Sim sim, fiz uma pós graduação em gerontologia que foi importante mas fiz também duas formações em finanças e contabilidade e estas foram importantíssimas.

Embora tenha um contabilista é muito importante sabermos ler um balancete, percebermos a análise financeira da empresa , os proveitos os custos como podemos crescer etc.

Nós temos uma visão fraca ao nível de gestão mas mesmo quando trabalhamos em instituições não lucrativas devíamos perceber um pouco de gestão porque mesmo as instituições do estado ou as IPSS devem ser bem geridas porque muitas vezes gasta-se desnecessariamente uns recursos e nem se pensa em equacionar outros e a lógica é sempre gastar o menos possível, mas se houvesse uma boa gestão provavelmente com o mesmo investimento podia dar-se melhor qualidade de respostas.

Penso que de recursos qualquer assistente social que esteja como directora técnica de um estabelecimento devia ter noções claras de gestão financeiros e humanos.

E: Nessa lógica com a qual concordo, em sua opinião quais são as potencialidades e limitações das competências académicas/profissionais da sua empresa?

A.S.: Eu considero que ainda estou a aprender e o caminho ainda agora começou, mas senti dificuldades a este nível da gestão e só agora tenho vindo a entender que uma assistente social e uma gestora não são duas áreas distintas mas complementares, ou seja posso e devo ser uma gestora “ social” ou seja sem perder a visão social posso encontrar mecanismos de gestão que me permitam com os mesmos custos melhorar o apoio social que prestamos.No caso da empresa claro que temos de ter lucro não temos subsídios por isso existe uma vertente lucrativa mas como assistente social pretendo dar uma resposta integrada ,em que os clientes que podem pagar paguem bem o serviço mas os que tiverem mais dificuldade com os protocolos que celebramos com os vários serviços de saúde e até com um trabalho com as famílias implicando-as no processo, se consiga financiamentos para baixar determinados custos e possamos responder a outro publico.

Esta vertente social/gestão pode “casar” muito bem.

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.: É isso que falei não é nada incompatível como pode parecer à primeira vista, pelo contrário podemos intervir como assistentes sociais sem perder de vista uma gestão equilibrada.Se não o conseguirmos há sempre a possibilidade de nos associarmos a outros profissionais e desenvolver um projecto partilhado com outras vertentes profissionais, sei de empresas que têm assistentes sociais e economistas e psicólogos e cada um contribui na sua área. Penso que não podemos é perder de vista a dimensão humana da resposta não somos uma máquina de fazer dinheiro os nossos clientes são pessoas em situação de vulnerabilidade e como tal têm de ser tratados com respeito e temos de oferecer serviços que estejam de acordo às suas reais necessidades, ou seja a visão empresarial não se pode sobrepor à visão social e humana.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo; como uma mutação no padrão dos assistentes sociais; ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.: Talvez as duas, uma resposta ao desemprego é evidente, e ao sê-lo faz as assistentes sociais equacionarem novas práticas e posicionarem-se de outra forma. A sociedade está a mudar ao minuto, estive a ler um livro sobre economia e a globalização “ O mundo Plano “ não sei se conhece, e é assustador a rapidez como tudo está a mudar, os padrões económicos e sociais estamos todos interdependentes, a Europa está a perder terreno e outras potências a emergir de uma forma gigantesca alterando os nossos modos de vida, por isso a intervenção dos assistentes sociais tem de acompanhar a evolução da sociedade e estar de acordo com as novas necessidades que forem surgindo.

E hoje em qualquer profissão não nos podemos agarrar ao “canudo” e pensar em parar, temos de estar permanentemente a actualizar-nos a procurar outras formações, a cruzar várias experiências, o que aprende hoje já está desactualizado muito rapidamente por isso num campo vasto como o nosso com o tecido social sempre a mudar, nós somos daqueles profissionais que não podemos parar de evoluir academicamente.

E: Considera que pelo facto de ser assistente social isso lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Sim talvez o facto de ser assistente social retira o papel de meramente lucrativa à empresa e dá-lhe uma maior segurança nos aspectos humanos.

Tenho sentido isso por vezes mas também para alguns clientes isso não é relevante tem tudo a ver com a relação que se cria entre a empresa e o cliente/família; aí é que talvez o facto de sermos assistentes sociais seja uma mais valia para estabelecer essa relação de confiança.

E: Que dificuldades tem encontrado na implementação e continuidade da empresa?

A.S.: Isso muitas....a começar pelas burocracias da segurança social para o alvará, quase dois anos para o conseguir....no encontrar um espaço com todas as condições exigidas para o licenciamento, um calvário, licenças da câmara outra aventura enfim é preciso uma determinação e persistência que não é nada fácil....depois o contratar pessoal bom para trabalhar nesta área...outra aventura!!por mais formação que dêmos não é fácil encontrar bons profissionais nas áreas das ajudantes familiares.

E por vezes dificuldades sobretudo ao nível do envolvimento das famílias no processo de apoio ao idoso, muita demissão por parte dos familiares nós estamos lá, pagam e não querem saber....isso acaba por ser também uma dificuldade.

E: Que balanço faz e quais as perspectivas para a actividade empresarial na área social?

A.S.: Positivo, não me arrependo e voltava a fazer o mesmo talvez com contornos diferentes porque a aprendizagem trás-nos outras mais valias, mas não pensaria em voltar atrás, é um caminho que está a abrir novas possibilidades de trabalho e para o qual nos encontramos habilitadas (com algumas formações adicionais).

E: Muito obrigada.

FIM

Entrevista 10

Dia 2 de Agosto de 2009-07-25

Entrevista a Assistente Social

Duração: 45minutos

Local: Empresa da Entrevistada

Elementos presentes: Entrevistador e Assistente Social

E. Entrevistador

A.S: Assistente Social

E: Boa tarde, começo por lhe perguntar a idade, formação, escola e ano de conclusão do curso?

A.S.: Tenho 31 anos sou licenciada em serviço Social na Católica de Lisboa e acabei o curso em 2003.

E: Qual o seu percurso como Assistente Social?

A.S.: Fiz um estágio profissional de 2 anos na área da Formação Profissional e trabalhei num Lar Particular como Directora Técnica.

E: Sente-se realizada profissionalmente como assistente social?

A.S.: Agora sinto-me mas a minha experiência profissional começou por não ser má no estágio profissional mas quando comecei a trabalhar no Lar foi péssimo pus tudo em causa inclusive pensei ir tirar outro curso.Os lares particulares são obrigados a ter assistentes sociais para terem o alvará e senti-me altamente explorada em todos os sentidos desde deontologicamente a economicamente.Como sabem da dificuldade de emprego, somos novas ,inexperientes, e tentam de facto por um salário miserável pôr-nos a fazer tudo, até limpezas se for preciso.Não consegui pactuar com aquilo e despedi-me . Foi então que pensei em montar um lar particular mas com a dignidade que os clientes e os funcionários merecem e devem ter.

E:Isso foi então o factor motivador para iniciar este negócio,a insatisfação profissional, o desemprego?

A.S.:Sim, por um lado fiquei desempregada e como sabe o mercado de trabalho está péssimo, e por outro até agradeço o que passei no lar onde estive porque permitiu ver o que eu não queria fazer e o que deve ser feito deu-me as duas perspectivas, ensinou-me coisa importantes ao nível do negócio mas fez-me ver o que uma assistente social séria nunca faria, e como devem ser tratados os clientes de um lar com uma boa resposta social e humana.

E: Tem a noção do que é ser empreendedora , gosta de correr riscos?

A.S.: Acho que sim mas o que eu constatei é que gosto mesmo é de ser assistente social senão face ao que passei tinha enveredado por outra profissão, o facto de ter continuado a lutar para conseguir exercer a minha profissão nos moldes em que acredito talvez faça de mim empreendedora, e claro que um negócio tem sempre o risco acrescido.

E: Qual a sua opinião sobre estas iniciativas empresariais dos assistentes sociais?

A.S.: Face à dificuldade em encontrar emprego, ou emprego que de facto seja credível que nos realize profissionalmente e face à escassez de repostas sociais na área dos idosos sobretudo, lares em condições são poucos, o abrir lares ou outras repostas são uma alternativa para nós e para outros profissionais.

Aliás lares normalmente são muitos de profissionais ligados à saúde, enfermeiros e médicos.

Para nós assistentes sociais então para quem já trabalhou em lar, como eu, é uma oportunidade de pôr a funcionar uma boa resposta social, que embora discutível ainda continua a ser uma necessidade para muitos idosos e demênciados.

E: Sente-se satisfeita com a sua actividade profissional actual?

A.S.: Sim muito, embora as dificuldades sejam muitas, um lar aberto 24h dá muito trabalho, a gestão com o pessoal é difícil, e eu só chamada a intervir a toda a hora. Mas tem sido uma aprendizagem hoje já sei melhor gerir os recursos e já não stresso tanto.

Estou a pensar em fazer mais formação na área da gestão dos recursos humanos, considero fundamental para esta intervenção.

E: Era mesmo essa a próxima questão, sentiu necessidade de formação nessa área profissional, vertente negócio/empresa?

A.S.: Sim sim sinto mesmo muita necessidade, sobretudo gestão (financeira e de recursos humanos).

Também já ouvi falar num mestrado ou pós graduação em gestão de estabelecimentos ou uma coisa assim....tenho que me informar melhor.

Tenho amigos na área da economia e por vezes recorro a eles, mas acho fundamental eu ser detentora desses conhecimentos até porque perante um problema quem o tem de resolver só eu.

E: Em sua opinião quais as potencialidades e limitações das áreas de competências académicas e profissionais da sua empresa?

A.S.: Eu diria que potencialidades o facto de ter vivido uma experiência de directora técnica de um lar, e o facto de ser assistente social e ter a possibilidade de saber aliar as necessidades que são sentidas pelos clientes com uma boa resposta que lhes podemos proporcionar, e as limitações são de natureza de gestão de fiscalidade, de ter de associar um bom serviço mas que este seja também rentável e dentro da legislação que temos isso é difícil.

E: Como se posiciona enquanto assistente social e empresária?

A.S.: Tem sido um caminho interessante aqui à uns anos se me falassem nisto diria que não fazia sentido mas hoje penso que não há qualquer incompatibilidade antes pelo contrário o poder associar uma boa intervenção social num espaço em que posso intervir como acho correcto sem interferências de outros , em que posso ajudar a sentirem-se bem o mais em casa

possível respeitando os gostos e interesses de cada cliente faz-me todo o sentido e é preciso não esquecer que a classe média está muito desprotegida, tem menos ligações de vizinhança menos rede familiar normalmente menos filhos, e é considerada fora dos escalões para apoio da segurança social ou Santa Casa. Eu pergunto se com uma reforma de 500 ou 600 euros uma pessoa já é considerada rica! Senão recorrer ao apoio familiar não tem alternativas se precisar de ir para um lar.

E: Qual a sua opinião sobre o empreendedorismo, como uma mutação no padrão de emprego dos Assistentes Sociais; ou como uma resposta ao desemprego?

A.S.: Com estes “novos” públicos, com o aumento dos idosos, idosos mais diferenciados e com uma nova visão que os assistentes sociais mais novos já começam a ter de que não deixamos de ser assistentes sociais se trabalhamos com uma classe média deixando de lado a visão assistencialista que só estamos em função do apoio aos mais carenciados, mas com uma visão mais alargada que numa classe chamada média por vezes somos tão ou mais necessários, e que a nossa intervenção não sofre alteração se for dirigida a uma classe ou a outra.

Acho que esta ideia está a crescer ainda há é medo de arriscar e continuamos a preferir o emprego certo. Mas com o desemprego a aumentar vamos ter de nos virar para a criatividade e criar alternativas.

E: Considera que o facto de ser assistente social lhe dá uma maior credibilidade junto dos clientes?

A.S.: Talvez mais confiança e seriedade.

E: Que dificuldade tem encontrado na implementação e continuidade da empresa?

A.S.: Nem me fale nisso a começar pelo alvará, a segurança social, a legislação que está para os lares, enfim é uma luta constante...para abrir hoje um lar particular tem que se ter ou bons conhecimentos ou muito dinheiro ou um financiamento bancário sustentável...no meu caso o que me safou foi que eu tinha o espaço foi só fazer adaptações...mesmo essas nada fáceis. Um lar como o meu para ter sustentabilidade económica não pode ter um nº muito reduzido de clientes e como para ter dignidade as pessoas têm de estar pelo menos em quarto de 2 camas com umas dimensões significativas, veja em termos de espaço o que é preciso ter.

Eu aguento-me porque sou teimosa e persistente mas tenho momentos em que já pensei ficar só com o apoio domiciliário, em termos de custos é mais fácil.

E: Que balanço faz e quais as perspectivas para a iniciativa empresarial na área social?

A.S.: Penso que nós assistentes sociais com estes negócios nos devíamos juntar e falar e até quem sabe nos organizarmos em associação, divulgarmos mais estas iniciativas junto dos jovens colegas e pensarmos e reflectirmos sobre estas práticas profissionais e perspectivas futuras face às mudanças sociais que estão a acontecer.

Deixo-lhe este desafio e acho que o facto de estar a elaborar um trabalho sobre estas empresas é de louvar e deve ser divulgado.

E: Muito obrigada pela sua colaboração.

FIM

APÊNDICE III

Grelha de análise de conteúdo trabalhado

Tabela 1 – Tema: Percurso Académico e Profissional das Assistentes Sociais (Entrevista 1 à Entrevista 5)

Categoria	E1	E2	E3	E4	E5
Idade e Formação académica	<p>Idade 35 anos Curso no ISSS Coimbra Conclusão em 1997</p> <p>"...tenho 35 anos...acabei o curso de S.S. em 1997 em Coimbra..."</p>	<p>Idade 29 anos Curso na Universidade Católica de Lisboa Conclusão em 2003</p> <p>...tenho 29 anos e fiz o curso de S.S. na Católica de Lisboa em 2003..."</p>	<p>Idade 30 anos Curso no ISSS Porto Conclusão em 2003</p> <p>"...tenho 30 anos e tirei o curso de S.S. no ISSSPorto em 2003..."</p>	<p>Idade 51 anos Curso no ISSS Porto Conclusão em 1980/81</p> <p>"...já sou "velhota" tenho 51 anos e tirei o curso no Porto, no ISSSP em 80/81..."</p>	<p>Idade 30 anos Curso no ISSS Porto Conclusão em 2002</p> <p>"...tenho 30 anos sou assistente social e acabei o curso de assistente social em 2002 no ISSS Porto..."</p>

--	--	--	--	--	--

<p>Percurso profissional até à criação da iniciativa empresarial</p>	<p>... Trabalho de apoio a IPSS na área dos Idosos Técnica Lar Segurança Social</p> <p>Trabalho como Directora</p> <p>Carreira Profissional diversificada na área dos serviços sociais para pessoas idosas (funções de apoio técnico e direcção)</p> <p>"Bem comecei a trabalhar no ISS do Porto dando apoio técnico às IPSS na resposta Lar e a alguns lares também privados... depois fui directora técnica de um lar da Segurança Social e paralelamente dei apoio à montagem e implementação dos lares e SAD dos SAMS (Bancários)... e foi nesta sequência que ao mesmo tempo com uma outra colega ,que já não está comigo porque se reformou que , que criámos este projecto, esta empresa de Apoio Domiciliário Privado a Nortecare..."</p>	<p>— Sem carreira profissional na área dos idosos</p> <p>— Experiência de desemprego como AS</p> <p>Trabalhei num projecto “Aparece” que era um projecto com adolescente numa extensão do Centro de Saúde da Lapa...mas como todos os projectos tinha uma duração e acabou e fiquei desempregada...</p>	<p>— Sem carreira profissional na área dos idosos</p> <p>— Experiência de desemprego como AS</p> <p>— Formação Profissional na área do Empreendedorismo</p> <p>— Actividade Profissional como AS na área da saúde (empresa privada)</p> <p>Olhe, eu acabei o curso e como não arranjei emprego e optei por fazer um estágio profissional na Cruz Vermelha Portuguesa do Porto no Pólo de Gaia na área da formação de adultos e houve uma formação que não tinha nº suficiente de participantes e pediram-nos a mim e a outra colega para nos inscrevermos nessa formação. Esse curso chamava-se MINA (mulheres ideias negócios em acção).E aí estruturei e apresentei o projecto do que viria a ser a minha futura empresa.</p>	<p>-Carreira profissional vasta em várias áreas</p> <p>-Deficiência, recursos humanos, formação profissional para deficientes</p> <p>Trabalho com funções de direcção.</p> <p>Sim...comecei a trabalhar como assistente social numa fábrica no Porto na área dos recursos humanos.</p>	<p>-Carreira profissional com funções de Directora Técnica na área dos idosos.</p> <p>-Trabalho temporário na Cruz Vermelha do Porto.</p> <p>-Formadora no Centro de Novas Oportunidades.</p> <p>Fui directora técnica de uma IPSS na área dos idosos (acabou o contrato) e estive a trabalhar na Cruz Vermelha no Porto e acabou o contrato e fiquei desempregada.</p>
---	---	---	---	--	---

			<p>Entretanto comecei a trabalhar e ainda hoje trabalho como assistente social numa clínica de Hemodiálise... e em 2005 com uma colega também assistente social montámos a empresa.</p>	<p>Em 94 fui directora técnica numa escola de formação para deficientes e que tinha um serviço de apoio domiciliário para deficientes e foi uma área que sempre me interessou muito e onde em tempos tinha pensado criar uma resposta de tipo casa de acolhimento temporário para deficientes para os familiares poderem descansar um pouco e terem umas férias de vez em quando...as respostas sociais a esse nível são poucas e más.</p>	<p>Actualmente estou a trabalhar como formadora no Centro Novas Oportunidades em full time, entretanto tirei uma pós graduação em gestão da qualidade.</p>
--	--	--	---	--	--

<p>Grau de satisfação Profissional</p>	<p>— Insatisfação profissional com o exercício como AS na Segurança Social — Insatisfação associada à carga burocrática da SS, às limitações de respostas às necessidades dos utentes e á reduzida inovação</p> <p>Há sim...nunca desejei ser outra coisa...com todas as limitações que a nossa profissão tem sinto-me bastante realizada sobretudo agora que estou na empresa a tempo inteiro, c comecei logo a pensar em sair da Segurança Social.....com total exclusividade a este projecto...aliás a partir do momento que abri a empresa senti que era isto que me permitia exercer a minha profissão da forma que eu considero que deve ser exercida.....sem condicionalismos burocráticos pressões de todo um serviço público.bem já estava a trabalhar na área dos idosos, a minha pós graduação em gerontologia já tinha sido tirada exactamente</p>	<p>-Satisfação Profissional embora com limitação do desemprego</p> <p>Não, foi sempre esta profissão que eu quis ter e tenho consciência que como em todas as outras há desemprego, há locais melhor para trabalhar do que outras....mas isso é igual para todos os cursos...em primeiro lugar fiquei desempregada....não me renovaram o contrato de trabalho no Centro de Saúde após o término do projecto...entretanto tive três filhos quase seguidos...levou-me a pensar em abrir a empresa....a possibilidade de gerir o meu tempo compatibilizar com a vida familiar...até que com uma amiga e agora sócia que é psicóloga....surgiu a oportunidade de comprar esta empresa que já tinha</p>	<p>-Satisfação profissional -Satisfação de conciliar duas realidades profissionais distintas (área da saúde e idosos).</p> <p>Sim claro....e então tendo as duas opções... Poder trabalhar na clínica que como trabalho com doentes dependentes...muitos idosos...dá-me uma perspectiva de trabalho e ao mesmo tempo realizar o sonho de ter uma empresa minha....dá-me muito gozo....orgulho-me bastante do que já consegui só com 30 anos.....e tudo o que ainda tenho de aprender e crescer como profissional..</p> <p>A questão do Desemprego...estava a fazer um estágio profissional...mas acho que o facto de ter feito o curso sobre o empreendedorismo foi o factor mais importante foi mesmo o decisório.....o</p>	<p>-Insatisfação face às respostas existentes. -Impossibilidade de Inovar. -Limitações associadas ao exercício da prática profissional.</p> <p>Acho que sobretudo uma grande insatisfação face às respostas existentes...de inicio teve a ver com as respostas sociais ao nível dos deficientes e famílias e as direcções destas instituições IPSS, não nos deixam inovar, trabalhar como devíamos e queremos....sim penso que sobretudo o impulso para abrir esta empresa foi o hiato existente nas respostas sociais tradicionais...Como já disse há muito tempo que eu vinha a pensar nisto...mas na área dos deficientes... criando</p>	<p>-Alguma insatisfação profissional no trabalho de Formação Profissional (trabalho para uma instituição)</p> <p>-Satisfação no trabalho na sua empresa.</p> <p>Sim embora o que me realiza mais é a minha actividade na minha empresa de Apoio Domiciliário, no Centro das Novas Oportunidades é mais uma garantia económica de alguma sustentabilidade financeira enquanto a empresa não tiver solidez económica para eu poder apostar a 100% neste trabalho.Eu sempre pensei em ter algo meu criado por mim, ainda estava na faculdade e pensei num infantário.....mas durante o meu estágio profissional tive contacto com um curso de formação profissional sobre empreendedorismo o MINA (Mulheres, ideias e negócios em acção) e na sequência deste curso montei com outra colega um projecto de SAD , Baby Sitting e venda de artigos</p>
---	--	---	--	--	--

	<p>por estar a trabalhar nesta área e ser uma área na qual gosto sinceramente de trabalhar, por outro lado fiquei cansada e desmotivada com a intervenção do assistente social no ISS, pelo menos aqui no Porto....passamos o tempo em trabalho administrativo e as respostas sociais existentes para fazermos os encaminhamentos não me satisfaziam....os nossos directores tinham pouca abertura para alterar procedimentos e era um serviço social meramente assistencialista....nem se podia questionar nem inovar....a minha experiência no SAMS também não me realizou porque as próprias direcções a que eu reportava não me dava grande flexibilidade de actuação e como não eram da área do social, em termos profissionais era difícil o diálogo...</p>	<p>alvará mas estava falida...</p>	<p>projecto foi acompanhado por professores nas áreas do empreendedorismo e estava bem feito tinha pronto para o apresentar para o alvará à Segurança Social, às empresas para protocolos....enfim tinha estudos económicos feitos, o que até nos permitiu candidatar-mos a fundos económicos....era uma oportunidade que não se podia perder....Sim...ainda não tinha havido tempo para desencantos profissionais.....que hoje no trabalho na Clínica também não me considero mal...tenho maleabilidade técnica....mas claro não é a mesma coisa que trabalharmos para nós.....se um dia a empresa tiver mais sustentabilidade financeira acho que opto só por trabalhar aqui...</p>	<p>um lar de acolhimento temporário...mas as condições que a Segurança Social exige para a abertura de um lar é quase impossível....economicamente é preciso muito dinheiro....</p>	<p>ortopédicos..... e foi assim que a empresa nasceu....embora só mais tarde a tivéssemos posto a funcionar ,mas a ideia surgiu deste curso.</p>
--	---	------------------------------------	---	---	--

<p>Circunstâncias associadas à iniciativa empresarial</p>	<p>-Insatisfação profissional -Conhecimentos adquiridos como Directora de um Lar (ao nível da legislação, procedimentos)</p> <p>-Experiência na área de idosos.</p> <p>-Sentir-se apoiada (por uma colega mais experiente)</p> <p>Sim a insatisfação que sentia foi sem dúvida o motor impulsor mas também o já ter sido directora de um lar, saber da legislação para abertura de um equipamento social, estar por dentro a documentação necessária para a abertura, saber procedimentos para o funcionamento legal e claro a minha experiência na área dos idosos...e não posso esquecer que a colega com quem iniciei este projecto era uma mulher mais experiente e senti-me apoiada...acho que de inicio sozinha não me tinha aventurado.</p>	<p>-Desemprego</p> <p>-Possibilidade de compatibilizar vida familiar com profissional</p> <p>-Oportunidade de compra de empresa que tinha alvará.</p> <p>"...fiquei desempregada...possibilidade de gerir o meu tempo e compatibilizá-lo com a vida familiar.....surgiu a possibilidade de comprar esta empresa que já tinha alvará..."</p>	<p>-Desemprego</p> <p>-Conhecimentos sobre empreendedorismo.</p> <p>-Gratificação profissional</p> <p>"...a questão do desemprego...o facto de ter feito o curso sobre o empreendedorismo foi o factor mais importante foi mesmo o decisório...ando sempre a correr de um lado para o outro mas o facto de fazer exactamente o que gosto é muito gratificante..."</p>	<p>- Desemprego com indemnização (capital para investir)</p> <p>-Projecto familiar</p> <p>Então há 2 anos o meu marido saiu da empresa onde trabalhava com uma indemnização e eu despedi-me e iniciámos os dois este projecto...um SAD de apoio a doentes, idosos e deficientes....</p>	<p>-Estágio sobre empreendedorismo (um elemento facilitador)</p> <p>-Conhecimentos de gestão, de risco, inovação.</p> <p>-Independência profissional</p> <p>-Desemprego por despedimento (fim de contrato)</p> <p>-Falta de realização profissional.</p> <p>Não claro que não até porque eu na faculdade já pensava num infantiário...acho que foram um conjunto de factores...algumas ideias na minha cabeça, o próprio estágio ter sido facilitador num curso de empreendedorismo que me abriu a cabeça relativamente a muitos aspectos de risco, gestão, inovação independência profissional e também e julgo que muito decisivo o facto de ter sido despedida quando os contratos acabavam e nunca me ter sentido muito realizada profissionalmente...provavelmente se tivesse ficado a trabalhar no 1º emprego teria adiado estas ideias...ou não,</p>
--	---	--	--	---	--

					deparia do grau de satisfação e da liberdade de actuação...
--	--	--	--	--	---

				<p>Portanto a empresa tem 2 anos e para conseguir o alvará foi uma aventura....é tudo pedido aos poucos.... até parece assistentes sociais que o facto de sermos a ainda dificulta mais o processo...foi o que eu senti....por parte das nossas colegas do ISS</p>	
--	--	--	--	--	--

Tabela 2 – Tema: Percurso Académico e Profissional das Assistentes Sociais (Entrevista 6 à Entrevista 10)

Categoria	E6	E7	E8	E9	E10
Idade e Formação académica	<p>Idade 68 anos Curso no ISSS Lisboa Conclusão em 1968 "...sou assistente social e acabei o curso em 68 e tenho 60 anos..."</p>	<p>Idade 49 anos Curso no ISSSLisboa Conclusão em 1994 "...sou assistente social e fiz o curso no Mitelo no ISSSL em 1984 e tenho 49 anos..."</p>	<p>Idade 29 anos Curso na Católica de Lisboa Conclusão em 2004 tenho 29 anos sou claro assistente social e terminei o curso em 2004 na Católica de Lisboa.</p>	<p>Idade 34 anos Curso na Católica de Lisboa Conclusão em 2002 34 anos tirei a licenciatura na Católica em 2002 e fiz uma formação em Gerontologia , uma pós graduação</p>	<p>Idade 31 anos Curso na Católica de Lisboa Conclusão em 2003 Tenho 31 anos sou licenciada em serviço Social na Católica de Lisboa e acabei o curso em 2003.</p>
Percurso profissional até à criação da iniciativa empresarial	<p>Experiência profissional na Segurança Social</p> <p>Motivos familiares várias deslocações ao Canadá e EUA (visão das respostas sociais existentes nestes países</p> <p>Olhe eu trabalhei na Segurança Social durante uns anos e depois por razões de ordem profissional do meu marido estive muitos anos no Canadá e ainda me desloco com frequência lá o que me permitiu ter</p>	<p>Directora técnica do lar dos Inválidos do Comércio</p> <p>Experiência profissional na Segurança Social na área dos idosos</p> <p>No serviço de hemodiálise área da saúde) da CUF</p> <p>Trabalhei sempre na área dos idosos e doentes, estive como directora técnica do Lar dos Inválidos do Comércio, e depois na Segurança Social em</p>	<p>Estágio profissional numa IPSS na área dos idosos</p> <p>Não tem carreira profissional</p> <p>Fiz só um estágio profissional numa IPSS na valência de SAD e Centro de Dia, uma experiência que me deixou muito frustrada</p>	<p>Experiência profissional em IPSS na área de idosos</p> <p>Trabalhei numa IPSS com idosos com as valências de Apoio Domiciliário e Centro de Dia mas fazia a gestão de todo o equipamento</p>	<p>Estágio Profissional na área da Formação profissional</p> <p>Experiência Profissional como directora técnica num lar privado.</p> <p>Fiz um estágio profissional de 2 anos na área da Formação Profissional e trabalhei num Lar Particular como Directora Técnica.</p>

	também uma visão mais alargada do serviço social que se faz sobretudo no Canadá e também Estados Unidos onde também estive com frequência e me abriu alguns horizontes e acabou por me dar a motivação para iniciar este projecto.	várias instituições ligadas a idosos, no Hospital da Cuf no serviço de hemodiálise e agora na empresa...			
Grau de satisfação Profissional	<p>— Insatisfação profissional com o exercício como AS na Segurança Social</p> <p>— Insatisfação associada à carga burocrática da SS, às limitações de respostas às necessidades dos utentes e á reduzida inovação</p> <p>-Respostas sociais de má qualidade e escassas</p> <p>No inicio quando comecei a trabalhar na Segurança Social nem por isso, também foi há muitos anos e o serviço social era muito assistencialista e muito burocrático.... Eram informações e subsídios e não podíamos passar disso para além de que as</p>	<p>Satisfação profissional</p> <p>Necessidade sentida de constituir uma empresa privada</p> <p>Habilitações técnicas e profissionais para a implementação de empresa</p> <p>Sim, sim. Nem me via a fazer outra coisa... sempre quis ser assistente social e nunca me arrependi. Claro que nuns locais é mais fácil trabalhar do que noutros mas isso é assim em qualquer profissão cabe-nos a nós tentar dar a volta á situação e tentar encontrar o local em</p>	<p>— Insatisfação profissional com o exercício como AS</p> <p>Sim basicamente foi, ou mudava de profissão ainda equacionei essa hipótese ainda pensei em ir tirar outro curso, mas entretanto falando com uma amiga que é enfermeira começámos a pensar em abrir uma empresa de apoio domiciliário privado ela daria o apoio ao nível de cuidados de saúde e eu ficaria com toda a</p>	<p>— Insatisfação profissional com o exercício como AS</p> <p>Não agora sinto-me desde que comecei com a empresa mas anteriormente não eu fazia de tudo na instituição onde estava até as limpezas, era uma exploração na verdadeira acessão da palavra, não havia qualquer respeito pelos técnicos, e pagavam mal, não nos deixavam ir a qualquer formação...enfim foi para esquecer ou saia de lá ou dava em maluca. E nessa altura questioneei</p>	<p>— Insatisfação profissional com o exercício como AS</p> <p>Agora sinto-me mas a minha experiência profissional começou por não ser má no estágio profissional mas quando comecei a trabalhar no Lar foi péssimo pus tudo em causa inclusive pensei ir tirar outro curso. Os lares particulares são obrigados a ter assistentes sociais para terem o alvará e senti-me altamente explorada em todos os sentidos desde deontologicamente a</p>

	<p>respostas sociais eram muito más e escassas.</p>	<p>que nos realizemos mais.... Isto hoje em dia é mais difícil devido ao desemprego mas no meu tempo era relativamente fácil...como sempre estive ligada às questões da saúde e dos idosos era uma área em que tinha ideias muito definidas do que era funcionar bem o que os idosos precisavam como é que uma instituição devia funcionar...depois vi vários outros profissionais enfermeiros médicos a desenvolverem projectos de apoio domiciliário privado e comecei a pensar a sério nesta ideia....nós assistentes sociais sabemos como devem funcionar bem estes serviços então porque não avançar para iniciativas como estas... criando</p>	<p>intervenção social e a parte de administração propriamente.</p>	<p>muito o curso se era realmente assistente social que eu queria ser mas felizmente consegui perceber que aquilo não era exemplo da profissão.</p>	<p>economicamente. Como sabem da dificuldade de emprego, somos novas, inexperientes, e tentam de facto por um salário miserável pô-nos a fazer tudo, até limpezas se for preciso. Não consegui pactuar com aquilo e despedi-me. Foi então que pensei em montar um lar particular mas com a dignidade que os clientes e os funcionários merecem e devem ter.</p>
--	---	--	--	---	---

		respostas sociais?			
<p align="center">Circunstâncias associadas à iniciativa empresarial</p>	<p>-Motivação para inovar A equipa certa Independência profissional Gerir o tempo</p> <p>Não propriamente por estar descontente com o que fazia mas porque senti muita vontade de fazer algo novo, mais inovador e tinha comigo naquele momento as pessoas certas, estávamos todos muito motivados e apetecia-me trabalhar para mim sem ter de estar dependente de outros enfim dar uma volta à vida ter maior independência profissional e gerir o meu tempo de outra forma.</p>	<p>-Experiência na área de idosos e da saúde. A equipa certa e motivada Projecto pensado há muito tempo.</p> <p>Foi uma coisa pensada há muitos anos mas as condições para a concretizar só surgiram há cerca de 14 anos... como sempre estive ligada às questões da saúde e dos idosos era uma área em que tinha ideias muito definidas do que era funcionar bem o que os idosos precisavam como é que uma instituição</p>	<p>Insatisfação profissional Apoio de outra colega da área da saúde.</p> <p>Basicamente foi, ou mudava de profissão ainda equacionei essa hipótese ainda pensei em ir tirar outro curso, mas entretanto falando com uma amiga que é enfermeira começámos a pensar em abrir uma empresa de apoio domiciliário privado ela daria o apoio ao nível de cuidados de</p>	<p>Insatisfação profissional Necessidade desta resposta no mercado</p> <p>Já falei, sentia que havia e ainda há uma grande lacuna no mercado a nível de apoio domiciliário para uma classe média a 24horas e a preços acessíveis ou com bons protocolos com seguros de saúde. Por outro lado eu tinha de sair da instituição onde estava e a oferta de trabalho como sabe é pouca portanto ou ia para o desemprego ou abria a empresa...</p>	<p>Desemprego Insatisfação profissional Conhecimentos ao nível do negócio de uma empresa privada.</p> <p>Por um lado fiquei desempregada e como sabe o mercado de trabalho está péssimo, e por outro até agradeço o que passei no lar onde estive porque permitiu ver o que eu não queria fazer e o que deve ser feito deu-me as duas perspectivas, ensinou-me coisa importantes</p>

		<p>devia funcionar...depois vi vários outros profissionais enfermeiros médicos a desenvolverem projectos de apoio domiciliário privado e comecei a pensar a sério nesta ideia...nós assistentes sociais sabemos como devem funcionar bem estes serviços então porque não avançar para iniciativas como estas... criando respostas sociais? Na altura falei com algumas pessoas que se mostraram entusiasmadas com a ideia, pesquisamos o que havia nesta área porque fomos das 1^{as} a aparecer não existiam ainda muitas empresas, visitámos duas empresas holandesas para ver como funcionavam curiosamente também tinham sido</p>	<p>saúde e eu ficaria com toda a intervenção social e a parte de administração propriamente.</p>		<p>ao nível do negócio mas fez-me ver o que uma assistente social séria nunca faria, e como devem ser tratados os clientes de um lar com uma boa resposta social e humana.</p>
--	--	---	--	--	--

		constituídas por assistentes sociais, e começámos há cerca de 12 anos,, começámos só com 3 ajudantes familiares ,para ver um bocado como o mercado reagia, foi uma coisa que fomos construindo passo a passo.			
--	--	---	--	--	--

Tabela 1 – Tema: Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais (Entrevista 1 à Entrevista 5)

Categoria	E1	E2	E3	E4	E5
<p>Motivação e auto conceito como empreendedor</p>	<p>-Profissional insatisfeita -Gosto por inovar -Medo associado a risco -Transformar o risco em oportunidades. -Gosto por desafios -Profissional reivindicativa</p> <p>Sabe há uns anos atrás nunca pensaria que teria coragem para me lançar nesta aventura....vi-me sempre com um emprego “seguro”... mas também é verdade que fui sempre uma profissional insatisfeita, refilona e reivindicativa... o meu gosto por inovar, ir mais além de correr para aquilo em que acredito...e claro que com medo e indiscutivelmente porque senti o apoio da minha colega.....sim corremos riscos e agora que estou sozinha e que</p>	<p>- Considera-se empreendedora -Corre riscos -Incerteza do negócio -Gosto por inovar -Necessidade de criar novas soluções -Estabelecer parcerias</p> <p>Sim considero-me uma empreendedora, corri um enorme risco ao comprar uma empresa falida, só com um cliente....foi um processo difícil...mudar a imagem da empresa...atrair novos clientes...na vida estamos sempre a correr riscos mas quem tem um negócio vive sempre na incerteza... o que faz com que tenhamos que estar sempre a inovar, a criar novas soluções... contactos com entidades publicas e privadas para acordos e parcerias (quase</p>	<p>-Agarrar oportunidades -Conhecimentos sobre empreendedorismo -Considera-se empreendedora -Correr riscos -Ter uma sócia, um apoio, não estar só no projecto. -Sócia com perfil mais virado para a gestão.</p> <p>Sim aliás antes de fazer o curso sobre o empreendedorismo pouco ou nada sabia sobre o assunto... Mas até me parece que sou empreendedora...a oportunidade também estava ali mesmo à minha frente mas eu até tenho emprego...já estou efectiva...estou com alguma segurança profissional e acho que ser empreendedor é isto...perante uma oportunidade agarrá-la... ou então procurar a oportunidade... no meu caso ela já lá estava ou</p>	<p>-Não se considera empreendedora -Correu riscos calculados -Concretização de um sonho -Aventureira -Gosto pela inovação -Disponibilidade financeira -Apoio familiar Idealizar e concretizar novas ideias e projectos</p> <p>Não tinha muita noção nem me considero muito uma empreendedora os riscos que corri foram muito cuidadosos e Se fosse mesmo empreendedora tinha-me lançado nesta aventura à mais tempo... porque foi sempre um sonho mas demorou a implementar e acho que sem o apoio do meu marido economicamente e a própria disponibilidade física dele depois de se reformar foram os meus incentivos para correr os riscos....mas a também há</p>	<p>-Noções de empreendedorismo -Considera ter algumas características de empreendedora. -Sonho em ter um negócio -Risco calculado -Considera-se prudente -Necessidade de sustentabilidade para avançar</p> <p>Sim fiz um curso sobre o empreendedorismo acho que tenho algumas noções....até porque hoje fala-se deste conceito em todo o lado....se me considero uma empreendedora digamos que considero ter algumas características....sempre pensei em criar o meu próprio negócio, tenho tentado fazer formações para me apetrechar com ferramentas necessárias para implementar com sucesso um negócio....mas arrisco com alguma cautela por isso ainda acumulo com outro emprego....aí ainda não arrisquei...mas sou prudente e só avançarei com mais sustentabilidade.</p>

	<p>só vivo disto....estou permanentemente a correr riscos...mas para mim prefiro vê-los como desafios.....eu sou essencialmente uma pessoa que gosta de desafios.</p>	<p>relações publicas) ... tentando aumentar o nº de clientes....sem no entanto esquecer em manter a qualidade dos serviços prestados</p>	<p>corria o risco e aproveitava-a ou tinha medo e não tinha passado de um projecto académico. Penso que devia haver mais...e provavelmente é por falta de informação que não há mais colegas a abrirem empresas... eu nunca tinha pensado....</p>	<p>quem nunca o consiga fazer nesse aspecto talvez tenha um bocadinho de empreendedora....eu considero-me aventureira e gostei sempre de inovar de iniciar projectos novos, de idealizar e concretizar novas ideias às novas necessidades que vão surgindo...mas sem algum suporte teria sido difícil atirar-me para este projecto que economicamente foi muito ambicioso.</p>	
--	---	--	---	--	--

Tabela 2 - Tema: Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais (Entrevista 1 à Entrevista 5)

Categoria	E1	E2	E3	E4	E5
Iniciativas empresariais dos assistentes sociais/opiniões/satisfação com actividade profissional actual	<p>-Grande satisfação profissional -Autonomia técnica -Criatividade -Facilidade de se actualizar -Processo de aprendizagem constante. -Aumento da maturidade pessoal e técnica -Respostas sociais para um publico fora dos critérios habituais -Desafio profissional para os jovens licenciados.</p>	<p>-Novo caminho profissional -Novos desafios -Autonomia técnica nas práticas profissionais</p> <p>É um novo caminho, um novo desafio para a nossa classe, sobretudo para combater o desemprego....e também poderemos desenvolver práticas profissionais de acordo com o que aprendemos sem estarmos sujeitas a imposições de direcções....isto passa-se mais nas IPSS...muitas das minhas colegas de curso dizem isso...sempre com contratos precários e sem autonomia técnica nenhuma....: Sim muito....embora trabalhe muito o facto de poder gerir o dia...</p>	<p>-Gosto pelos desafios -Processo de grande aprendizagem -Possibilidade de mudança de intervenção do Serviço Social</p> <p>É uma oportunidade de alargarmos o mercado de trabalho a outras áreas da população que embora com dinheiro precisam destas respostas sociais.....e também temos pessoas da classe média com seguros de saúde e protocolos com o serviço social de várias empresas... ando sempre a correr de um lado para o outro mas o facto de fazer exactamente o que gosto é muito gratificante... e ter duas experiências profissionais ao mesmo tempo é muito enriquecedor...sinto que estou a aprender muito....dá-me imenso gozo estes desafios....retiro conhecimentos e aplico-os</p>	<p>-Iniciativas empresariais muito positivas -Possibilidades empreendedoras para as assistentes sociais -Respostas sociais para classes média e média alta. -As AS têm qualificações profissionais para estas iniciativas empresariais</p> <p>Considero-as muito positivas e acho que estão a aumentar sobretudo nas camadas mais novas...cada vez mais ouvimos as assistentes sociais a reclamarem insatisfação face ao mundo do trabalho, que não conseguem intervir como foram ensinadas muito do que aprenderam não podem pôr em prática... então estas iniciativas abrem-lhes as portas para</p>	<p>-Estas iniciativas empresariais como resposta ao desemprego ou trabalho precário. -Insuficiência de respostas sociais nas áreas dos idosos e deficientes -Entusiasmo para dedicação a tempo inteiro ao projecto empresarial.</p> <p>Sou o mais possível a favor sobretudo no momento actual com o desemprego que anda por aí ou o trabalho precário...só aparecem situações de empregos ligadas a estágios muito não remunerados em que puramente utilizam os licenciados (isto passa-se com todos os cursos), para não terem de pagar os salários devidos....claro que se os assistentes</p>

	<p>acontece no funcionalismo publico e também não me sinto como um pau mandado e às vezes muito mal mandado. Então actualmente que os idosos estão a aumentar as respostas são insuficientes a classe média está completamente</p>	<p>é compensador... claro que em termos de horas de trabalho isto é a 24horas posso ser chamada a qualquer hora.....basta haver um problema....não é um trabalho que se desligue e se vá para casa descansado.</p>	<p>tanto com os doentes da clínica como com os clientes da empresa. Não me via a fazer outra coisa acho que tenho imensa sorte...ainda sou nova e estou a construir algo que pode vir a contribuir para uma mudança de intervenção do serviço social...pelo menos era o que eu gostava...</p>	<p>implementarem as práticas profissionais através de respostas sociais que consideram as mais adequadas...a nossa classe ainda continua muito dividida com estas iniciativas poderíamos marcar uma nova posição, em como as assistentes sociais podem ser empreendedoras, empresárias, temos qualificações profissionais para o fazermos... e perceber que as classes sociais mais altas também têm necessidades de apoio social muitas das vezes estão completamente excluídos do apoio familiar e não têm o apoio do vizinho ou do amigo como acontece mais frequentemente nas classes mais baixas...a classe médias também está muito desprotegida... o apoio social das IPSS e da Segurança Social têm</p>	<p>sociais até fazendo sociedade com outras áreas profissionais se fossem empreendedoras e criassem respostas sociais pode ser a este nível ou outro...a área da deficiência também está muito a descoberto e lares para doentes de Alzheimer por exemplo... era uma solução também para o desemprego. Sim embora estou desejava de me poder dedicar cem por cento à empresa...penso que mais um ano e já será possível.</p>
--	--	--	---	---	--

				<p>critérios de admissão que os excluem...estes idosos da classe média são os que mais precisam neste momento. Tranquilizame saber que dou o meu melhor diariamente, vou avaliando todos os dias a minha intervenção e sempre que considero que houve falhas, até porque avalio não só eu, como fazemos com frequência avaliações de satisfação junto dos clientes famílias e os nossos colaboradores alterar e utilizar sempre que detectamos falhas está somente nas minhas mãos alterar metodologias e implementar novas práticas para qualificar cada vez mais e melhor os nossos serviços. Percebe depende de mim deixar andar ou melhorar sou totalmente independente para o fazer e não me acomodar.....esta</p>	
--	--	--	--	---	--

				liberdade de actuação é a grande mais valia a nível profissional, de satisfação profissional.	
--	--	--	--	---	--

Tabela 3 – Tema: Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais (Entrevista 1 à Entrevista 5)					
Categoria	E1	E2	E3	E4	E5

Tabela 4 – Tema: Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais (Entrevista 6 à Entrevista 10)

Categoria	E6	E7	E8	E9	E10
Motivação e auto conceito como empreendedor	<p>-Considera que será empreendedora porque ousa criar um projecto de vida -Alguma segurança familiar associada ao risco</p> <p>Iniciei o Lar e o SAD em 93 ainda não se falava muito nesses conceitos mas penso que qualquer pessoa que ousa criar algo em que acredita, com alma sem ser só para ganhar dinheiro, que faz disso um projecto de vida em função de apoiar neste caso idosos e doentes, será empreendedora...eu tenho o apoio do meu marido que é da área financeira e isso deu-me sempre alguma segurança.</p>	<p>-Considera o empreendedorismo um conceito novo -Não gosta de se acomodar e aproveitou uma oportunidade -Gosta de se actualizar e de acompanhar as mudanças sociais.</p> <p>Isso de ser empreendedora é um conceito novo moderno...mas nunca gostei de me acomodar senão me sentia bem com o que estava a fazer procurava mudar, felizmente havia essa oportunidade, gosto de me actualizar sempre acho que o serviço social tem de acompanhar sempre as mudanças sociais e estas cada vez são mais e mais rápidas as respostas sociais hoje</p>	<p>-Inconformista -Gosto por criar novas soluções -Gosto em inovar -Necessidade de criar respostas individualizadas</p> <p>Sim tenho, eu só uma pessoa pouco de me conformar com aquilo que não gosto, procuro criar soluções para me sentir realizada com o que faço, sempre quis ser assistente social e não gostava nada de ter de trabalhar noutras áreas, por isso “atirei-me de cabeça” e ainda não me arrependi...tento desenvolver um serviço com qualidade respeito pelos clientes e pelos colaboradores, tentando criar respostas inovadoras e centradas individualmente no que</p>	<p>-Considera-se empreendedora. -Gosto por correr riscos -Lacuna de respostas sociais para esta faixa da população -Insatisfação com a actividade profissional anterior</p> <p>-Sim acho que sim, eu penso que o facto de ser uma pessoa que não se acomoda aquilo em que não se sente realizada e o conseguir correr riscos (embora tenha tido medo) são factores característicos de um empreendedor não são? E tenho procurado mesmo com a empresa não me acomodar e tenho tido a preocupação de a fazer crescer em quantidade e qualidade, temos a funcionar</p>	<p>- Muita satisfação relativamente à profissão -Correr riscos</p> <p>Acho que sim mas o que eu constatei é que gosto mesmo é de ser assistente social senão face ao que passei tinha enveredado por outra profissão, o facto de ter continuado a lutar para conseguir exercer a minha profissão nos moldes em que acredito talvez faça de mim empreendedora, e claro que um negócio tem sempre o risco acrescido.</p>

		<p>não podem ser as mesmas de há uns anos a sociedade está a mudar todos os dias a um ritmo até assustador</p>	<p>cada cliente necessita e não respostas alargadas iguais para todos... cada idosos é diferente e precisa de cuidados específicos gosta de ser tratado de uma forma individualizada de se sentir especial como se fossemos quase da sua família...mas claro que com o devido distanciamento técnico que também é necessário salvaguardarmos.</p>	<p>paralelamente ajudas técnicas, fisioterapia, yoga do riso, actividades lúdicas com os idosos que ainda têm alguma autonomia, no fundo fazer crescer a empresa com várias áreas de negocio interligadas numa perspectiva de poder proporcionar aos clientes a prestação de um bom serviço.</p>	
--	--	--	---	--	--

Tabela 5 – Tema: Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais (Entrevista 6 à Entrevista 10)

Categoria	E6	E7	E8	E9	E10
<p>Iniciativas empresariais dos assistentes sociais/opiniões/satisfação com actividade profissional actual</p>	<p>-Concretização de um sonho -Inexistência na altura de respostas sociais de qualidade na zona -Na altura esta iniciativa empresarial não foi muito bem vista pela classe profissional -Muita satisfação profissional -Considera-se mais assistente social do que gestora</p> <p>Aqui há uns anos isto não era lá muito bem visto confesso, agora não sei... mas eu nunca me preocupei com isso...na altura o Lar e o SAD que abri eram das poucas respostas sociais de grande qualidade existentes aqui no Norte agora já há muitas mas na altura era tudo muito mau eu trouxe o conceito do “hotel” geriátrico e do apoio domiciliário a partir e em conjunto com a resposta lar numa 1ª fase</p>	<p>-Grande satisfação profissional -Necessidade de trabalhar em equipa multidisciplinar -Importância da equipa de trabalho</p> <p>Muito, até porque trabalho com uma equipa óptima, constituímos uma equipa multidisciplinar (também só me faz sentido desenvolver um projecto de apoio domiciliário se for com uma equipa polivalente temos médico enfermeira psicólogo economista e advogada) e claro eu e as ajudantes familiares.</p>	<p>-Novo campo profissional -Novas oportunidades de intervenção -Alternativa ao desemprego</p> <p>Porque não tive muita experiência como assistente social a trabalhar para outros, mas penso que em áreas específicas como apoio a idosos e por exemplo deficientes a nossa intervenção pode passar por empresas privadas aliás com alvará qualquer empresa destas tem de ter uma directora técnica com a nossa formação então porque não sermos nós a abrir estas empresas? Acho mesmo que é um novo campo profissional que está a aparecer para os assistentes sociais e que é pena não agarrarmos estas novas oportunidades até para</p>	<p>-Alternativa ao desemprego -Proporcionar respostas sociais de qualidade -Crescimento da população idosa como um potencial para estas iniciativas empresariais</p> <p>cada vez mais futuro para colmatar o desemprego e poder proporcionar respostas sociais de qualidade que infelizmente pela minha experiência profissional, são poucas as respostas na área dos idosos que têm de facto qualidade e que estão direccionadas para os interesses e as necessidades dos idosos ainda estamos ao nível do assistencialismo nesta área proporcionando somente os cuidados básicos, higiene e alimentação.</p>	<p>-Alternativa ao desemprego ou ao emprego precário -Alternativas profissionais para as AS -Possibilidade de pôr a funcionar boas respostas sociais.</p> <p>Face à dificuldade em encontrar emprego, ou emprego que de facto seja credível que nos realize profissionalmente e face à escassez de repostas sociais na área dos idosos sobretudo, lares em condições são poucos, o abrir lares ou outras respostas são uma alternativa para nós e para outros profissionais. Aliás lares normalmente são muitos de profissionais ligados à saúde, enfermeiros e médicos. Para nós assistentes sociais então para quem</p>

	<p>o idoso mantém-se em casa e depois numa fase de maior dependência terá o lar...embora actualmente os idosos estão muito dependentes e o Lar está sempre cheio com grandes dependentes e caso de Alzheimer....cada vez mais...Sim claro... isto foi um sonho que consegui concretizar e que me dá muita satisfação pessoal e profissional até porque continuo a ser essencialmente assistente social , de empresária e gestora tenho muito pouco...isso é tudo com o meu marido..</p>		<p>fazemos face ao desemprego.</p> <p>Porque não tive muita experiência como assistente social a trabalhar para outros, mas penso que em áreas específicas como apoio a idosos e por exemplo deficientes a nossa intervenção pode passar por empresas privadas aliás com alvará qualquer empresa destas tem de ter uma directora técnica com a nossa formação então porque não sermos nós a abrir estas empresas? Acho mesmo que é um novo campo profissional que está a aparecer para os assistentes sociais e que é pena não agarrarmos estas novas oportunidades até para fazermos face ao desemprego.</p>	<p>Os idosos actualmente principalmente os de uma classe média com um nível cultural mais elevado requerem para além desses cuidados outras respostas e isso poucas são as instituições que o fazem e esse é um campo em aberto para os assistentes sociais e outros profissionais por exemplo psicólogos. Com o aumento desta população que se prevê com um crescimento até assustador invertendo de tal maneira as pirâmides populacionais.</p>	<p>já trabalhou em lar, como eu, é uma oportunidade de pôr a funcionar uma boa resposta social, que embora discutível ainda continua a ser uma necessidade para muitos idosos e demênciados.</p> <p>Muito, embora as dificuldades sejam muitas, um lar aberto 24h dá muito trabalho, a gestão com o pessoal é difícil, e eu só chamada a intervir a toda a hora. Mas tem sido uma aprendizagem hoje já sei melhor gerir os recursos e já não stress tanto.</p> <p>Estou a pensar em fazer mais formação na área da gestão dos recursos humanos, considero fundamental para esta intervenção</p>
--	---	--	---	---	---

Tabela 6 – Tema: Perfil Empreendedor dos Assistentes Sociais (Entrevista 6 à Entrevista 10)

Categoria	E6	E7	E8	E9	E10
<p align="center">Capital de formação/necessidade de outras formações</p>	<p>- Não fez qualquer tipo de Formação nem sentiu necessidade.</p> <p>Não, não fiz nada de formações... a parte financeira e dos dinheiros é o meu marido que gere eu sou só assistente social e faço a gestão do pessoal e a supervisão do funcionamento e articulo com a segurança social e com as instituições com quem temos acordos de cooperação... só a gestão do pessoal no Lar temos 30 colaboradoras e do funcionamento diário, alimentação, hotelaria e a parte de enfermagem, médica e de fisioterapia, enfim um Lar é a 24h é muito trabalho e responsabilidade... tenho também uma assistente social a trabalhar comigo que é o meu grande apoio</p>	<p>-Pós graduação em Gestão de Recursos Humanos -Pós Graduação em Contabilidade e Gestão</p> <p>Sim, sim... fiz 2 pós graduações uma em gestão de recursos humanos e outra em contabilidade e gestão, e como tenho na equipa pessoas licenciadas nessas áreas também é uma mais valia...mas acho que nós para constituir uma empresa devemos sempre ter umas noções de gestão estar um pouco por dentro do funcionamento da logística e contabilidade da empresa senão pode não funcionar. As minhas funções na empresa são em 1º lugar de assistente social sou eu que faço o atendimento a todos os clientes a 1ª entrevista de admissão o acompanhamento da situação a formação continua as ajudantes familiares o plano de cuidados individualizados, a avaliação desse plano a gestão de</p>	<p>-Formação na área de gestão de recursos humanos -Alguns conhecimentos na área de contabilidade</p> <p>Sim aliás fiz formação na área da gestão de recursos humanos e a minha sócia sabe bastante de contabilidade e gestão financeira embora seja enfermeira fez também essas formações.</p>	<p>-Pós graduação em gerontologia -Duas formações em finanças e contabilidade</p> <p>Fiz uma pós graduação em gerontologia que foi importante mas fiz também duas formações em finanças e contabilidade e estas foram importantíssimas.</p>	<p>- Não fez ainda nenhuma formação mas sente necessidade sobretudo nas áreas de contabilidade e recursos humanos. -Pensa fazer mestrado em gestão de estabelecimentos.</p> <p>Sim sinto mesmo muita necessidade, sobretudo gestão (financeira e de recursos humanos). Também já ouvi falar num mestrado ou pós graduação em gestão de estabelecimentos ou uma coisa assim...tenho que me informar melhor.</p>

		conflitos entre a equipa e por vezes os clientes....mas também não posso descurar as questões de rentabilidade de recursos, de gastos e proveitos enfim a gestão da própria empresa ...			
--	--	---	--	--	--

Tabela 1 – Tema: Dinâmicas Empreendedoras dos Assistentes Sociais (Entrevista 1 à Entrevista 5)

Categoria	E1	E2	E3	E4	E5
Potencialidades e limitações na implementação da empresa	<p>-Considera uma mais valia ser AS -Considera limitações falta de formação na área de gestão -Falta de incentivo ao empreendedorismo -Maior agilidade burocráticas na obtenção do alvará -Algum desconforto perante s Segurança Social aliada ao facto de ser AS.</p> <p>Acho que já falei disso mas sintetizando...como potencialidades temos a mais valia de sermos assistentes sociais de termos formação académica e experiência profissional para trabalharmos com estes grupos, neste caso idosos e /ou dependentes, de termos capacidade para fazer um bom diagnóstico sobre cada situação em concreto, de envolver a família e os recursos</p>	<p>Potencialidades na formação académica - Profissionalmente as AS estão aptas para esta actividade -Pouca formação nas áreas de gestão é uma limitação -Inexistência de dificuldade burocrática devido à empresa já ter alvará -Facilidade de agir com resolução dos problemas.</p> <p>Bom...em termos das potencialidades eu diria que a nossa formação permite-nos ter uma visão alargada das várias vertentes do ser humano de forma a podermos avaliar e intervir junto dos clientes de uma forma global e não compartimentada...por outro lado temos bases de psicologia que é também muito útil até para gerirmos com alguma confiança as equipas das ajudantes familiares (que não são nada fáceis).....e também analisarmos com segurança as situações dos clientes nos vários aspectos(saúde, psicológicos,</p>	<p>-Limitações ao nível da gestão por falta de conhecimentos -Considera que as AS são profissionais qualificados para gerir estas respostas sociais -Dificuldades de natureza burocrática na obtenção do alvará -Alguma sensação de dificuldade acrescida pelo facto de ser AS</p> <p>Acho que como já disse as limitações são sobretudo ao nível da gestão e do empreendedorismo...perder o medo de arriscar e ter noções de como se cria uma empresa...embora nós tivéssemos essa questão muito facilitada...aliás acho que se no nosso curso se falasse destas vertentes haveria mais assistentes sociais a serem empreendedoras...em termos de</p>	<p>-As competências académicas e profissionais como uma mais valia -Considera como limitações a falta de agilidade burocrática sobretudo no processo do alvará -Falta de conhecimentos de gestão e de logística.</p> <p>As competências são a nossa formação ao nível social e humano, a possibilidade de avaliarmos cada situação nas suas várias vertentes (social, económica e familiar) e a possibilidade de construirmos uma resposta que vá ao encontro do que o nosso cliente necessita nas várias vertentes.</p>	<p>-Elevada competência para gerir estes serviços -Reconhecida capacidade académica e profissional -Limitações por falta de conhecimentos nas áreas financeiras -Dificuldades com a Segurança Social ao nível da burocracia. -Dificuldade em contratar pessoal qualificado nas áreas das prestações de cuidados.</p> <p>Olhe eu acho que estas áreas das respostas sociais sobretudo na área dos idosos os assistentes sociais são os técnicos com mais competência académica para gerir estes serviços e até me faz pena que a</p>

	<p>disponíveis para prestarmos todos os cuidados que o cliente necessita respeitando a sua vontade e sempre que a sua saúde psíquica o permita envolvendo-o nas respostas e avaliando-as com ele. Como as limitações as que já referi mais formação na área de gestão e de recursos humanos, gestão de equipas... talvez estágios mais nestas empresas...e falarem no curso sobre empreendedorismo e incentivarem os estudantes por estas escolhas profissionais.</p> <p>As maiores dificuldades têm sido e infelizmente com a segurança social para conseguir o alvará foi um filme.....e o facto de ser assistente social parece que ainda torna as coisas mais difíceis, as nossas colegas parece que não vêm com bons olhos estas iniciativas e fica-se com a sensação de nos estarem a dificultar</p>	<p>familiares) podermos analisar com o cliente e a família aquilo que é melhor como resposta que mais de adequa aquela situação.....</p> <p>Como limitações sem duvida os aspectos de gestão, de contabilidade de optimização de recursos...senão fosse o meu maridoisso seria dramático ou tinha de ter ido fazer uma formação nessa área...o que acho que ainda vou fazer...quero sentir-me segura e independente.</p>	<p>potencialidades nós somos os profissionais qualificados para gerir estas respostas sociais...eu exerço o serviço social tenho as ferramentas para acompanhar avaliar diagnosticar as necessidades os clientes que nos aparecem....adaptar as ajudantes familiares que melhor se adequam a cada situação....trabalhar a família do cliente que muitas vezes é também o cuidador informal e que por vezes precisa de imenso apoio psicológico</p>	<p>As limitações passam pela falta de agilidade, pela enorme burocracia que nos é exigida pela segurança Social para o alvará e na continuidade de todo o processo, pelas questões logísticas, desde a contabilidade as questões laborais de contratos de trabalho, enfim aí é que nos faltam os conhecimentos de gestão.</p>	<p>maioria esteja nas mãos de outros profissionais que sem querer dizer mal, não deviam a meu ver tê-las...embora agora a Segurança Social já começou a exigir uma directora técnica da área social, normalmente assistentes sociais...então de facto é reconhecida a nossa capacidade académica e profissional...em termos de limitações são mais as questões de ordem financeira mas essas aprendessem ou contrata-se um profissional dessa área. Um contabilista é obrigatório para qualquer empresa e ter um advogado a que recorrer sempre que necessário também considero importante. Todo o resto temos todas as</p>
--	--	--	--	---	---

	<p>permanente. É triste mas tenho falado com outras colegas e quase todas dizem o mesmo.</p> <p>Estes processos são muito burocráticos e poderiam ser agilizados.</p>				<p>ferramentas para levar por diante estas empresas.</p>
<p>Posicionamento assistente Social e empresária</p>	<p>-São realidades compatíveis -A actividade profissional como AS é a mesma no público ou no privado -Rentabilização de recursos/saldo positivo/viabilidade económica</p> <p>Não são de todo incompatíveis...eu continuo a exercer o serviço social, faço visitas domiciliárias, entrevistas diagnóstico,</p>	<p>-Não existe incompatibilidade AS/empresária -Outro tipo de cliente mas problemas semelhantes (afectivo, familiar e psicológico)</p> <p>Não vejo qualquer incompatibilidade...os nossos clientes embora sejam de classe média e até alguns da alta, são pessoas que também necessitam de ser bem tratadas, muitos não têm qualquer apoio familiar...tenho casos de isolamento atroz...muito carenciados sob o ponto de vista afectivo e psicológico...até</p>	<p>-Compatibilidade entre AS e empresária nesta área -Necessidade de maior assertividade.</p> <p>Penso que se podem complementar... aqui na empresa eu na brincadeira digo que eu sou a assistente social e a minha sócia é a empresária...mas de facto é só uma questão dos nossos feitos eu como a tenho a ela demito-me mais do</p>	<p>-Inteira compatibilidade entre AS e empresária -Equilíbrio entre os fins humanitários e uma boa gestão financeira</p> <p>A meu ver há inteira compatibilidade. Se a empresária nunca perder de vista os fins humanitários, solidários mas também não podendo esquecer a</p>	<p>-Não existe incompatibilidade. -Importante a vertente humanista na empresária.</p> <p>Ai eu nesses aspectos sou muito radical nunca me considereei uma assistente social na linha do assistencialismo, considero que todos os cidadãos num determinado momento da sua vida podem precisar dos</p>

	<p>plano de cuidados, avaliação das situações, reuniões com as equipas de ajudantes familiares acompanhamento as famílias do idoso, e ao mesmo tempo faço gestão de recursos humanos e materiais, no sentido de os rentabilizar sem pôr em causa a qualidade da prestação dos serviços, tentando que a empresa tenha saldo positivo e seja economicamente viável.</p>	<p>tenho pensado em fazer um mestrado com uma investigação nesta área...o abandono dos familiares é muito superior nestas classes altas do que nas mais baixas...pelo menos é o que tenho constatado...tento fazer um trabalho junto das famílias para as envolver com o idosos e as responsabilizar do seu papel</p>	<p>papel de gestora mas acho que sozinha neste momento já conseguia continuar com o negócio...mas facilitamos um bocado porque quando é preciso ser mais assertivo com os colaboradores ou mesmo nos problemas de por exemplo pagamento dos clientes é bom que seja outra pessoa a intervir e eu posso ficar só com o papel técnico...em termos estratégicos funciona bem....eu posso sempre remeter para a minha colega as situações mais desagradáveis e como ela não está tanto no trabalho directo ...funciona bem....é como se eu remetesse à apreciação da direcção....não sei se estou a ser clara...</p>	<p>necessidade de gerir bem para haver sustentabilidade no negócio é perfeitamente possível conciliar as duas vertentes</p>	<p>serviços de uma assistente social e portanto não me parece incompatível a conjugação das duas coisas....até me parece bom a vertente humanista na empresária.</p>
--	---	---	--	---	--

<p>Factores empreendedores nestas dinâmicas</p>	<p>Novos públicos -As mesmas necessidades em várias classes sociais -Oportunidade de emprego -Deixar a visão assistencialista destas respostas sociais -Perceber as mutações que estão a correr na sociedade</p> <p>As duas coisas...está a haver uma mutação e ainda bem... temos de acabar com o assistencialismo que ainda continua a existir, abrir os horizontes e perceber que os idosos da classe média e mesmo alguns da classe média alta também precisam de apoio de qualidade e têm todo o direito a tê-lo se têm mais possibilidades</p>	<p>-Novos públicos -Criação do nosso emprego (auto-emprego) -Maior autonomia profissional -Maior independência na gestão do tempo</p> <p>Acho que as duas coisas...tem se de começar a ver a nossa intervenção também direccionada para outra população porque também esta é carenciada a outros níveis (pode não ser o económico mas é o social enquanto isolamento abandono poço afecto...e por outro lado o podermos criar o nosso próprio emprego dá-nos autonomia profissional e familiar e pessoal...melhora a nossa qualidade de vida, a nossa auto estima e a nossa independência profissional.</p>	<p>-A mesma resposta social para outros públicos -Resposta ao desemprego Criatividade na intervenção -Inovação e necessidade de formação permanente -Não pode existir acomodação profissional</p> <p>Há sim, uma mudança não na intervenção mas no publico alvo...a resposta social SAD é a mesma temos é de adaptar a intervenção a um outro tipo de pessoas, mais cultas com outros interesses com poder económico elevado...é um campo de intervenção que pode e deve ser agarrado...</p>	<p>-Estas empresas são outra via profissionalizante -Alternativa ao desemprego -Outro público mas as mesmas carências -Mais valia em novas formações noutras áreas -Profissionais mais completos com uma área maior de conhecimentos. -Visão mais real das mudanças sociais</p> <p>É um outro caminho é uma outra via profissionalizante, o mercado de trabalho deixa de ser só em IPSS ou no Estado (que em termos de vagas está completamente fechado só com</p>	<p>-Aumento da criatividade associada ao desemprego -Alternativa ao desemprego -Desvinculação aos padrões de empregabilidade habitual (estado e IPSS) -Agarrar oportunidades e construir a seu percurso profissional</p> <p>As duas coisas... se falar com colegas da minha geração ou mais novas já têm uma visão mais aberta do mercado de trabalho já não se posicionam na linha de só trabalhar em instituições ligadas a</p>

	<p>económicas se têm seguros de saúde porque não criamos respostas para eles? Às tantas são estes os excluídos aliás para mim são os novos excluídos, com algum dinheiro mas muito pouca retaguarda familiar e social.</p> <p>Relativamente ao desemprego como já disse é de facto outras saídas profissionais.</p> <p>As duas coisas...está a haver uma mutação e ainda bem.....temos de acabar com o assistencialismo que ainda continua a existir, abrir os horizontes e perceber que os idosos da classe média e mesmo alguns da classe média alta também precisam de apoio de qualidade e têm todo o direito a tê-lo se têm mais possibilidades económicas se têm seguros de saúde porque não criamos respostas para eles? Às tantas são</p>		<p>não põe em causa a nossa intervenção como assistentes sociais até a complementa e claro como no nosso caso foi também uma resposta ao desemprego...</p>	<p>grandes cunhas é se entra) e passa a existir esta outra possibilidade que é uma mutação de paradigmas e é uma outra alternativa ao desemprego como se as nossas respostas só pudessem incidir nos mais desfavorecidos economicamente, mas não devíamos esquecer que a classe média também tem necessidade de respostas sociais.....é aquilo que já falei atrás.....por outro lado ao trabalharmos nestas vertentes alargamos os nossos horizontes ficamos com uma visão mais alargada dos problemas existentes em todas as classes sociais e o facto de aprendermos a lidar com o sector económico de gestão, recursos humanos</p>	<p>Igreja ou à burocracia e tecnocracia das instituições do estado, já têm outra visão claro que a questão de desemprego faz-nos começar a puxar pela cabeça e a ser criativas e procurar outras alternativas...isto do emprego para a vida já era...cada um tem de criar a sua carreira e agarrar ou criar as oportunidades....e foi o que eu e felizmente já algumas colegas estamos a fazer sem pôr em causa nunca o profissionalismo e o bom desempenho da nossa intervenção junto dos que precisam dela, mesmo que tenham recursos económicos mais elevados...</p> <p>E: Considera que pelo facto de ser assistente social isso lhe dá uma maior</p>
--	---	--	--	---	---

	<p>estes os excluídos aliás para mim são os novos excluídos, com algum dinheiro mas muito pouca retaguarda familiar e social.</p> <p>Relativamente ao desemprego como já disse é de facto outras saídas profissionais.</p>			<p>torna-nos mais completos profissionalmente e com outra visão da realidade.</p>	<p>credibilidade junto dos clientes?</p>
--	--	--	--	---	--

Tabela 2 – Tema: Dinâmicas Empreendedoras dos Assistentes Sociais (Entrevista 6 à Entrevista 10)

Categoria	E6	E7	E8	E9	E10
Potencialidades e limitações na implementação da empresa	<p>-Não teve muita dificuldade porque teve apoio familiar -Dificuldades na área de gestão do pessoal -Considera que é uma referência na zona.</p> <p>Não encontro grandes dificuldades já tenho este lar há muitos anos e tenho tido muito apoio na área financeira que seria o que para mim era mais complicado sendo assim a questão do pessoal talvez seja o que me dá mais trabalho mas como tenho uma colega a trabalhar comigo é uma grande ajuda. Já somos conhecidos aqui na zona temos credibilidade comprovada fazemos um trabalho sério com preocupação em servir o melhor possível os nossos clientes. Empresas como lares e</p>	<p>-Alguns conhecimentos e prática de gestão em equipamentos foi facilitador -Dificuldades burocráticas com o alvará e todo o processo a ele associado. -Sentimento de algum mal-estar pelo facto de ser AS</p> <p>Eu tirei o curso de serviço social há muitos anos mas na altura tínhamos economia e como naquela época o nosso curso ao nível da escolha dos últimos anos de liceu era igual para o curso de economia eu fiquei com algumas noções... mas depois com o correr dos anos esquecesse muito... mas como estive quase sempre como directora técnica de instituições sempre fui estando familiarizada com alguma gestão... mas para termos uma empresa temos de estar por dentro de questões de gestão e contabilidade senão a empresa não tem viabilidade económica.</p>	<p>-Facilidade na obtenção do alvará associado a ter um espaço físico facilitador -Dificuldades de ordem financeira e de gestão</p> <p>Eu consegui facilmente o alvará tive a sorte de encontrar um espaço com as condições exigidas, mas em termos de desconhecimento de gerir economicamente um negócio é onde sinto mais dificuldades, as questões de contabilidade os IVA, enfim muita burocracia.</p>	<p>-Dificuldades ao nível da gestão -AS e gestoras podem ser duas áreas complementares -Potencialidade nas vertentes social e gestão -Aproveitar uma limitação (gestão) e potencializá-la no social</p> <p>Eu considero que ainda estou a aprender e o caminho ainda agora começou, mas senti dificuldades a este nível da gestão e só agora tenho vindo a entender que uma assistente social e uma gestora não são duas áreas distintas mas complementares, ou seja posso e devo ser uma gestora “ social” ou seja sem perder a visão social posso encontrar mecanismos de gestão que me permitam com os mesmos custos melhorar o apoio social que</p>	<p>-Experiência profissional como directora técnica é uma potencialidade -Conhecimentos técnicos e profissionais pelo facto de ser AS -Limitações de ordem fiscais -Dificuldade no alvará e na sustentabilidade financeira aliada às exigências da Seg. Social</p> <p>Eu diria que potencialidades o facto de ter vivido uma experiência de directora técnica de um lar, e o facto de ser assistente social e ter a possibilidade de saber aliar as necessidades que são sentidas pelos clientes com uma boa resposta que lhes</p>

	<p>residências assistidas deviam haver mais, os nossos colegas debatem-se com falta de bons equipamentos como resposta ao crescente envelhecimento da população por isso deviam pensar em abrir mais lares a funcionar bem como boas respostas sociais, sabemos o que é isso é só preciso avançar com mais projectos... agora até há apoio comunitários e subsídios para a criação de empresas</p>	<p>O curso actualmente talvez já tenha mais cadeiras destas áreas porque senão é necessário fazermos formações e cursos destas matérias</p>		<p>prestamos. No caso da empresa claro que temos de ter lucro não temos subsídios por isso existe uma vertente lucrativa mas como assistente social pretendo dar uma resposta integrada, em que os clientes que podem pagar paguem bem o serviço mas os que tiverem mais dificuldade com os protocolos que celebramos com os vários serviços de saúde e até com um trabalho com as famílias implicando-as no processo, se consiga financiamentos para baixar determinados custos e possamos responder a outro publico. Esta vertente social/gestão pode “casar” muito bem.</p>	<p>podemos proporcionar, e as limitações são de natureza de gestão de fiscalidade, de ter de associar um bom serviço mas que este seja também rentável e dentro da legislação que temos isso é difícil</p>
--	--	---	--	--	--

<p>Posicionamento assistente Social e empresária</p>	<p>-Considera-se AS em 1º lugar. -Não se vê muito como empresária embora acha que é possível que até seja.</p> <p>Eu sou assistente social em 1º lugar e nunca me vi muito como empresária, nem me lembro disso...é um projecto meu no qual acredito mas não vejo que nós não possamos ser “empresárias” se lhe quiser chamar assim</p>	<p>-Possibilidade de aliar a função de AS com responsabilidade ao nível da gestão. -Não existe incompatibilidade.</p> <p>Acho possível fazermos as duas coisas eu continuo a ser assistente social dentro da equipa mas tal como os outros sócios também tenho responsabilidades de gestão e de contribuir para a viabilidade económica deste projecto.</p> <p>Em termos técnicos o meu trabalho é respeitado e procuro desenvolver um apoio o melhor possível aos nossos clientes de uma forma</p>	<p>-Viabilidade AS/empresária. -Sendo empresária continua a exercer a prática profissional de AS -Necessidade de certificação da empresa no modelo da qualidade do ISS utilizando as metodologias exigidas A qualquer AS</p> <p>São perfeitamente viáveis uma com a outra, pelo facto de ser empresária continuo a exercer a minha pratica profissional da mesma maneira, com a mesma metodologia, os mesmos objectivos os mesmos instrumentos de</p>	<p>Intervir como AS sem perder a visão de gestão equilibrada -Compatibilidade nas duas áreas. -Não perder de vista a dimensão humana da resposta social. -A dimensão empresarial não pode sobrepor-se à visão social e humana.</p> <p>É isso que falei não é nada incompatível como pode parecer à primeira vista, pelo contrário podemos intervir como assistentes sociais sem perder de vista uma gestão equilibrada. Se não o conseguirmos há</p>	<p>-Existe compatibilidade -Alterações sociais /práticas profissionais adaptadas.</p> <p>Tem sido um caminho interessante aqui à uns anos se me falassem nisto diria que não fazia sentido mas hoje penso que não há qualquer incompatibilidade antes pelo contrário o poder associar uma boa intervenção social num espaço em que posso intervir como acho correcto sem interferências de</p>

		<p>o mais humana possível e indo ao encontro do que cada um necessita. Não vejo qualquer incompatibilidade.</p>	<p>diagnóstico, os mesmos procedimentos, aliás estamos a São perfeitamente viáveis uma com a outra, pelo facto de ser empresária continuo a exercer a minha pratica profissional da mesma maneira, com a mesma metodologia, os mesmos objectivos os mesmos instrumentos de diagnóstico, os mesmos procedimentos, aliás estamos a certificar a empresa e estamos a funcionar com o modelo de qualidade do ISS. certificar a empresa e estamos a funcionar com o modelo de qualidade do ISS.</p>	<p>sempre a possibilidade de nos associarmos a outros profissionais e desenvolver um projecto partilhado com outras vertentes profissionais, sei de empresas que têm assistentes sociais e economistas e psicólogos e cada um contribui na sua área. Penso que não podemos é perder de vista a dimensão humana da resposta não somos uma máquina de fazer dinheiro os nossos clientes são pessoas em situação de vulnerabilidade e como tal têm de ser tratados com respeito e temos de oferecer serviços que estejam de acordo às suas reais necessidades, ou seja a visão empresarial não se pode sobrepor à visão social e humana.</p>	<p>outros , em que posso ajudar a sentirem-se bem o mais em casa possível respeitando os gostos e interesses de cada cliente faz-me todo o sentido e é preciso não esquecer que a classe média está muito desprotegida, tem menos ligações de vizinhança menos rede familiar normalmente menos filhos, e é considerada fora dos escalões para apoio da segurança social ou Santa Casa. Eu pergunto se com uma reforma de 500 ou 600 euros uma pessoa já é considerada rica! Senão recorrer ao apoio familiar não tem alternativas se precisar de ir para um lar.</p>
--	--	---	--	---	--

<p>Factores empreendedores nestas dinâmicas</p>	<p>-Resposta ao desemprego. -Maior disponibilidade familiar</p> <p>...Uma resposta ao desemprego é seguramente...as AS mais novas se estiverem descontentes com o emprego poderá ser uma possibilidade e com a facilidade que os jovens hoje têm é bom que conheçam outras experiências inovadoras</p>	<p>-Oportunidade de emprego -Alternativa à insatisfação profissional -Maior informação e motivação das escolas face a estas novas possibilidades -Perder o medo de arriscar/correr riscos -Inovação em novas práticas de intervenção -Possibilidade de alargamento das respostas sociais</p> <p>Olhe no meu caso não foi essa a questão mas acho que de facto esta pode ser uma via para o desemprego, ou para o emprego precário, que por vezes também traz a insatisfação profissional. Acho é que nas escolas estas oportunidades deviam ser faladas e incutir nos jovens estas novas realidades e encorajá-los a não terem medo de arriscar e de</p>	<p>-Oportunidade de emprego. -Criatividade na criação de novas respostas sociais. -Possibilidade de alargamento a novas áreas sociais.</p> <p>As duas, se queremos trabalhar como assistentes sociais temos de criar mecanismos face ao crescente desemprego ou emprego precário ou empregos em que não respeitam minimamente o nosso trabalho como infelizmente há muito por aí.</p>	<p>-Combate o desemprego -Equacionamento de novas práticas -Mudanças sociais a nível mundial -Necessidade de formação e actualização permanentes -Maior investimento na formação e actualização constante</p> <p>Talvez as duas, uma resposta ao desemprego é evidente, e ao sê-lo faz as assistentes sociais equacionarem novas práticas e posicionarem-se de outra forma.A sociedade está a mudar ao minuto, estive a ler um livro sobre economia e a globalização “ O mundo Plano “ não sei se conhece, e é assustador a rapidez como tudo está a mudar, os padrões</p>	<p>-Alteração na visão do AS -Novos públicos e necessária alteração da intervenção -Não ter medo de arriscar Aumentar a criatividade -Criar alternativas face ao desemprego.</p> <p>Com estes “novos” públicos, com o aumento dos idosos, idosos mais diferenciados e com uma nova visão que os assistentes sociais mais novos já começam a ter de que não deixamos de ser assistentes sociais se trabalhamos com uma classe média deixando de lado a visão assistencialista</p>

		<p>experimentar novas formas de empresas diz noutras áreas por exemplo os deficientes estão sem apoios nenhum é uma área a investir em termos de instituições de apoio. trabalhar. Quem diz nestas</p>		<p>económicos e sociais estamos todos interdependentes, a Europa está a perder terreno e outras potências a emergir de uma forma gigantesca alterando os nossos modos de vida, por isso a intervenção dos assistentes sociais tem de acompanhar a evolução da sociedade e estar de acordo com as novas necessidades que forem surgindo. E hoje em qualquer profissão não nos podemos agarrar ao “canudo” e pensar em parar, temos de estar permanentemente a actualizar-mos a procurar outras formações, a cruzar várias experiências, o que aprende hoje já está desactualizado muito rapidamente por isso num campo vasto como o nosso com o tecido social sempre a mudar, nós somos daqueles profissionais que não</p>	<p>que só estamos em função do apoio aos mais carenciados, mas com uma visão mais alargada que numa classe chamada média por vezes somos tão ou mais necessários, e que a nossa intervenção não sofre alteração se for dirigida a uma classe ou a outra. Acho que esta ideia está a crescer ainda há é medo de arriscar e continuamos a preferir o emprego certo. Mas com o desemprego a aumentar vamos ter de nos virar para a criatividade e criar alternativas.</p>
--	--	--	--	---	--

				podemos parar de evolucionar academicamente.	
--	--	--	--	--	--